

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Os gestos dos Papas no Brasil: relações entre o presencial e o midiático.**

Maria Cristina Angelini

São Paulo

2014

Maria Cristina Angelini

**Os gestos dos Papas no Brasil: relações entre o presencial e o midiaticizado.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo

2014

Angelini, Maria Cristina.

Os gestos dos Papas no Brasil: relações entre o presencial e o midiaticizado.

156 f. 2014

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.

1. Comunicação. 2. Igreja Católica. 3. Gestos. 4. Mídia Primária. 5. Ecologia da Comunicação. I Menezes, José Eugenio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**AUTORA: MARIA CRISTINA ANGELINI**

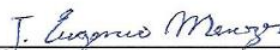
**“OS GESTOS DOS PAPAS NO BRASIL: RELAÇÕES ENTRE O  
PRESENCIAL E O MEDIATIZADO”.**



**Profa. Dra. Joana Terezinha Puntel**  
Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM



**Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino**  
Faculdade Cásper Líbero



**Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes**  
Faculdade Cásper Líbero

**Data da Defesa: 05 de setembro de 2014.**

*Aos meus queridos pais: Antônia  
Meniasso Angelini (in memoriam) e  
Geraldo Angelini*

## **Agradecimentos**

Minha profunda gratidão ao Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes por acreditar, incentivar e compartilhar sua sabedoria;

aos Professores Joana Puntel e Luís Mauro Sá Martino pela leitura, comentários e sugestões;

aos participantes do Grupo de Pesquisa ‘Comunicação e Cultura do Ouvir’;

a Glória Amorim por incentivar e apoiar a volta aos estudos;

a Marilei Zanini, Wanda Alviano, Paulo Keppler e Cecília Queiroz pelo apoio e incentivo;

a Ana Pinho, CEDOC – TV GLOBO – por colaborar na pesquisa de imagens.

a todos os entrevistados pela colaboração e disponibilidade: Dom Raymundo Damasceno, Frei Hanz, Frei Leonardo Boff, Pe. Juarez de Castro, Pe. Jocelir Vizioli, William Waack, Ernesto Paglia, Waldemar Rossi e Gerson Camarotti.

a Cecília Fornaziero Abraham (in memorian) por despertar a minha paixão pela leitura e pelos livros.

*Consulte não a seus medos, mas as suas esperanças e sonhos.*

*Pense não sobre suas frustrações, mas sobre seu potencial não usado.*

*Preocupe-se não com o que você tentou e falhou, mas com aquilo que ainda é possível a você fazer.*

*Papa João XXIII*

## Lista de Ilustrações

FOTO - 1 Pontífice se reúne com Papa Emérito.....	18
FOTO - 2 Papa Francisco e o Papa Emérito Bento XVI em Castel Gandolfo.....	18
FOTO - 3 Papa Francisco beija uma criança e ganha batatinha.....	20
FOTO - 4 Papa Francisco abençoa Vinicio Riva.....	21
FOTO - 5 Papa João XXIII visita crianças em hospital em Roma.....	29
FOTO - 6 "Varrer a poeira do trono de Pedro".....	30
FOTO - 7 Sessão do Concílio Vaticano II.....	31
FOTO - 8 Perito Joseph Ratzinger durante o Concílio Vaticano II.....	32
FOTO - 9 Papa João Paulo II beija criança em Roma.....	37
FOTO - 10 Daniel Militão e o Papa João Paulo II em SP, 1980.....	37
FOTO - 11 Daniel no colo de João Paulo II.....	37
FOTO - 12 Site da Record publica foto da missa de Aparecida.....	40
FOTO - 13 Algumas imagens de João Paulo II em seus 27 anos de papado.....	41
FOTO - 14 Papa João Paulo II beija o chão, em Brasília.....	42
FOTO - 15 João Paulo II beija o chão em São Paulo.....	42
FOTO - 16 João Paulo II e os trabalhadores no estádio do Morumbi.....	47
FOTO - 17 Papa se encontra com seu agressor.....	50
FOTO - 18 Papa Bento XVI na missa de canonização de Frei Galvão.....	61
FOTO - 19 Papa Bento XVI abraça crianças.....	64
FOTO - 20 Papa Bento XVI coloca um boné na cabeça.....	64
FOTO - 21 Papa Bento XVI tenta abraçar um jovem .....	65
FOTO - 22 Papa Bento XVI cumprimenta jovens.....	67
FOTO - 23 Papa Bento XVI cumprimenta os fiéis .....	68
FOTO - 24 Bento XVI circula de papamóvel em Aparecida.....	72
FOTO - 25 Bento XVI beija uma criança no papamóvel.....	74
FOTO - 26 Papa Francisco é apresentado aos fiéis e pede orações.....	78
FOTO - 27 Papa Francisco beija criança em Aparecida.....	83
FOTO - 28 e 29 Papa Francisco carrega a própria mala de mão.....	85
FOTO - 30 Papa Francisco e Dom Damasceno no ônibus.....	86
FOTO - 31 Papa Francisco recebe beijo de uma criança em Aparecida.....	86
FOTO - 32 Papa Francisco nas ruas do Rio de Janeiro.....	87
FOTO - 33 Panorâmica de Copacabana no encerramento da JMJ.....	88
FOTO - 34 Papa Francisco na missa de encerramento da JMJ.....	88
FOTO - 35 Papa Francisco, um ano de Papado na Praça São Pedro .....	89
FOTO - 36 Cardeal Bergoglio em Aparecida.....	89
FOTO - 37 e 38 Papa Francisco em Aparecida e na Catedral do Rio.....	90
FOTO - 39 Papa Francisco faz selfie com jovens no Vaticano.....	91



ANGELINI, Maria Cristina. **Os gestos dos Papas no Brasil: relações entre o presencial e o midiático.** 155 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

## Resumo

Esta dissertação aborda os gestos públicos dos Papas que visitaram o Brasil e a repercussão dos mesmos gestos pela cobertura midiática, especialmente pela televisão. O país recebeu a visita de três líderes da Igreja Católica: João Paulo II, Bento XVI e Francisco. O destaque para cada um deles, em diferentes momentos da história do Brasil e da própria Igreja, foi intenso na mídia; as imagens dos gestos de cada um correram o mundo e de alguma forma envolveram os brasileiros. A pretensão é, a partir da observação do acervo dos registros televisivos (frames – fotogramas das imagens transmitidas pela TV) e das fotos publicadas nos sites, nos jornais e revistas impressos de cada visita, compreender as relações entre os gestos dos Papas, a cobertura e o aproveitamento dos gestos para obtenção de audiência midiática. Para compreendermos como essas dinâmicas se relacionam recursivamente mostraremos parte da história da relação da Igreja com os meios de comunicação. Retrocedendo ao espetáculo das condenações de hereges pela Inquisição até as notícias a respeito da renúncia crítica ao luxo pelo Papa Francisco, passando pelos destaques dos beijos de João Paulo II nos solos dos países que visitava e pela reação contida de Bento XVI diante das lentes de cinegrafistas e fotógrafos, observaremos como a cultura da mídia repercute os gestos. Diversos autores fornecerão os referenciais teóricos para estudo dos fenômenos analisados. A partir de Ismar de Oliveira Soares, Joana Puntel e Antonio Costella analisaremos a história das relações da Igreja Católica com os meios de comunicação, desde a fase de crítica aos meios até a descoberta da importância e uso dos mesmos. A partir de Vilém Flusser, Norval Baitello Junior e Harry Pross investigaremos a importância dos gestos que são realizados na mediação primária dos corpos e depois divulgados na chamada cultura da mídia. Na perspectiva dos estudos sobre ecologia da comunicação, realizados por Vicente Romano e hoje, entre outros, pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, observaremos como os gestos se espalham pelos meios eletrônicos; como os gestos circulam nas capilaridades da comunicação presencial e da comunicação eletrônica e, finalmente, como este cenário de interações pode ser compreendido na perspectiva de uma possível ecologia da comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Igreja Católica. Gestos. Mídia Primária. Ecologia da Comunicação.

ANGELINI, Maria Cristina. **The gestures of the Popes in Brazil: relationship between the presence and the transmission of the media.** 155 f. 2014. Dissertation (Master of Communication), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyze the public gestures of the popes who visited Brazil and the repercussion of these gestures by the media coverage, especially by television. The country received the visit of three leaders from Catholic Church: John Paul II, Benedict XVI and Francis. The highlight for everyone, in different times of the Brazilian history and the Church history, was intense at the media. The gesture images of each one ran around the world and in a way or another, involved Brazilian people. The claim is to understand the relationship between the actions of the Popes, the coverage and the use of gestures to obtain media audience based on the observation of the collection of television records (frames - the images displayed by the TV frame) and photos posted on websites and in printed newspapers and magazines of each visit. To understand how this two dynamics relate recursively to each other and show part of the history about the relationship between the Church and the media. We go back starting at the Inquisition that condemned heretics until the news about Pope Francis renouncement to luxury, and the highlights of John Paul II kissing the soil of the countries he visited and the shy behaviour of Benedict XVI in front of the cameras and photographers, we will observe how media culture reverberates the gestures. Various authors will give theoretical framework to understand this phenomena. From Ismar de Oliveira Soares, Joana Puntel and Antonio Costella, we will analyse the history of the relationship between the Catholic Church and the media, from the critical phase against the media until the discovery of its importance and use. From Vilém Flusser, Norval Baitello Junior and Harry Pross we investigate the importance of the gestures that are done at the primary body levels and after spread by the known media culture. For the perspective of the study about Communication Ecology, performed by Vicente Romano and nowadays, by others and by the Research Group Communication and Listening Culture, we observe how the gestures spread themselves at the electronic Media, how gestures circulate at the capillarity of the live and electronic communication, and finally how this interactive scenario can be understood form the perspective of one possible ecology communication.

**Keywords:** Communication. Catholic Church. Gestures. Primary Media. Communication Ecology.

ANGELINI, Maria Cristina. **Los gestos de los Papas en Brasil: relaciones entre el presencial y los medios de comunicación.** 155 f. 2014. Tesis (Maestría en Comunicación), Facultad Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

## RESUMEN

El texto analiza los gestos públicos de los Papas que visitaron Brasil y la repercusión de los mismos gestos en la cobertura informativa hecha por los medios de comunicación, especialmente por la televisión. El país recibió la visita de tres líderes de la Iglesia Católica: Juan Pablo II, Benedicto XVI y Francisco. El espacio dado para cada uno de ellos en diferentes momentos de la historia de Brasil y de la propia Iglesia fue intensa en los medios de comunicación; imágenes de los gestos de cada uno corrieron el mundo y de alguna manera involucraron a los brasileños. Lo que se pretende es que a partir de la observación del acervo de los registros televisivos (frames – fotogramas de las imágenes transmitidas por televisión) y de las fotos publicadas en los portales, periódicos y revistas impresas acerca de cada visita, se pueda comprender las relaciones entre los gestos de los Papas, la cobertura y el aprovechamiento de los gestos para la obtención de una audiencia mediática. Para entender cómo repetidamente se relacionan estas dos dinámicas les mostraremos parte de la historia de la relación de la Iglesia con los medios de comunicación. Volviendo al espectáculo de las condenaciones de herejes por la Inquisición hasta las noticias sobre la renuncia crítica al lujo hecha por el Papa Francisco, pasando por el espacio dado a los besos del Papa Juan Pablo II en el suelo de los países que visitó y por la contenida reacción de Benedicto XVI delante de las lentes de cámaras y fotógrafos. Nosotros vamos a observar cómo la cultura da mídia repercute los gestos. Muchos autores constituyen el marco teórico para la comprensión de los fenómenos estudiados. Desde Ismar de Oliveira Soares, Joan Puntel e Antonio Costella analizaremos la historia de las relaciones de la Iglesia Católica con los medios de comunicación, a partir de la etapa de crítica a los medios de comunicación hasta descubrimiento de la importancia y el uso de ellos. Desde Vilém Flusser, Norval Baitello Junior e Harry Pross investigaremos la importancia de los gestos que son hechos en la mediación primaria de los cuerpos y luego transmitidos en la llamada cultura de los medios. Desde la perspectiva de los estudios sobre la ecología de la comunicación realizados por Vicente Romano y hoy, entre otros por el “Grupo de Investigación Comunicación y Cultura del Oír”, observaremos cómo los gestos se difunden en los medios electrónicos; como los gestos circulan en los capilares de la comunicación presencial y de la comunicación electrónica y, finalmente, cómo este escenario de interacciones puede ser comprendido desde la perspectiva de una posible ecología de la comunicación.

**Palabras clave:** Comunicación. Iglesia Católica. Gestos. Medios de comunicación primaria. Ecología de Comunicación.

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
1º Capítulo – A Igreja e a Comunicação.....	16
1.2 – Concílio Vaticano II.....	28
2º Capítulo – A cobertura midiática dos gestos de João Paulo II e de Bento XVI.....	35
2.1 – Os gestos de João Paulo II.....	42
2.2 – Os gestos de Bento XVI.....	57
3º Capítulo – Os gestos do Papa Francisco.....	77
Considerações Finais.....	92
Referências.....	97
Anexos.....	101

## **1. Introdução**

Neste estudo, pretende-se compreender como gestos dos Papas são expressões pessoais para atrair a cobertura midiática e a mídia se aproveita dos gestos também para obter audiência. Tentando responder esse questionamento passou-se a estudar as concepções de mídia primária, secundária e terciária, na perspectiva de Harry Pross e Norval Baitello Jr., para começar a entender a comunicação gestual como mídia.

Essa inquietação é fruto de minha atividade como jornalista que me propiciou ter um contato direto com as equipes de comunicação de dois dos Papas que visitaram o Brasil: Bento XVI e Francisco. Particpei da equipe da TV Globo do chamado Núcleo do Papa que coordenou as coberturas das visitas dos Papas Bento XVI e Francisco ao Brasil. A TV Globo coordenou o pool de emissoras para a transmissão dos eventos no Brasil e o envio de imagens para o exterior. Estava na produção do Jornal Nacional (JN) quando João Paulo II ficou muito doente em 2005. A equipe de produção do JN acompanhou toda a agonia do Pontífice preparando as fontes para as reportagens, conversando com muitos teólogos, padres e pessoas que tiveram a oportunidade de estar com João de Deus no Brasil. Depois da morte de João Paulo II veio o Conclave e com ele as especulações. No Brasil a aposta era em Dom Cláudio Hummes, o então, arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, fato que nos levou a conseguirmos uma entrevista rápida com ele. Dom Cláudio sempre negou a chance, mesmo assim corremos para fechar matérias contando a vida dele. Foi eleito o cardeal Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI.

Em maio de 2007, Bento XVI veio ao Brasil para a canonização de Frei Galvão e a abertura do V CELAM (Conferência de Aparecida). Os preparativos, os acertos de datas, as agendas, os possíveis eventos começaram no mês de outubro de 2006 e a gravação das reportagens em fevereiro de 2007. Era necessário contar quem era o Papa Bento XVI, pois era desconhecido do grande público. Ele não tinha o mesmo carisma de João Paulo II, que, durante 27 anos de papado, reunia multidões. Foram quatro semanas de reportagens nos telejornais de rede: *Bom dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*, além de dois quadros nos telejornais: *Eu vi o Papa* e *Eu vou ver o Papa*. Bento XVI veio e foi um sucesso de mídia, de Ibope e de público. Depois de quase sete anos a renúncia de Bento XVI foi uma surpresa. A última renúncia de um papa ocorrera há 598 anos. E por fim, outra surpresa: a escolha de um papa

argentino. Homem simples, com muita energia. Papa Francisco faz sua primeira viagem ao Brasil. Vem para participar da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), mas antes celebra uma missa no Santuário Nacional de Aparecida. O Papa Francisco surpreendia a todos em cada gesto, em cada fala e reuniu três milhões e quinhentas mil pessoas na praia de Copacabana em julho de 2013.

A dissertação, resultado de observação empírica da cobertura televisiva e leitura de bibliografia a respeito da cobertura midiática dos gestos de três papas no Brasil está organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentam-se alguns elementos da história da forma como a Igreja se relacionou com os processos comunicacionais e com os meios de comunicação, passando pela triste história da Inquisição até a chegada das novas tecnologias. Para compreender esse processo dialogou-se com autores como Ismar de Oliveira Soares, Joana Puntel e Antônio Costella.

No segundo capítulo estudou-se a trajetória dos Papas João Paulo II e Bento XVI. Analisaram-se alguns gestos públicos desses papas, por ocasião da visita que fizeram ao Brasil. As análises foram feitas com base nos estudos de Vilém Flusser, Norval Baitello Júnior e Harry Pross.

No terceiro capítulo apresentam-se elementos da trajetória do Papa Francisco a partir da relação entre os gestos concretos e os mesmos gestos observados através da cobertura televisiva. Observam-se as possibilidades de uma Ecologia da Comunicação na medida em que os gestos ocupam as capilaridades tanto da comunicação presencial como da comunicação mediada pela televisão. Neste capítulo dialoga-se com Vicente Romano e as pesquisas sobre Ecologia da Comunicação em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

## **1º CAPÍTULO – A Igreja e a Comunicação**



Em carta, enviada ao Papa Emérito Bento XVI, a autora perguntou-lhe quais as suas impressões sobre o Brasil em sua última visita. O Cardeal Ratzinger respondeu: “Recordo com grande gratidão e alegria a minha visita ao Brasil” e destacou como ponto alto a noite com a juventude católica em São Paulo, numa referência ao encontro com os jovens no estádio municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) no dia 10 de maio de 2007, o encontro com os dependentes químicos na Fazenda Esperança, em Guaratinguetá, e a “festiva oração do terço na Basílica de Aparecida” com sacerdotes, seminaristas, religiosas, religiosos e diáconos, no dia 12 de maio de 2007.

Essa percepção que Bento XVI teve do Brasil mostra como a comunicação é importante nessa relação direta entre os católicos e o Papa. “Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos”, escreveu o Papa Francisco, por ocasião, do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Não há dúvida de que a comunicação é essencial para a sobrevivência das instituições e para a propagação de ideias. De acordo com o professor Antônio F. Costella a qualidade da informação é essencial para que o objetivo de quem propaga seja alcançado: “A informação permeia toda a sociedade, salta fronteiras, oferece-se numa abundância incrível” (COSTELLA, 2001, p. 237). A Igreja Católica tem hoje cerca de um bilhão e duzentos milhões de fiéis no mundo e um de seus desafios é comunicar-se, isto é, compartilhar sua mensagem com os católicos e com outros interessados em dialogar com ela.

A Igreja Católica vive atualmente uma situação inédita. Pela primeira vez sua história conta com dois papas vivos e reconhecidos pela instituição: o Papa Francisco, eleito em março de 2013, e o Papa Emérito Bento XVI, considerado um dos maiores teólogos da atualidade, eleito em abril de 2005, - e que renunciou ao cargo, em fevereiro de 2013, prometendo não interferir nas decisões internas do Vaticano.

É a primeira vez que dois papas convivem no mesmo território e participam juntos de algumas cerimônias. Bento XVI renunciou, aparentemente, sem nenhuma pressão interna ou externa, preparou a chegada do próximo pontífice e não influenciou na escolha do candidato. É inédita esta situação de convivência fraterna de um Papa reinante e de um ex-bispo ou resignatário na mesma cidade de Roma em sintonia.

A Igreja já viveu ao longo de sua história disputas internas. Foram 39 antipapas. – o indivíduo que reivindica o posto máximo da Igreja Católica ocupado por alguém

legitimamente eleito. O primeiro foi Hipólito (217 a 235) que hoje é santo. E o último Felix V (1439 a 1449). Entre 1378 e 1417 até três bispos reivindicavam o papado: João XXIII de 1410 a 1515, (não confundir com o Papa hoje canonizado João XXIII que convocou o Concílio Vaticano II) e Bento XIII (que estava em Avinhão) foram depostos pelo Concílio de Constança que foi celebrado entre 1414 e 1418, e Gregório XII (de Roma), que abdicou voluntariamente. Foi eleito, então, aquele considerado o último papa da Idade Média Martinho V, que governou de 21 de novembro de 1417 a 20 de fevereiro de 1431. Antes dele, é considerado Papa legítimo Gregório XII (19 de dezembro de 1406 a 4 de julho de 1415).



FOTO – 1 Pontífice se reúne com Papa Emérito.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 23/03/2013.



FOTO - 2 Papa Francisco e o Papa Emérito Bento XVI em Castel Gandolfo.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 23/03/2013.

O contato direto de todos os fiéis com o Papa é uma prática impossível, mas ao mesmo tempo, conseguir apertar a mão, tocar nas vestes do líder da Igreja ou participar de um evento onde o Papa esteja presente são ocasiões que emocionam os fiéis. Mesmo que seja no meio da multidão, quem participa pode não estar em contato direto, corpo a corpo, mas tem a certeza de que esteve com o Papa naquele evento. É um fato para ser lembrado até o fim da vida e comentado em qualquer oportunidade. A mídia primária dentro da Igreja é um recurso valioso, um meio que pode aumentar o entusiasmo e a participação dos fiéis. Harry Pross (*apud* MENEZES, 2007, p.28) explica o que é a mídia primária.

Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a esse ponto.

O fato de o Papa sair do Vaticano, conviver, mesmo que por pouco tempo, mesmo que por horas apenas, com os católicos de outros países de várias partes do mundo cria a oportunidade, para quem participa dos eventos, de conseguir tocar o líder da Igreja, de receber uma bênção pessoal, de ver uma criança ser beijada e abençoada pelo Papa, o desejo de “exercer” a mídia primária com o sucessor de Pedro.

E Pedro, para os católicos, foi discípulo de Jesus Cristo, que pela fé operou milagres por onde passou, fez o mudo falar, o cego enxergar e, mais, morreu crucificado e ressuscitou. O católico sabe que o Papa não é Jesus, mas é o primeiro, o líder, na linha sucessória sua Igreja. “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mateus,16:18), portanto, o contato físico, a troca de olhares, por um segundo, com o Papa tem um profundo significado para a vida dessa pessoa mesmo que ela não seja uma católica praticante. Segundo Romero (2012, p.266) “o gesto nasce de uma necessidade interior de expressão, de comunicação – é a primeira e mais rica linguagem do corpo”. Assim, o gesto nasce de uma necessidade interior. O olhar de quem consegue tocar o Papa é de emoção, é de pura alegria. Os frames das imagens da TV e as fotos mostram claramente o significado do valor de um gesto do Papa dirigido a uma única pessoa no meio de uma multidão; em alguns momentos as imagens registram a importância da mediação primária, do contato pessoal por excelência.

Não basta estar com o Papa, sentir-se único naquele momento, é necessário fotografar, documentar o fato para repercutir nas redes sociais utilizando os dispositivos móveis - é a mídia terciária, que completa a alegria de ter compartilhado com o líder da Igreja o contato pessoal ou mídia primária. O gesto do Papa repercute para quem é muito próximo, para quem divulga a foto e serve como informação para quem não conhece. O mundo fica sabendo, rapidamente, que o Papa beijou uma criança ou recebeu um abraço dela. É o caso do menino que ofereceu um saco de batatinha para o Papa Francisco na Praça São Pedro, no dia 16 de abril de 2014. A criança teve a oportunidade de estar frente a frente com Francisco e ofereceu a ele o que tinha naquele momento: o saco de batatinha. O fato é que o contato é tão próximo que a comunicação fica íntima.



FOTO - 3 Papa Francisco beija uma criança e ganha batatinha.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 16/04/2014.

O gesto do toque com o menino é carinhoso, meigo, bonito aos olhos de quem presencia o fato, de quem admira a foto. Esse tipo de gesto feito pelo mesmo Papa, também, serve como exemplo para os católicos. Francisco abraçou e beijou Vinicio Riva, um homem desfigurado, que sofre de neurofibromatose, doença que provoca tumores por todo o corpo, na mesma Praça São Pedro no dia 09 de novembro de 2013. Riva encostou a cabeça no peito do Papa, que o abraçou, o beijou e o abençoou. A imagem foi divulgada e o gesto do Papa, expresso na mídia primária, ficou na memória dos católicos. O gesto do afeto, do consolo e da esperança.



Encontro com o desfigurado Vinicio Riva: "Só senti amor", disse o homem

FOTO - 4 Papa Francisco abençoa Vinicio Riva.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 09/11/2013.

“Os gestos estão sempre em movimento e desenham formas no ar que permanecem na memória de cada cultura” (ROMERO, 2012 p.267). Se a imagem do rosto de Vinicio Riva causa repulsa para alguns, para os que têm a mesma crença do Papa, o gesto de Francisco é profundamente cristão.

Como o Papa não consegue ter uma comunicação primária com todos os fiéis, utiliza a velocidade e a tecnologia como novas aliadas para ampliar a comunicação. A Igreja na figura de seu líder, o Papa Francisco, parece estar no caminho contemporâneo da comunicação com os católicos: a Internet. Só na rede social digital *twitter* o

argentino Jorge Mário Bergoglio tem 11 milhões de seguidores. Um avanço e tanto para uma Igreja de mais dois mil anos que até 500 anos atrás reprimia com rigor a maior parte das formas de comunicação, rezava a missa em latim – língua que poucos compreendiam e condenava à fogueira os que ousavam discordar de sua doutrina.

A história da comunicação social da Igreja passou por várias situações. Sabendo da importância dos meios de comunicação o Papa Inocêncio VIII torna público o pensamento da Igreja:

Em 1487, Inocêncio VIII publica o *Inter Múltiplices*, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los. O Papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesialístico da produção cultural do seu tempo. (PUNTEL, 2010, p. 24).

A Igreja ainda não percebia que a imprensa poderia ser usada para ampliar seu rebanho. E via a comunicação em massa, com desconfiança, temerosa do que a novidade poderia fazer com os fiéis. Uma coisa, no entanto, era certa: o alcance da mensagem seria muito maior com a nova tecnologia da época. É nessa fase que a Igreja tenta manter a exclusividade da informação e cria a primeira forma de censura de massa. A Inquisição Romana imposta a artistas, cientistas, teóricos e todas as vozes dissonantes ilustra essa triste fase. A história está documentada e publicada no site do Vaticano em 7 de dezembro de 1965:

Em 1542, Paulo II instituiu uma comissão de seis cardeais cuja missão era velar sobre as questões de fé. Esta comissão, conhecida pelo nome de Santa Inquisição Romana e Universal, no início tinha um carácter exclusivamente de Tribunal para causas de heresia e cisma. Paulo IV, a partir de 1555, alargou o seu campo de ação ao fazê-la competente também para julgar questões morais de índole diversa. Em 1571, São Pio V criou a Congregação para a reforma do índice dos Livros Proibidos, que tinha a função de atualizar o elenco dos livros proibidos, elaborado pela Inquisição em 1557 e reformado mais tarde – em 1559 – por Paulo IV. Tal encargo, que inicialmente competia à Inquisição, foi exercido por este novo Dicastério durante mais de três séculos, até a sua supressão em 1917. (Congregação para a Doutrina da Fé Site do Vaticano, 1965).

Só na gestão de Tomás de Torquemada, frade dominicano espanhol nomeado como inquisidor pelo Papa Inocêncio VIII, e considerado o mais cruel dos inquisidores, 170 mil judeus foram expulsos da Espanha e de suas 14 colônias. Duas mil pessoas foram condenadas à morte na fogueira. E já nessa época, os julgamentos também eram um espetáculo público. Os prisioneiros eram obrigados a vestir-se com roupas

diferentes. Eram marcados com a cruz de Santo André - um desenho em forma da letra - "X -". André, o irmão de Pedro, um dos pregadores do Evangelho de Cristo, foi condenado à morte na cruz em Acaia, região depois anexada ao Império Romano. O apóstolo pediu para que sua cruz fosse diferente da de Cristo, pois julgava-se indigno de ter o mesmo tipo de morte. Por isso, a cruz de Santo André tornou-se um símbolo da humildade. Durante a Inquisição, os condenados eram levados a um palco onde o público podia assistir ao processo de condenação e humilhação. Para impedir a propagação de novas ideias que ameaçassem o poder da Igreja, a censura era impiedosa.

Em 1530, Nicolau Copérnico apresentou para poucos cientistas sua teoria de que a Terra girava em torno do Sol. Mas só em 1543, depois de sua morte é que, graças a um de seus discípulos, foi publicado o primeiro dos seis volumes de sua obra *Das revoluções dos corpos celestes*. A Igreja Católica incluiu o livro no Index – a lista dos livros proibidos por heresia. Vinte anos depois o frade dominicano Giordano Bruno acrescentou à teoria de Copérnico mais um dado científico. Dizia que o Universo era vivo, infinito e estava em contínua transformação. A Igreja exigiu sua retratação. Bruno não voltou atrás. Em 1600, foi condenado à morte no fogo, que purifica os pecados – além de ser uma das mais cruéis formas de tortura. Na mesma época o italiano Galileu Galilei começava suas pesquisas de astronomia. Só não foi condenado à morte porque era amigo pessoal do Papa Urbano VIII. Mas teve de enfrentar a prisão perpétua. O livro com as teorias de Copérnico só foi retirado da lista dos livros censurados em 1835. E a redenção de Galileu só veio mais de três séculos depois. Ele foi reabilitado pelo Papa João Paulo II em 1992.

Foi também através da mídia que a Igreja fez seu *mea culpa*. Em março de 2000 João Paulo II divulgou um documento de 200 páginas intitulado "Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado", reconhecendo uma série de pecados da Igreja e pedindo perdão.

Como sucessor de Pedro, peço que neste ano de misericórdia, a Igreja, fortalecida pela santidade que recebe do seu Senhor, se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos. (Comissão Teológica Internacional Memória e Reconciliação: A Igreja e as culpas do passado – Jubileu do ano 2000 - Site do Vaticano).

E em 2004, na ocasião do lançamento de um livro sobre a inquisição, João Paulo II aproveitou a oportunidade e em uma entrevista coletiva, reconheceu os pecados da Igreja e novamente pediu perdão:

Pela primeira vez o Papa pediu perdão pelos ‘erros cometidos a serviço da verdade por meio do uso de métodos que não têm relação com a palavra do Senhor’. O papa foi mais longe, dizendo que o pedido de perdão valia ‘tanto para os dramas relacionados com a Inquisição quanto para as feridas deixadas na memória [coletiva] depois daquilo. (Folha de S.Paulo, 2004).

Hoje a Igreja de Roma aproveita a constante cobertura dos meios de comunicação de massa para divulgar sua mensagem. É aí que o sucessor de Pedro faz contato com seus fiéis. Os veículos, também, demonstram interesse por essa divulgação porque sabem que estão tentando atingir mais de um bilhão de habitantes no planeta. Isso, no entanto, não é novidade para a Igreja. O recurso foi descoberto ainda no século XIX.

O papa Leão XIII (1878-1903) começa uma relação diferente com a imprensa, em fevereiro de 1879 ele dá a primeira audiência coletiva concedida por uma papa a jornalistas. (PUNTEL, 2010, p.25).

O Papa Leão XIII foi o líder católico que deu apoio à pesquisa científica, permitiu o acesso de estudiosos aos arquivos do Vaticano e, com a encíclica *Rerum Novarum* (1891), lançou luz para o pensamento social da Igreja estabelecendo princípios para a participação dos fiéis no movimento operário e na *In Plurimis*, que foi dirigida especialmente para os bispos brasileiros, repudia o comércio dos escravos.

É Leão XIII que provoca discussão e reflexão na Igreja sobre o uso das novas tecnologias para tentar atingir seu público e fazer-se presente na vida da sociedade.

A igreja raciocinou do seguinte modo: se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação para o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal. (PUNTEL, 2010, p. 25-26).

Na época de Leão XIII, os jornais diários estavam começando a circular com maior frequência em todo o mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Os profissionais e os proprietários dos impressos tinham urgência em noticiar e contar os fatos: locais, nacionais, internacionais, políticos e religiosos para todos. O Vaticano tinha a pretensão ou sentia a necessidade de influenciar essas publicações. A missão da



Igreja de “anunciar o Evangelho” precisava ir além dos templos e das reuniões das comunidades, já não bastava a recomendação de São Gregório Magno (590-604):

Nas igrejas se colocam as pinturas para que os analfabetos ao olharem as paredes possam entender o que não são capazes de ler nos livros. (SOARES, 1988, p.32).

A Igreja, que caminhava lado a lado com o poder político queria ser ouvida e manifestar sua opinião publicamente. E o mesmo Leão XIII que recebe os jornalistas começa se surpreender-se com o conteúdo dos textos divulgados e faz uma análise das atitudes dessa imprensa:

Quando surgiu essa desenfreada liberdade de editar-se tudo quanto se queira, que melhor chamaríamos de libertinagem, os partidários de novidades ocuparam-se em disseminar, em seguida, uma multidão quase infinita de jornais, que se propuseram seriamente a impugnar ou pôr em dúvida os princípios do verdadeiro e correto, atacar e tornar odiosa com suas calúnias a Igreja de Cristo e convencer as mentes com doutrinas perniciosíssimas. (SOARES, 1988, p.64).

Conviver com a liberdade de expressão, com as diferentes correntes filosóficas, partidárias, religiosas parece que sempre foi um desafio para a Igreja Católica. A Santa Sé ocupou o espaço público para expor suas ideias, mas não queria discutir a sua crença na esfera pública, segundo o conceito de Jürgen Habermas, já que a religião, mesmo marcada por um espírito de comunidade, participação e diálogo, não tem uma estrutura democrática. Ela tem uma hierarquia, votos de obediência para o público interno, precisa difundir essa fé e não abre espaço para discussões dos dogmas, das políticas internas e das disciplinas. Ao mesmo tempo em que tem a missão de divulgar o Evangelho precisa de um veículo que permita a exposição de sua crença sem ter de enfrentar o confronto. O pesquisador Luís Mauro Sá Martino explica com clareza a relação entre uma instituição religiosa e a esfera pública:

Para atingir a esfera pública a religião precisa lidar com uma racionalidade midiática, ancorada nas premissas da modernidade e assentada sobre uma ordem capitalista que são fundamentalmente contrários aos interesses da religião. (MARTINO, 2013 p.77).

A Igreja sempre encontrou dificuldade para discutir ou aceitar a “racionalidade midiática”, que fala o pesquisador Martino. Ao longo de sua história, há progressos e retrocessos. Foi Pio X (1903-1914) quem colocou um freio na abertura feita por Leão XIII entre a mídia e a Igreja. Esse Papa dedicou-se a fazer reformas internas: revisão do direito canônico e reforma litúrgica. A tecnologia avançava em ritmo diferente das

decisões do Vaticano, a sociedade tinha pressa e a Igreja precisava decidir se acompanhava ou não. Praticamente depois de uma década, o Papa Pio XI (1922-1939) reconheceu no rádio a chegada de um grande aliado da Igreja.

A Rádio Vaticano foi inaugurada pelo Papa Pio XI, no dia 12 de fevereiro de 1931, com um discurso em latim, transmitido em todo o mundo. O Pontífice encarregou Guilherme Marconi de construir uma estação de rádio no âmbito do novo Estado da Cidade do Vaticano, para poder falar aos católicos de todos os países: em muitas regiões do mundo, os regimes totalitários impediam, de fato, a liberdade da Igreja Católica. (...) Durante o pontificado de João XXIII, foram dedicadas três mil horas de transmissões, em 30 línguas diversas, ao Concílio Vaticano II. (...) Em 1970, aumentou para 280 pessoas, de 38 países diversos, e transmitia em 32 línguas. (A nossa história – site da Rádio Vaticano – 23/08/2013).

No Brasil, a Igreja passa a utilizar o rádio na década de 1950. O programa é a reza do terço, a “Hora da Ave-Maria”, às 18h00. O rádio é o veículo de comunicação mais acessível no Brasil. No sertão do Nordeste, por exemplo, é comum encontrar pessoas com um radinho de pilha nas mãos para saber das notícias do Brasil e do mundo. Nas cidades é frequente o número de funcionários (porteiros, seguranças) de edifícios, motoristas no trânsito que têm no rádio “um companheiro”. A Igreja Católica utiliza muito o rádio para transmitir a mensagem. O professor José Eugenio Menezes explica que o rádio proporciona uma experiência de comunicação na chamada mídia terciária:

Se no universo das relações cotidianas o homem emite sons para estabelecer vínculos, no universo da cidade os indivíduos participam dos grandes processos sonoros mantidos pelos meios eletrônicos. Estamos no campo da mídia terciária porque, segundo Pross, nela todos os corpos envolvidos no processo comunicativo precisam de ferramentas. (MENEZES, 2007, p.40).

Segundo o pesquisador a memória cultural de cada católico aflora na audição do programa religioso no rádio. No Brasil, muitas famílias se reuniam em volta do rádio, que geralmente, estava na sala, para rezar o terço. Assim ao mesmo tempo em que estavam juntos em casa, exercendo a mídia primária no grupo familiar, utilizavam a mídia terciária para pertencer ao grupo de católicos de sua cidade ou de sua região. A família não rezava sozinha.

A Igreja percebeu que não era possível ser visível, passar a mensagem e afastar-se ou repudiar as tecnologias da comunicação utilizadas pela sociedade.

Convencido pela influência dos meios de comunicação de massa e por seu grande significado, Pio XII (1939-1958) escreveu a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* (1957) sobre a comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão. (PUNTEL, 2010, p. 27).

No século XX o Vaticano não discutiu o conceito da mídia terciária, mas começou a entender a importância desse tipo de mídia para comunicar-se com os fiéis. O Papa Pio XII, que liderou a Igreja de 1939 a 1958, chamou a atenção para a importância do uso da televisão para a Igreja, como analisa Ismar de O. Soares:

A televisão pode ajudar para a complementação e formação dos alunos; pode ser um meio eficaz para favorecer a unidade da família e pode ser instrumento de difusão dos serviços litúrgicos em benefício dos que não podem frequentar as igrejas. (SOARES, 1988 p.86 e 87).

Pio XII fez o primeiro pronunciamento oficial em abril de 1949, sobre a televisão para a *Radiodiffusion Française*. A mensagem – Eis o Dia – referindo- a uma passagem bíblica: “Eis o dia que o Senhor fez: exultemos e regozijemo-nos” (Salmo 117,24). O Papa elogia o progresso da ciência e da técnica (SOARES, 1988 p.86) e aproveita para falar sobre a missa de Natal de 1948 que foi transmitida para os franceses. “Como será quando todo o mundo puder contemplar, no mesmo momento no qual sucede, as manifestações da fé católica?”, disse.

A televisão, desde quando começou a interessar à Igreja, foi vista como um instrumento, um recurso a mais no serviço da propaganda religiosa (SOARES, 1988 p.86).

A encíclica *Miranda Prorsus*, do Papa Pio XII, de 08 de setembro de 1957, resume o primeiro pensamento da Igreja Católica sobre a comunicação social e especificamente sobre a televisão:

A televisão com prerrogativas do cinema e do rádio, deve ser produzida com responsabilidade: convidamos, por isso, os homens católicos de cultura, ciência e arte, e, em primeiro lugar, o clero e as ordens e congregações religiosas a procurar dominar a nova técnica e prestar a sua colaboração a fim de que a televisão possa aproveitar as riquezas espirituais do passado e as de todo o autêntico progresso, pois uma de suas virtudes é o de poder contribuir para reforçar os liames do amor e da fidelidade na família. (SOARES, 1988 p.90).

A televisão encantava as pessoas e o mundo dos negócios “Na América, e em especial nos Estados Unidos, a TV arrecadou as verbas publicitárias que o rádio cevara durante anos” (COSTELLA, 2001,p.199). Para que as palavras do Papa Pio XII tivessem eco os católicos precisavam estar inseridos no universo tecnológico e no

mundo empresarial. Para acompanhar era preciso correr. Em 1936, aconteceu a primeira grande transmissão da TV no mundo, em Berlim, a cobertura dos Jogos Olímpicos de Verão, com a participação de 3.923 atletas e cujo anfitrião era Adolf Hitler.

No Brasil, a primeira transmissão aconteceu em 1948, na cidade de Juiz de Fora (MG). A TV mostrou cenas do Congresso Eucarístico que reuniu católicos de várias regiões do Brasil e o jogo de futebol entre Bangu (RJ) e Tupi (JF). Importante destacar que foi um evento da Igreja Católica que marcou a primeira transmissão no país. Só em setembro de 1950, é que Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, inaugurou a TV Tupi na capital paulista e sete anos depois aconteceu a primeira transmissão de uma missa e para tal evento foi formado um pequeno *pool* de duas emissoras: a TV Rio e a TV Record, direto da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro de 1957, dia da Padroeira do Brasil.

O pesquisador Paulo Roque Gasparetto destaca a importância da televisão na sociedade: “A televisão é basicamente um dispositivo narrativo audiovisual e um sistema institucional, industrial, social, simbólico e cultural que constitui hoje o eixo central da comunicação contemporânea” (GASPARETTO, 2011, p.88 e 89). Pode-se dizer que o Papa Pio XII estava em sintonia com a velocidade de seu tempo e compreendia o significado da importância da televisão na vida das famílias. De acordo com o pesquisador o aparelho de TV, por muito tempo, foi sinal de *status* e ocupou um lugar privilegiado da sala principal da casa. Ainda hoje o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – mede a condição social de uma pessoa, entre outros itens, pelo número de aparelhos de TV no domicílio.

## **1.2 Concílio Vaticano II**

Foi João XXIII (1958 a 1963), canonizado em 2014, que implantou uma sequência de mudanças radicais na Igreja Católica Apostólica Romana. Eleito em 28 de outubro de 1958, morreu em 03 de junho de 1963, foi o 261º Papa. Ele não fez nenhuma viagem oficial fora da Itália, mas visitou cárceres, hospitais e novos bairros na periferia de Roma. Antes de assumir o Vaticano, Ângelo Giuseppe Roncalli, viajou por muitos países em missões da Igreja. Entre suas atribuições foi o observador oficial do Papa Pio XII junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – (Unesco).



FOTO - 5 Papa João XXIII visita crianças em hospital em Roma.  
Fonte: Corbis / Latinstock, 1960.

No papado, João XXIII teve como objetivo maior tentar adaptar a Igreja ao mundo contemporâneo. Permitiu que as celebrações, até então só realizadas em latim, passassem a ser celebradas em outras línguas. Os padres, que presidiam as cerimônias de frente para o altar e de costas para os fiéis, viraram-se e começaram a falar de frente para os fiéis. A Igreja começou a incentivar o envolvimento dos católicos nos problemas do mundo: as encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* atualizaram a doutrina social católica. A primeira, de 1961 tratou das questões sociais. Nela, João XXIII reconheceu a propriedade privada como um bem e atualizou as bases da doutrina social da igreja, clamando por mais atenção às massas proletárias. A segunda, de 1963, tinha o intuito de promover a paz entre as nações com base na verdade, na justiça, no amor e na liberdade.



FOTO - 6 "Varrer a poeira do trono de Pedro".  
Fonte: Corbis / Latinstock, 1960.

Assim o papa João XXIII definiu os objetivos do Concílio Vaticano.

O Pontífice vinha carregado em uma cadeira gestatória sobre os ombros de funcionários do Vaticano. A um passo do portão da igreja, ele quebrou o protocolo e pediu para descer, em um gesto de humildade. Em seguida entrou na basílica a pé. A plateia se levantou e o aplaudiu durante seu percurso até o altar. Entendeu-se que o gesto representava o mais perfeito símbolo do evento que seria iniciado ali, o Concílio Vaticano II, a assembleia religiosa que pretendia ser um marco na modernização litúrgica e doutrinal da Igreja. (Adriana Lopes. Veja Online, 2012).

A marca de João XXIII foi a Convocação do 21º Concílio Ecumênico Vaticano II no dia 25 de dezembro de 1961. O evento foi realizado em três sessões: de outubro de 1962 a dezembro de 1965. “O Concílio Vaticano I ocorreu em 1870, portanto, um intervalo de 92 anos” (PUNTEL, 2010.p. 33), praticamente um século. O concílio é um colégio de bispos convocado para examinar questões de doutrina e, principalmente, de organização da Igreja Católica. O termo ecumênico significa reunir as várias igrejas cristãs. Quando convoca um Concílio Ecumênico, o Papa está convocando os bispos católicos cujas conclusões passam a ser adotadas pela Igreja Católica Apostólica Romana. O Concílio Vaticano II não respondeu especificamente a uma crise na Igreja. Nos diferentes discursos que precederam o Concílio, o Papa João XXIII evocou mais a necessidade de um “aggiornamento”, palavra italiana, que significa adaptação da

tradição da Igreja à evolução do mundo contemporâneo, uma atualização da mensagem da Igreja, para melhor compartilhá-la com os homens contemporâneos.



FOTO -7º Sessão do Concílio Vaticano II. Fonte: Osservatore Romano/AFP, 1962.

O Concílio Vaticano II reuniu em média de 2.400 participantes em cada uma de suas sessões. O mapa do catolicismo mostrou pela primeira vez que estava mudando. A Europa já não era a maioria católica. Dos 116 países representados, apenas 36% eram europeus. A maioria de 64% dos participantes era de outros continentes. Os bispos dos países comunistas: como China, Coreia do Norte, Vietnã e União Soviética – hoje dividida em 15 Repúblicas diferentes - não tiveram licença para ir a Roma.

Quando o Concílio Vaticano II terminou, em 8 de dezembro de 1965, João XXIII já havia morrido e o Papa era Paulo VI. Um dos 2.850 participantes do evento entre padres conciliares, bispos, patriarcas, superiores de ordens e de comunidades religiosas era o assessor teológico do Concílio, Joseph Ratzinger, o atual Papa Emérito Bento XVI.

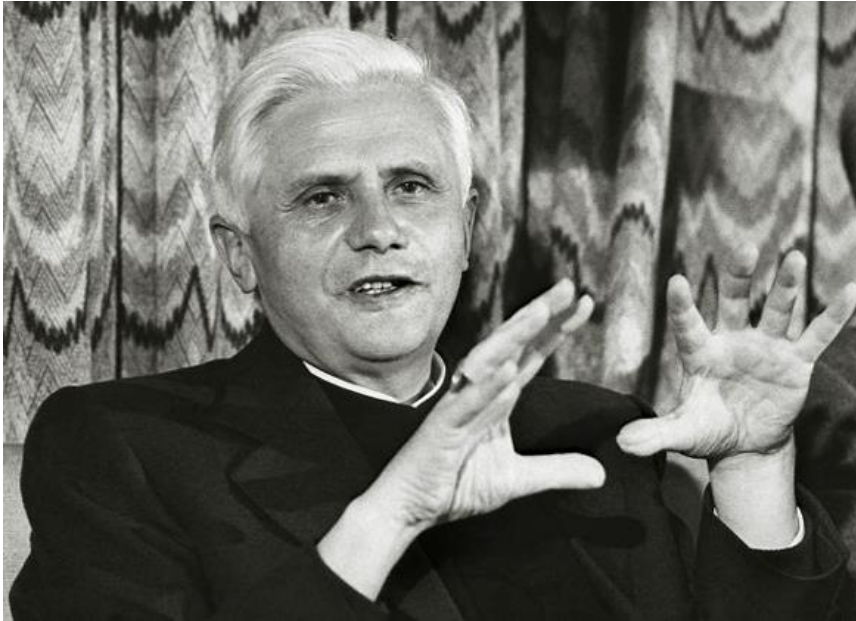


FOTO - 8 Perito Joseph Ratzinger durante o Concílio Vaticano II.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 1962.

João XXIII e, depois, Paulo VI, nomearam 487 peritos teólogos para acompanhar as discussões e aconselhar os bispos. Além dos peritos cerca de cem observadores de outras igrejas e 42 leigos ouvintes - apenas sete eram mulheres. Pouco antes da última sessão do Concílio, o Papa Paulo VI fez um discurso na ONU, em 4 de outubro de 1965, em que mostra claramente uma mudança de atitude do líder da Igreja Católica: “De simplicidade, porque aquele que vos fala é um homem como vós e é vosso irmão, e mesmo um dos mais pequenos entre vós, que representais” . O Papa com essa fala sinalizava, oficializava a tentativa de aproximar-se da sociedade e de seus problemas humanos.

Com João XXIII e o Vaticano II altera-se o enfoque: a justiça social e a paz passam a ser vistas “como exigências da missão da Igreja e de levar avante a tarefa de Cristo, que tivera compaixão dos pobres e dos oprimidos” (PUNTEL 2010, p.36).

Puntel (2010) dá uma pista de que esse enfoque da missão da Igreja é o contexto da criação da opção preferencial pelos pobres feita pela Igreja da América Latina na Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla de Los Angeles, México, em 1979. Conhecida como a Teologia da Libertação, e defendida por muitos foi censurada, mais tarde, pelo Vaticano, na pessoa de Joseph Ratzinger, no papado de João Paulo II. Entre as vítimas dessa censura destaca-se o brasileiro Frei Leonardo Boff.



O Concílio Vaticano II trouxe à luz questões que até hoje são discutidas por bispos e teólogos da Igreja Católica. Para o Papa Emérito Bento XVI, algumas dessas questões podem ter contribuído para o afastamento dos católicos da Igreja. Em setembro de 2009, quando ainda era Papa, disse a um grupo de bispos brasileiros: “Nas décadas posteriores ao Concílio Vaticano II, alguns interpretaram a abertura ao mundo não como uma exigência de ardor missionário”, mas como “uma passagem para a secularização”. Para Bento isso explica o afastamento de fiéis da Igreja Católica, pois nesse contexto, “alguns responsáveis eclesiais” participaram de “debates éticos”, respondendo assim “às expectativas da opinião pública, mas deixando de falar de certas verdades fundamentais da fé, tais como o pecado, a graça, a vida teológica ou os novíssimos” (morte, juízo, inferno, céu e purgatório).

Segundo Joana Puntel (2010, p.38), depois do sínodo de 1985 a Igreja Católica tem “duas vertentes principais de pensamento”, cada uma liderada por representantes “de peso”. De um lado Joseph Ratzinger, Papa Emérito Bento XVI, e o também alemão cardeal Joseph Hoeffner (morto em 1987). Essa tendência considera a Igreja como “uma ilha de graça em meio a um mundo de pecado”. Ela não se opõe ao Concílio Vaticano II, mas “insinua” que as conclusões são ingênuas e que seria um erro prosseguir com as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II. Do outro lado, ainda segundo Puntel (2010), a tendência foi liderada pelo: cardeal britânico Basil Hume (morto em junho de 1999), e os bispos James Malone (Estados Unidos) e Bernard Hubert (Canadá) e por outros seguidores. Eles acreditam que as reformas necessárias discutidas no Concílio Vaticano II “foram impedidas e parcialmente bloqueadas” (PUNTEL, 2010. p.39). Eles representam o lado progressista da Igreja. Puntel conclui que a primeira tendência: “deseja a Igreja mais separada do mundo”. E a segunda quer a Igreja “mais comprometida, na promoção da paz, da justiça e da reconciliação”. Puntel conclui que, embora essas tendências se refiram aos bispos que participaram do Sínodo em 1985, “podem ser consideradas como a continuação das duas tendências – conservadora e progressista – previamente identificadas, e relacionadas ao Vaticano II”. (PUNTEL, 2010, p. 39).

Dentro das tendências: conservadora e progressista, há ainda diversas linhas de pensamento e diferentes maneiras de “louvar ao Senhor”. Identificado com as ideias conservadoras da Igreja está o *Movimento de Renovação Carismática*, que promove a chamada *missa show*, não incentivada por Joseph Ratzinger. Com a tendência progressista está inclusive uma ala feminista que defende o direito do aborto, como as

integrantes do movimento, *Católicas pelo direito de decidir*. Os representantes da chamada ala progressista concordam que as mulheres atuem na Igreja, mas condenam o aborto. Há, também, a discussão do celibato, se o padre deve ou não casar-se. Enfim, são muitas as vertentes dentro dessas duas tendências apontadas por Joana Puntel. Portanto, o desafio da comunicação da Igreja é cada vez maior tanto com os fiéis como com o público externo e interno.

Analisando a importância das novas tecnologias para comunicar-se, a Igreja descobriu que muitas ideias escapavam de seu controle e disseminaram-se rapidamente. Percebeu, também, que é quase impossível controlar o avanço das técnicas, influenciar o conteúdo das publicações e as formas de comunicação. O líder da Igreja já não é mais um italiano é um polonês que na juventude foi ator. A Igreja na figura do Papa João Paulo II começa uma comunicação praticamente midiática, exercendo a mídia primária, nos eventos públicos, repercutindo na mídia terciária para compartilhar a mensagem com os fiéis.

## **2º CAPÍTULO**

**A cobertura midiática dos gestos de**

**João Paulo II e de Bento XVI.**

No século XX, os líderes políticos descobriram cedo a importância da mídia para seus projetos de divulgação e disseminação de ideias. Em 1935 Hitler inaugurou o primeiro serviço público de televisão. No ano seguinte surge a BBC em Londres. E de lá para cá o mundo acompanhou pela telinha parte da história da humanidade. Da chegada do homem à Lua à derrubada do muro de Berlim, do casamento da princesa Diana e do príncipe Charles, à queda das Torres Gêmeas, às viagens internacionais dos Papas. A mídia mais do que estar presente, hoje se faz necessária. O telespectador quando assiste a um grande evento e se emociona, tem a sensação de ter participado ativamente, de ter presenciado os fatos, inclusive, fisicamente.

Norval Baitello analisa outro ponto da cobertura midiática. A sensação de proximidade de quem assiste a ela:

*Não é só uma comunicação primária, mas também uma possibilidade de estabelecer, quem sabe um vínculo porque é vínculo, com sua complexidade, sua amplitude de possibilidades. (BAITELLO, 2008, p.101)*

A mídia aproveita a imagem, divulga os gestos do Papa e foca, na reação, principalmente, na emoção das pessoas. Quando se observam essas reações e a tentativa da troca de olhares são claros o desejo e a intenção de estabelecer um vínculo com o Pontífice. É a imagem espontânea e ao mesmo tempo perfeita: gestos carinhosos com uma criança e a emoção da mãe, do pai ao presenciarem o filho sendo abençoado pelo Papa. Entre tantas crianças uma é escolhida ou pelo próprio Papa ou por quem organiza os eventos para ter um contato físico e receber um afago. Quem assiste pela televisão também se emociona porque se coloca no lugar de quem está mantendo um contato direto com o representante de Pedro. A definição de Baitello é perfeita para as fotos a seguir:

*Se pensarmos nos meios imagéticos visuais ou sonoros (fotografia, cinema, rádio, televisão), todos eles se ancoram na utilização da corporeidade como base e matéria-prima, além de ser operados duplamente, em sua emissão e sua recepção, por seres humanos em sua viva e pulsante e corporeidade. (BAITELLO, 2008, p.97)*

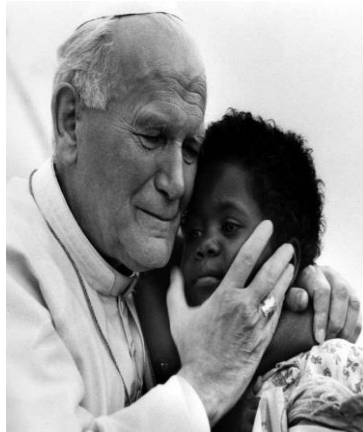


FOTO - 9 Papa João Paulo II beija criança em Roma.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP, 1997.

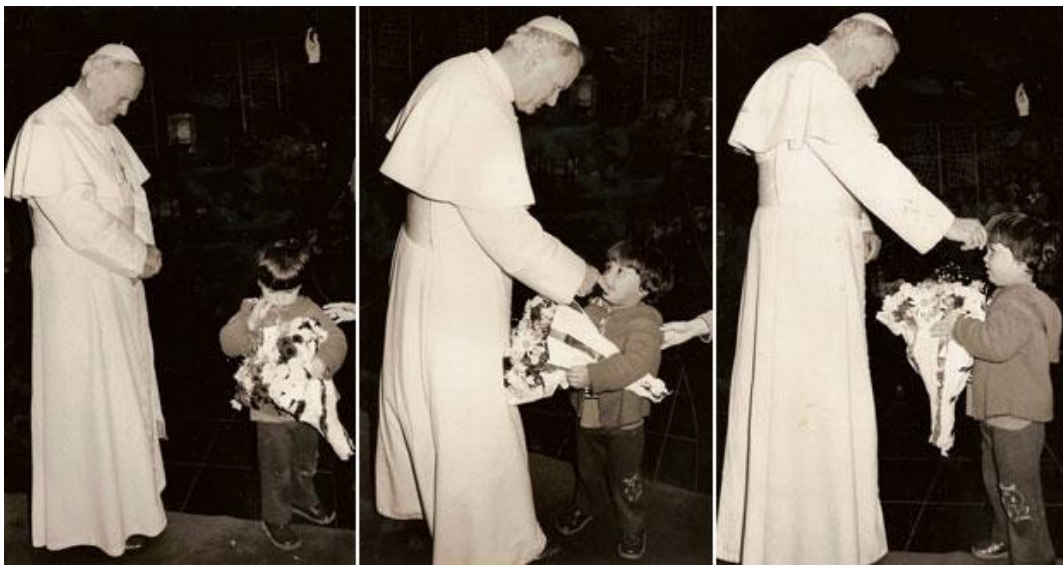


FOTO - 10 Daniel Militão e o Papa João Paulo II em SP, 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Militão.



FOTO - 11 Daniel no colo de João Paulo II. Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Militão.

João Paulo II sente a timidez do menino, tenta ajudá-lo, mas vendo a dificuldade, faz o que um pai faria naquele momento, acaricia o filho e com esse gesto tenta livrá-lo de um constrangimento. Esse é o vínculo sobre o qual Baitello faz refletir: é no contato físico que se estabelece ou tenta-se estabelecer um vínculo com quem se exerce a mídia primária. Os católicos estabelecem esse vínculo nos eventos em que o Papa ocupa o espaço público.

As viagens de um Papa são sempre acompanhadas pela mídia internacional com interesse que vai muito além da religião. O líder da Igreja Católica Apostólica Romana está à frente de um batalhão de um bilhão e duzentos milhões de fiéis em todo o mundo. Mais do que uma determinação religiosa seus discursos transformam-se em referência moral e política no mundo ocidental, inclusive em vários países da África.

Não importam o país e o objetivo. Onde o Papa estiver, as lentes dos fotógrafos e repórteres cinematográficos estarão para não perder nenhum gesto, nenhuma atitude dele ou da reação do povo que vai às ruas para acenar ou para tentar chegar bem perto do Papa, para exercer a mídia primária e ali estabelecer um vínculo. Nos sites, nas capas dos jornais, nas manchetes dos telejornais, as imagens são do Papa. Não importa se beijando o chão, como fazia o Papa João Paulo II, ou subindo no avião carregando a própria maleta, como faz o Papa Francisco. É o gesto primário de cada um deles que mais excita os profissionais da imagem e o público que vai ao encontro. Baitello mais uma vez esclarece:

Segundo Harry Pross: é o corpo que detém os primordiais meios de comunicação, os meios primários, que possibilitam alimentar elos com os outros. (BAITELLO, 2008, p. 95-96).

Com quem as pessoas querem estabelecer elos? O católico quer uma aproximação com o Papa, sonha com um vínculo. E por que será? Será que é porque é o Papa? Ou será que quer criar um vínculo porque conhece um pouco ou muito da vida de quem ocupa o trono de Pedro, através das notícias divulgadas especialmente pelas emissoras de televisão? É preciso conhecer um pouco da história dos papas que visitaram o Brasil.

No Brasil três papas marcaram a vida dos fiéis: João Paulo II (1978 a 2005), Bento XVI (2005 a 2013) e o atual Papa Francisco. João Paulo II visitou o Brasil em 1980, 1991 e 1997. E pela primeira vez em seus 480 anos, o Brasil recebeu a visita

de um Papa. Os fiéis do maior país católico do mundo conseguiram ver em solo brasileiro o sucessor de Pedro. Hoje, o Brasil tem 123 milhões de católicos, segundo o IBGE. A mesma pesquisa, divulgada em 2010, aponta que os aparelhos de TV estão presentes em 95,1% dos lares brasileiros. Em outras palavras, a mídia com imagens do Papa atinge inclusive muitos brasileiros que não são católicos.

O teólogo Leonardo Boff destaca a importância da mídia nas visitas dos Papas e afirma que cada um tem a sua singularidade:

O Papa João Paulo II era profundamente midiático e teatral e por isso chamava sempre a atenção. Bento XVI mais recolhido e tímido e sem a irradiação de um carisma de comunicação oferecia poucos elementos midiáticos. De todos excede o Papa Francisco por sua desenvoltura, por romper paradigmas, por falar a linguagem não oficial, mas da comunicação, por ser simples, pobre e despojado de todos os títulos de poder e por ser surpreendente. Assim é sempre matéria significativa para os meios de comunicação. (BOFF. Entrevista à Autora em dezembro 2013 – Anexo 6).

Os discursos, as falas do Pontífice repercutem no mundo todo, geram análises de estudiosos, vaticanistas e norteiam a conduta de cerca de um bilhão e 200 milhões de fiéis católicos.

Os três Papas tiveram no Brasil uma ampla cobertura. Um espaço na mídia ao vivo e na preparação de cada visita. Os três retribuíram a dedicação eletrônica. As audiências das emissoras de TVs, das rádios e dos acessos aos sites subiram. Como é impossível que uma emissora sozinha cubra todos os passos, trajetos e eventos da visita do Papa é formado um *pool* de emissoras a fim de que seja possível mostrar tudo. Com o *pool*, cada emissora fica responsável por um “trecho” do trajeto ou por um evento específico abastecendo as outras com seu trabalho. Em troca, vai receber das parceiras as imagens que estas fizerem. A audiência da visita do Papa é tamanha que inclusive a TV Record, de propriedade de Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, que tem na Igreja Católica Apostólica Romana, sua principal adversária, também integra o *pool* no Brasil e transmite as atividades do Papa. Um dos eventos foi a transmissão ao vivo da missa que o Papa Francisco celebrou em Aparecida, no dia 24 de julho de 2013.



FOTO – 12 Site da Record publica foto da missa de Aparecida.  
Fonte: Site R7, da TV Record, 24 de julho de 2013.

“Com quase meia hora de atraso, começou às 10h55 a missa celebrada pelo Papa Francisco na Basílica Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba, em São Paulo. O pontífice conduziu a celebração em português”. Fonte: Site R7, da TV Record, 24 de julho de 2013.

A foto publicada no site da TV Record não é a do Papa no altar, mas a do público que lota a Basílica de Aparecida para mostrar a dimensão do evento. A legenda da foto começa com o ponto negativo “com quase meia hora de atraso”, mas a foto, que é tirada da imagem da transmissão ao vivo, mostra a dimensão do evento.

O Papa João Paulo II foi o mais midiático da história até agora. Suas imagens correram o mundo através dos meios de comunicação de massa; na época das grandes viagens de João Paulo II, porém, as redes sociais não existiam como as conhecemos hoje. Ele foi o líder da Igreja Católica durante 27 anos. A mídia gostava de João Paulo II e ele retribuía ao assédio das lentes que o seguiam porque sabia que católicos do mundo inteiro, através da mídia terciária, a eletrônica, o acompanhavam. A popularidade do Papa João Paulo II sempre superou as expectativas, inclusive, da Igreja. Para sua canonização o Centro Televisivo Vaticano reservou 34 câmeras e nove satélites para a transmissão da cerimônia. Frei Leonardo Boff define essa trajetória:

João Paulo II foi o que melhor soube usar a mídia e a buscou. Ele foi ator quando jovem e nunca deixou de ser. Era um comunicador carismático e sempre teatral. Representou sempre até a própria morte. (BOFF. Entrevista à Autora em dezembro de 2013. Anexo 6).





FOTO -13 Algumas imagens de João Paulo II em seus 27 anos de papado.  
Fonte: AFP Photo / Osservatore Romano.

## 2.1 Os gestos de João Paulo II

Na juventude, o Papa João Paulo II (16/10/1978 a 21/04/2005) foi ator. E soube como nenhum outro Papa, até agora, a importância de trabalhar cada gesto a seu favor. Sorria, abraçava, acenava, mas, de todos, o gesto mais marcante foi o beijo no chão de cada país que visitou. Para demonstrar humildade, assim que descia do avião, ajoelhava-se e beijava o solo. A mídia internacional lhe ofereceu uma grande cobertura e conseguiu altos índices de audiência através da divulgação dos gestos.



FOTO - 14 Papa João Paulo II beija o chão, em Brasília.  
Fonte: Orlando Brito, 30/6/1980.



FOTO - 15 João Paulo II beija o chão em São Paulo.  
Fonte: AFP / Osservatore Romano, 1991.

Na terceira viagem ao Brasil, em 1997, a saúde do Papa João Paulo II, porém, não lhe permitiu que beijasse mais uma vez o solo brasileiro.

A população das nações visitadas deu a João Paulo II uma atenção especial. Em todos os países por onde passou, ele foi ovacionado por uma multidão de fiéis. No Brasil, em 1980, sua primeira visita, milhões de pessoas foram às ruas, praças e aos estádios

para tentar ver de perto o Papa. Mas não foram apenas os seguidores da Igreja que se deslumbraram com o Papa Pop. João Paulo II foi aclamado também pelo público interno da Igreja Católica. Em todas as visitas há fotos e imagens de freiras, padres, seminaristas correndo para chegar mais perto. Todos querem um aperto de mão, um abraço, um aceno, um sorriso, um gesto carinhoso. João Paulo II exercia a mídia primária com maestria. Quem conseguia ter um contato físico com João de Deus, como era chamado, mostrava que o gesto do Papa tinha um significado maior que o simples contato físico. E quem assistia pela televisão (mídia terciária) se comovia com o gesto, e sentia-se perto do Papa e praticamente presente naquele ato transmitido pela TV. A midiática dos gestos pela televisão permite quem assiste às transmissões se apropriar desses gestos. São gestos densos que literalmente se espalham através dos sinais das emissoras de televisão, que articulam reciprocamente a mídia primária e a mídia terciária. De forma simbólica os que participam presencialmente e os que participam da transmissão vivenciam percepções semelhantes.

João Paulo II usou, também, sua habilidade linguística para comunicar-se. Falava 16 idiomas. Conseguiu conversar com os representantes de todas as religiões. Realizou, praticamente, o sonho de João XXIII, ao promover o Primeiro Encontro Inter-Religioso. No dia 24 de janeiro de 2002 conseguiu reunir, na cidade de Assis (Itália), 150 representantes das maiores religiões: lideranças cristãs – católicos, protestantes, ortodoxos – e não cristãos: muçulmanos, judeus, budistas, hindus, jainistas, sikhs, xintoístas, zoroastristas, confucionistas e animistas. Foi seu maior gesto público pela Paz entre as religiões. Mais uma vez divulgado pela mídia internacional com grande repercussão, inclusive, para os não católicos.

Sua marca de viagem a 129 países e um território, 1.246.003 km percorridos, 100 milhões de peregrinos ouviram suas audiências na Praça São Pedro, 19 mil discursos, 1.319 beatificações, 201 nomeações de cardeais, - está longe de ser superada. O Papa Paulo VI esteve em menos de 30 países, de acordo com a divisão geográfica de sua época. O Papa Bento XVI visitou 23 países.

Sua primeira viagem internacional foi em 25 de janeiro de 1979. João Paulo II veio à América Latina. Esteve na República Dominicana, no México e nas Bahamas.

Em 2 de junho do mesmo ano visitou a terra natal, Polônia, ainda sob o governo comunista. No ano seguinte, João Paulo II desafiou os regimes comunistas com a publicação da encíclica *Dives in Misericordia*, um repúdio a dimensão autoritária dessa forma de governo e à tortura.

Mas é no Brasil que se concentra nossa atenção. O país com o maior número de católicos do mundo recebeu pela primeira vez a visita de um Papa em 30 de junho de 1980.

João Paulo II percorreu 13 cidades e teve a atenção de um astro de rock. Cerca de um mês antes da visita começou a ser veiculada em todas as emissoras de rádio e TV a música de boas-vindas, de autoria do compositor Paulo Roberto. E quem já havia nascido nessa época, certamente se lembra dos versos:

A bênção, João de Deus nosso povo te abraça. Tu vens em missão de paz. Sê bem-vindo. E abençoa este povo que te ama. A bênção João de Deus!

Em pouco tempo, o Brasil aprendeu a cantar os versos em homenagem a João Paulo II, que, como vimos acima, passou a ser chamado por aqui de “João de Deus”. Uma das frases da canção explicitava, e ainda explicita, justamente que “nosso povo te abraça”; o canto expressava e ainda expressa uma relação vivida tanto presencialmente, para quem estava nos locais visitados, quanto midiaticamente, para quem assistia à visita pelos meios eletrônicos. Os católicos brasileiros que participaram de alguns eventos do Papa no país ou apenas assistiram pela televisão, cerca de 50 milhões de telespectadores, não se esquecem da música de boas-vindas a João Paulo II. Esse fato nos lembra que “a cultura do ouvir não é menos importante que a cultura do ver” (MENEZES, 2007, p.83). Ela faz parte da memória de cada um nós e, no caso de João de Deus é uma lembrança boa, um afago no coração do devoto brasileiro. A música emocionava as pessoas e era divulgada muitas vezes, por dia, pelo rádio. O som colaborava muito para tornar o encontro com o Papa João Paulo II, mesmo no meio da multidão, inesquecível e único. Essa canção, em especial, foi a trilha sonora, a marca de João Paulo no nosso país.

As emissoras de televisão organizam um *pool* para a cobertura e a audiência foi sucesso absoluto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública Estatística (Ibope): nove em cada dez brasileiros acompanharam a visita pela televisão. Um

recorde, só comparável à final da Copa do Mundo de 1970, na partida em que o Brasil se sagrou Tricampeão Mundial de Futebol ao derrotar a equipe italiana por 4 a 1, no México. O teólogo jesuíta João Batista Libânio (morto aos 81 anos em 30 de janeiro de 2014), em entrevista à TV Globo, atribuiu o sucesso da vinda do Papa “à presença física de João Paulo II, à preocupação de sempre falar em português, ao controle que ele tem da situação quando está em público e à segurança que irradia”. As palavras do teólogo Libânio reforçam a importância da mídia primária para a divulgação e o fortalecimento da mensagem da Igreja para os católicos.

A animação com a visita do Papa é contagiante para muitos católicos. Nas ruas, foi recebido por multidões emocionadas, cerca de 12 milhões de pessoas, por onde passou e todos cantavam: “A bênção João de Deus...”. Em cada evento permitiu que fossem colocados sobre a cabeça: cocar das tribos indígenas, chapéu de cangaceiro, chapéu de gaúcho, chapéu de camponês. João Paulo explorava a mídia primária, o contato físico e mesmo sem a Internet os católicos do mundo inteiro sabiam pela cobertura da mídia, de seus gestos, de seu contato físico, da troca de olhares. O Papa pop agia corretamente na mídia primária e sabia da importância da repercussão pela mídia terciária. Entre os católicos, muitos que só assistiram pela televisão se ajoelharam diante do aparelho para receber uma bênção.

Para o pesquisador Alberto Klein, que estuda a presença do sagrado na mídia eletrônica, se o fiel não pode ou não quer estar pessoalmente participando da atividade religiosa, a televisão, é como se fosse uma espécie de magia, e torna, no caso, o encontro com o Papa íntimo e único para quem assiste a ele com fé.

A experiência mágica da imagem, sempre presente nas manifestações religiosas, adquire atualmente o suporte televisivo. É através das mídias eletrônicas que percebemos novas dimensões temporais da manifestação do sagrado. (KLEIN, 2006, p.131).

E não foi simplesmente o fato de ter um Papa, pela primeira vez, em terras brasileiras que provocou essa reação. A euforia com João Paulo II voltou a repetir-se na segunda visita ao Brasil, em 1991. O Brasil dos católicos e dos não católicos parou a vida para ver João de Deus: ou foi às ruas ou ficou diante da televisão.

Assistir televisão não era genericamente “ficar diante da televisão”, mas de assistir a um determinado programa, do qual se gostava ... do qual se obteria a satisfação desta ou daquela necessidade específica de identificação,

projeção ou entretenimento diante de uma história bem contada. (MARTINO, 2010, p.188).

O público, de fato, queria ver o Papa e por isso ligou a televisão, o rádio, comprou jornais e revistas. O pesquisador Luís Mauro Sá Martino completa:

Os indivíduos entendiam a mensagem e sabiam muito bem do que estavam falando, e o que estavam vendo e ouvindo na televisão. – a perspectiva de uma audiência ativa igualmente minou qualquer possibilidade de ingenuidade do espectador diante da mídia. (MARTINO, 2010, p.188).

João Paulo II encontrou um país que vivia sob a ditadura e foi recebido na primeira viagem pelo general João Batista Figueiredo, o último presidente do período militar. O grande crescimento do chamado Milagre Econômico já havia acabado. A crise do petróleo, em 1979, provocara um aumento das taxas de juros internacionais e fizera a inflação disparar. Em seis anos, a dívida externa do Brasil passou dos 100 bilhões de dólares, segundo dados do IBGE.

No Brasil de 1980 os dados do IBGE mostram uma população de 119.002.706 habitantes, dos quais 105.861.113 são católicos, 88,9%; os evangélicos somam 7.885.846, 6,6% e 2.252.782 pessoas declaram não ter religião, 1,6%.

Na segunda visita do Papa João Paulo II, os números já haviam mudado: a população brasileira era de 146.825.475 habitantes, o número de católicos é de 122.366.692, ou seja, 82,9%, da população, os evangélicos cresceram para 8,5% dos brasileiros, 13.189.284, e os que declararam não seguir nenhuma religião já eram 4,7%, 7.542.246 pessoas.

Na primeira visita de João Paulo II, a população brasileira economicamente ativa de 1980 era de 42.859.602 de trabalhadores. Quase a metade, 15.116.655, ganhava até um salário mínimo. O Papa encontrou uma classe operária que recomeçava seus movimentos trabalhistas depois de anos de silêncio.



FOTO - 16 João Paulo II encontra os trabalhadores no Estádio do Morumbi.  
Fonte: Foto de 3 de junho de 1980 disponível no site do Globo Esporte.

João de Deus vai ao encontro de 130 mil operários no Estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo, no dia 3 de julho de 1980. Um dos organizadores do evento foi Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, que enfrentava a ditadura sem medo, com o Evangelho nas mãos. O Brasil vivia um momento delicado e os trabalhadores tentavam, por meio da Pastoral Operária, reivindicar seus direitos seguindo a Teologia da Libertação. O coordenador da Pastoral, Waldemar Rossi, representando os trabalhadores, falou para João Paulo II sobre a situação da classe operária. Rossi, (1981) contextualiza o momento político que vivia a Igreja Católica no Brasil:

O cardeal D. Paulo Evaristo Arns forma a Comissão de Justiça e Paz (CJP) ... e denuncia os casos de presos, torturados e desaparecidos políticos. Em 1975 D. Paulo organiza e preside o Ato Ecumênico/Inter-religioso, na Catedral, pelo assassinato de Vladimir Herzog. No dia 29 de outubro de 1979 enfrenta e acusa os homens da ditadura militar no IML para reconhecimento do corpo de Santo Dias da Silva, assassinado pelo cabo Leonel Herculano. (ROSSI. Entrevista à Autora. Anexo 8).

E foi nesse clima que Rossi diz ao Papa:

Queremos, caro companheiro, a exemplo dos primeiros cristãos, que partilhavam seus bens com a comunidade, que o senhor também partilhe conosco das coisas que produzimos, embora saibamos que sobre elas não temos nenhum poder de decisão. (Anexo 9).

A Pastoral Operária seguia a orientação da Teologia da Libertação. Se o Papa tinha sido operário na Polônia era, portanto, um companheiro de luta dos trabalhadores. Para o momento político brasileiro uma ousadia, para os cristãos, um irmão. João Paulo II em um trecho do início de seu discurso deixa claro que sabe das condições de trabalho:

São Paulo, não são antes de tudo estas realizações materiais, nem sempre orientadas por um sentido justo e pleno do homem e da sociedade e nem sempre capazes de organizar um ambiente onde se possa levar uma vida digna do homem. São Paulo são também os numerosíssimos marginalizados, os desempregados, os subempregados, os mal-empregados, que não encontram onde empenhar os seus braços e onde desenvolver os generosos recursos de suas inteligências e de seus corações. São Paulo são vocês, aqui reunidos para celebrar sua dignidade de trabalhadores. (Anexo 10).

Quem falava era o Papa, o ex-operário, o homem que sabia quem eram os ouvintes e a importância de suas palavras. O líder da Igreja Católica estava naquele momento exercendo o papel de “companheiro” e irmão dos seus fiéis. Norval Baitello ajuda a compreender a importância do denso momento de mediação primária:

Temos um tipo de existência quando nos comunicamos presencialmente, corpo a corpo, temos outro tipo de existência quando passamos nossa vida trocando mensagens escritas. (BAITELLO, 2012. p.61).

O público que ali estava sabia da importância do Papa, da repercussão do fato não só na mídia internacional, mas principalmente na luta da classe trabalhadora, por isso a mídia primária, o corpo a corpo, era tão importante. Rossi conta que os militares que faziam a segurança do estádio diziam que mais de 30 mil pessoas se aglomeraram do lado de fora para ouvir e tentar ver o Papa João Paulo II. Estar no corpo a corpo só fazia encorajar Rossi, que aproveitava a oportunidade para fazer denúncias caladas pela censura imposta pela ditadura militar:

Veja o exemplo de São Bernardo do Campo, a capital da indústria automobilística da América Latina: em 1964 havia quatro favelas, hoje são 54. Nas cidades do ABC, entre 200 mil favelados, 50 mil chefes de família trabalham, principalmente, na Volkswagen, Brastemp, Scania Vabis, Mercedes Benz e outras. São nossos irmãos que habitam em barracos paupérrimos. (Anexo 9).

João Paulo II responde que está do lado dos trabalhadores e lembra que a Igreja fez a opção pelos pobres. É portentosa a importância dessas palavras aos operários, que mesmo nas arquibancadas do estádio lotado, tentavam estabelecer com o Papa um vínculo, um elo para fortalecer o movimento dos trabalhadores. Estar naquele momento



dentro do estádio era como estar conversando olho a olho com João de Deus. Era ter a certeza de que o elo, o vínculo a que se refere Baitello, de fato, estava estabelecido.

A opção pelos mais pobres, na qual a Assembleia dos Bispos em Puebla quis comprometer a Igreja na América Latina, é essencialmente essa: que os pobres sejam evangelizados, que a Igreja desdobre de novo todas as suas energias para que Jesus Cristo seja anunciado a todos, principalmente aos pobres, e que todos tenham acesso a esta fonte viva, à mesa da palavra e do pão, aos sacramentos, à comunidade dos batizados. Aí está o sentido desta nossa reunião de hoje, da nossa festa cristã. (Discurso de João Paulo II. Anexo 10).

E o Papa João Paulo II mostra que não vê diferença entre os trabalhadores da Europa e do Brasil:

Quero repetir aqui, diante de vocês, o que disse aos trabalhadores em Saint-Denis, bairro operário de outra grande cidade, Paris. A partir das palavras tão profundas do “*Magnificat*”, eu quis considerar com eles que, o mundo querido por Deus é um mundo de justiça; que a ordem que deve reger as relações entre os homens se alicerça na justiça; que esta ordem deve ser continuamente implantada no mundo, sempre de novo, à medida que aumentam e se desenvolvem as situações e os sistemas sociais, à medida que surgem novas condições e possibilidades econômicas, novas possibilidades da técnica e da produção, e ao mesmo tempo novas possibilidades e necessidades de distribuição dos bens. (Discurso João Paulo II. Anexo 10).

Waldemar Rossi disse que o encontro com o Papa correspondeu as suas expectativas:

Seria muito difícil se esperar muito mais, devido aos acontecimentos daqueles últimos meses, em que as greves pipocavam, e que a repressão foi dura contra a classe operária, com prisões e cassações de direções sindicais. (ROSSI. Entrevista à Autora. Anexo 8).

O Papa João Paulo II despede-se do Brasil e os integrantes da Pastoral Operária intensificam o movimento nas fábricas, com o apoio, principalmente, da Arquidiocese de São Paulo. O contato direto, a mídia primária, dos trabalhadores com o Papa foi intenso. Rossi confirma o entusiasmo:

O Papa era a grande novidade da Igreja Católica no Brasil e, em especial, entre os operários que jamais poderiam esperar um encontro dessa natureza. Sua fala foi em tom coloquial, ressaltando que “*São Paulo, são vocês!*”, enfatizando assim que o trabalhador é mais importante que sua obra: a cidade e suas riquezas. A repercussão desse evento teve alcance internacional e a imprensa nacional não economizou destaques, com frases e fotos em boa quantidade. (ROSSI. Entrevista à Autora. Anexo 8).

Um ano depois da primeira viagem ao Brasil, um atentado obrigou o Papa a diminuir o ritmo das viagens. João Paulo II foi baleado, na Praça de São Pedro, por Mehmet Ali Agca – um “turco fanático”, segundo as palavras dos jornais da época. Mais uma vez, o Sumo Pontífice teve a mídia a seu favor. As imagens da confusão percorreram o mundo. Mas a repercussão maior foi a visita que João Paulo II fez ao agressor. Assim que se recuperou do atentado, o Papa foi à prisão onde o criminoso estava e o perdoou.



FOTO - 17 Papa se encontra com seu agressor.  
Fonte: AFP Photo/ Osservadores Romano, 1981.

Em 1982, voltou a intensificar suas viagens. Retornou ao Brasil em 1991 para uma nova viagem de dez dias. Mais uma vez mostrou que entendia de comunicação de massa. O repórter Ernesto Paglia, jornalista da TV Globo, cobriu as três visitas de João Paulo II ao Brasil, outras duas fora do país - na França e na África - e ainda a visita de Bento XVI ao Brasil. Paglia, em entrevista à autora, analisa: “João Paulo II era muito midiático, tinha o domínio do simbolismo, agia como um pastor que reunia e congregava os setores mais desgarrados da própria Igreja”.

Nas três viagens Paglia recorda-se de um gesto de João Paulo II: Na primeira, em 1980, era a novidade. A primeira vez que um Papa visitava o Brasil. O cardeal dom Paulo Evaristo Arns apresentou a João Paulo II um de seus amigos e colaboradores, o jurista Dalmo Dallari, professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e presidente da Comissão Justiça e Paz, que havia sido sequestrado e espancado, na véspera, por agressores não identificados. Dallari, que chegou de maca numa

ambulância, responsabilizou o governo estadual por cumplicidade no atentado. “O papa humildemente abençoou o jurista em uma maca”. Na segunda viagem em 1991, o destaque da mídia foi para o encontro entre João Paulo II e a irmã Dulce, em Salvador. Mas, na memória do repórter Ernesto Paglia, o marco foi o gesto de João Paulo II, em Recife. Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda, aproximou-se do Papa e ajoelhou-se para beijar-lhe a mão. Imediatamente João Paulo II o levantou dizendo: “Você é nosso irmão”. Foi depois desse gesto que Dom Helder mostrou ao sucessor de Pedro um mapa da cidade com 63 favelas ameaçadas de remoção. Da viagem realizada em 1997, quando visitou apenas o Rio de Janeiro e celebrou uma missa no aterro do Flamengo para dois milhões de pessoas, com a presença do cantor popular Roberto Carlos, o repórter Paglia destaca que ficou marcado com uma frase de forte expressão simbólica: “Se Deus é brasileiro o papa é carioca”.

O olhar atento do jornalista Paglia é para a simplicidade dos gestos de João Paulo II. Considerando que “os gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção” (FLUSSER, 1994, p. 8), pode-se dizer que ao pegar nas mãos de Dom Helder para que não ficasse ajoelhado João Paulo II teve a intenção de dizer: “Não é necessário somos bispos” ou “Não se ajoelhe, conheço a sua luta para divulgar o Evangelho” ou “Não se ajoelhe, eu reconheço a sua luta diante das injustiças sociais do Brasil”. A interpretação da “intenção do gesto” depende da memória cultural, da visão de mundo de cada indivíduo ou, ainda, do elo, do vínculo que se quer estabelecer, na análise de Baitello (2008). Um militar que presenciou o gesto do Papa pode ter pensado: “O Papa tratou muito bem daquele bispo comunista de Olinda, não permitiu que ele se ajoelhasse”. Ou um católico ligado à Teologia da Libertação pode ter refletido: “O Papa reconheceu a nossa luta, o nosso líder”.

João Paulo em suas visitas ao Brasil disse frases que marcaram alguns eventos. Em Porto Alegre, 1980, disse a uma multidão: “Muito obrigado” em três idiomas: italiano, polonês e português e explicou que essa era a maneira de expressar em palavras a gratidão que sentia naquele momento. As palavras e os gestos que a acompanham simultaneamente podem ser observados a partir de uma afirmação de Vilém Flusser<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Os textos do livro *Los Gestos – Fenomenología y Comunicación*, de Vilém Flusser, foram traduzidos por Helena Charro. “Los gestos son movimientos del cuerpo que expresan una intención” (FLUSSER, 1994, p.8). “Ciertamente que el hablante dirige su palabra en un contexto, nunca habla en el vacío, y en ese

Certo que o falante dirige sua palavra em um contexto, nunca fala no vazio, e nesse sentido seu falar é sempre uma locução, uma pronúnciação, e por fim é sempre um falar dialógico. Mas as palavras que formula formam encadeamentos, estão enganchados entre si por razões sintáticas e semânticas. (FLUSSER, 1994, p. 44).

Nas frases específicas de João Paulo II marcaram os eventos, as visitas. E quem ouviu pelos meios eletrônicos ou leu pelos jornais e revistas ou estava presente, tentando exercer a mídia primária com o Papa, se sentiu próximo de João de Deus.

João Paulo II também foi o Papa que começou a levantar as questões polêmicas que a Igreja de Roma evitou por quase dois mil anos. Em 2000, pronunciou o primeiro *mea culpa*. João Paulo II escreveu 14 encíclicas. Foi o Papa que mais pediu perdão em nome da Igreja Católica perante a sociedade: “Eu peço perdão”. Em 2000, num documento, intitulado "Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado", João Paulo II reconheceu pela primeira vez na história os erros e os abusos da Igreja Católica. Pediu perdão pelas Cruzadas, pelo Cisma que afastou católicos ortodoxos e protestantes, pela falta de um posicionamento claro de defesa em favor dos judeus durante a perseguição nazista na II Guerra Mundial e pelos pecados cometidos contra os direitos dos povos e o respeito à diversidade cultural e religiosa, reconhecendo a evangelização forçada colocada a serviço da colonização de povos.

João Paulo, como líder contemporâneo da instituição outrora responsável pela Inquisição, manifestou o arrependimento pelos abusos cometidos naquela fase da história da Igreja Católica. O discurso a respeito do assunto, feito por uma personalidade mundialmente reconhecida como um líder religioso foi um gesto amplamente reproduzido pela mídia internacional.

Em 2004, admitiu os erros cometidos durante o período da Inquisição: "tanto para os dramas relacionados com a Inquisição quanto para as feridas deixadas na memória [coletiva] depois daquilo". (ÉPOCA, 2004).

Em relação à teoria da evolução, o Papa não só admitiu a veracidade de que o mundo levou bilhões de anos para chegar onde está como afirmou que essa visão é compatível com a fé cristã e com a linguagem simbólica das narrativas bíblicas.

---

sentido su hablar es siempre una locución, una pronunciación y, por fin es siempre un hablar dialógico. Pero las palabras que formula forman encadenamientos, están enganchados entre sí por razones sintáticas y semánticas” (FLUSSER, 1994, p. 44).

Com a morte de João Paulo II saiu de cena um homem carismático, alegre, amado pela mídia internacional e tido por muitos como um querido avô, um bom pai, um Pastor que demonstrava, com gestos públicos, amar as suas ovelhas. Quando o cardeal Ratzinger assume a função de Papa com o nome de Bento XVI, surge um representante da Igreja sério, tímido, um intelectual conhecido dos teólogos, mas um cardeal desconhecido pelos católicos. É inevitável buscar a origem dos dois homens para tentar entender suas diferenças.

Karol Wojtila nasceu na Polônia em 1920. Foi o caçula de três irmãos. Quando ele nasceu, a irmã mais velha, Olga já havia morrido. Aos 8 anos, perdeu a mãe. Aos 14, o irmão mais velho. E aos 19, o pai. Em 1939, quando a Alemanha nazista ocupou a Polônia todos os homens foram obrigados a trabalhar. Karol Wojtila foi mensageiro, operário em uma mina de calcário e depois trabalhou numa indústria química. Foi depois da morte do pai que ele passou a considerar a ideia de seguir o sacerdócio. No auge do nazismo, em outubro de 1942, ele procurou o Palácio Episcopal de Cracóvia e pediu para estudar.

Foi o primeiro Papa não italiano em 456 anos – o último antes dele havia sido Adriano VI, nascido nos Países Baixos. Foi o primeiro – e único polonês até agora – a ocupar o trono de Pedro. Um homem forte, simpático, acessível e esbanjando saúde que ia ao encontro das pessoas. O gesto de João Paulo II estendendo os braços para quem o chamava pelo nome tinha uma intenção clara: “Venha eu te abençoei e te acolho”. Ele se tornou o Papa pop – um jogo de palavras que pode significar tanto a abreviação de *popular* quanto a de *pope* – papa em inglês. As pessoas, quando se aproximavam dele, expressavam no olhar, nos gestos com as mãos, que além, de tocá-lo, queriam formar um elo. É a mídia primária mais uma vez mostrando que o corpo é a primeira forma de comunicação com o outro.

O Papa chama a atenção da mídia pelo simples fato de ser o Papa, o líder de uma instituição que foi uma das responsáveis para que a humanidade chegasse até os dias de hoje da maneira que chegou, com todos os acertos e desacertos. Durante vinte séculos a moral, os costumes, a arte, a ciência, a política, a economia, a bagagem cultural e a formação de sociedade ocidental foram moldadas pela Igreja Católica. Para os fiéis, os sucessores de Pedro enfrentaram e venceram crises com uma força que só pode ter inspiração divina.

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o cardeal e arcebispo do Santuário Nacional de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno Assis, conheceu cinco papas e impressionou-se com o carisma de João Paulo II:

Um homem que conseguia reter uma multidão de pessoas em silêncio total, como eu vi em Havana. Um poder de atrair a massa. Na sua interação com a massa adaptava o discurso. Uma figura imponente. Tinha um olhar extraordinário. Pessoalmente o carisma era incrível. O João Paulo se sentia bem com a multidão, com a massa. (Entrevista à Autora. Anexo 7).

A função pastoral do Papa foi descrita pelo próprio João Paulo II em entrevista ao jornalista André Frossard<sup>2</sup>: “Uma vez que o papa não pode fazer tudo, o que deve fazer em primeiro lugar? Acredito que sua primeira tarefa consiste em unir o povo de Deus” (LECOMTE, 2005, p. 600).

A missão de um Pastor é reunir suas ovelhas e por elas zelar, cuidar. Por isso a maneira, os gestos com os quais as acolhe são significativos. Uma figura como o Papa não pode estar sempre, fisicamente, ao lado do “Povo de Deus” junto ao seu rebanho. O que marca a passagem do Papa, a visita que faz a uma nação, são seus gestos, sua conduta, mesmo que vistos pela mídia eletrônica, a televisão. O biógrafo de João Paulo II, explica que para entender a atitude do Papa mais popular da história da Igreja católica, “é preciso acompanhá-lo em seus gestos e suas palavras, sempre carregados de sentido” (LECOMTE, 2005, p. 602). Essa afirmação lembra um texto de Flusser que enfatiza: “quanto menor informação contiver um gesto, melhor será a comunicação<sup>3</sup>” (FLUSSER, 1994, p.16). João Paulo II não deve ter estudado as análises de Flusser, mas colocava em prática seu conteúdo. Seus gestos públicos sempre foram simples e de fácil compreensão. Seu olhar firme e afetuoso, seus braços sempre abertos eram percebidos pelos que dele se aproximavam como: “Venham e os abençoarei”.

---

<sup>2</sup> André Frossard integrou os quadros da marinha e participou da resistência à ocupação alemã do território francês durante a Segunda Guerra. Foi capturado pela Gestapo e ficou um ano preso na “Barraca dos Judeus”. Publicou mais de 15 mil artigos e 23 livros. Foi eleito para Academia Francesa de Letras em 1987 e também atuou como editorialista do *Le Figaro*. O pai de André foi Louis-Oscar Frossard, um dos fundadores do Partido Comunista Francês. Criado em ambiente marcado pelo ateísmo, aos 20 anos André Frossard se converteu ao catolicismo.

<sup>3</sup> No original: “Cuanto menor información contiver un gesto, mejor será la comunicación”. Tradução de Helena Charro.

A pesquisadora Brenda Carranza analisa a cobertura da mídia eletrônica, especificamente a da televisão, dos gestos do Papa João Paulo II diante das multidões:

A cobertura televisiva dos inúmeros deslocamentos favoreceu o culto à personalidade papal, recobrando de dimensões planetárias suas ações carismáticas, a tempo que o firmou como sendo um papa moderno, pois nada mais moderno que a convocatória de multidões em espaços públicos como estádios, praças e esplanadas. (CARRANZA, 2011, p.130).

Mas João Paulo II não era moderno no sentido contemporâneo do termo, embora soubesse utilizar a mídia a seu favor. Ele mostrou seu lado conservador durante os 27 anos em que esteve à frente da Igreja e, conforme a tradição católica, condenou o uso de métodos contraceptivos, inclusive os preservativos, o controle de natalidade, a união homossexual e o divórcio. Não abriu o diálogo a respeito da comunhão aos divorciados, como também não discutiu o celibato de padres e não abriu espaço para debater o papel das mulheres na hierarquia da Igreja. Também era contra pesquisas como a clonagem para fins terapêuticos e o uso de embriões para o desenvolvimento de células-tronco. Um de seus opositores, o teólogo suíço Hans Küng, foi proibido de ensinar nas universidades católicas depois de publicar um artigo, em 1980, em que descreve o papel do papa:

O papa é a autoridade (..) com poder ditatorial, dirige sua inquisição contra teólogos, frades e bispos malquistos, acima de tudo contra crentes dotados de pensamento crítico e pronunciado espírito de reforma, perseguidos de forma inquisitorial. Exatamente como Pio XII perseguiu os mais proeminentes teólogos de seu tempo (...) de igual forma João Paulo II e seu grande inquisidor Ratzinger perseguiram Schellebeekx, Balasuriya, Boff, Bulanyi e outros (...) Consequência: uma Igreja vigiada, no seio da qual a denúncia, o medo e a ausência de liberdade estão muito difundidos (..) os teólogos escrevem de maneira conformista - ou não escrevem absolutamente nada. (WORLD SOCIALIST WEB, 2005).

Independentemente de ser um Papa pop, mas não moderno, João Paulo II era um religioso tradicional, conforme conta André Frossard:

Pratica uma religião à antiga. Por exemplo, nunca deixou o Vaticano sem seu rosário e seu breviário, mas, sobretudo nunca contém seus impulsos "místicos". O próprio Papa disse: "Houve na minha vida um período em que o intelectual dominava, mas ele foi como que se apagando para ceder cada vez mais lugar ao que é mistério". (LECOMTE, 2005, p. 603).

Isso era mais perceptível em seus momentos de oração. João Paulo tinha a fé que exigia de seus fiéis.

Um de seus auxiliares mais próximos comentou a atitude de João Paulo II durante suas orações: “Seu rosto empalidece ou resplandece, às vezes ele geme, lágrimas podem surgir em seus olhos. Ele é capaz de orar em qualquer lugar, onde quer que seja, mesmo no meio de um milhão de pessoas, de repente se ajoelha como se estivesse sozinho”. (LECOMTE, 2005, p. 603).

João Paulo II tinha o costume de ajoelhar-se diante das imagens de Nossa Senhora. Fez isso, no México, nas três vezes que visitou o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe a quem chamou de “Mãe das Américas”.

Fez isso diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima em 1982, pedindo a bênção de Maria: “Confiado-Vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, especialmente aqueles... (aqui o Papa fez uma pausa de 5 segundos), nós vos confiamos também a própria consagração em favor do mundo, depositando-a no Vosso Coração materno”.

João Paulo II ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida, considerada a Padroeira do Brasil e deu a bênção com a imagem original de Nossa Senhora.

João Paulo II morreu no dia 2 de abril de 2005, foi beatificado em 1º de maio de 2011 pelo Papa Bento XVI e canonizado no dia 27 de abril de 2014, pelo Papa Francisco.

O Papa João Paulo II marcou a vida dos fiéis com gestos muitas vezes dirigidos a uma única pessoa no meio da multidão. Quem conseguia obter esse privilégio entre os católicos, era destacado, principalmente, na mídia terciária, nos meios eletrônicos. Ele sabia da importância desse tipo de gesto para quem compartilhava com ele a mídia primária, para quem participava do próprio evento, para quem assistia pela televisão, para quem ouvia pelo rádio. A emoção de quem recebia era tão grande que deixava transparecer, transbordar. E ao mesmo tempo quem assistia pela TV sentia-se representado naquele gesto, naquele toque de mãos entre o Papa e o fiel. O gesto da mídia primária tinha um destino certo na mídia terciária. Esse tipo de relação sistêmica entre os gestos na mediação primária e a midiaticização dos mesmos gestos na chamada mídia eletrônica parece ter sido fundamental na repercussão internacional.



## 2.2 Os gestos de Bento XVI

O amigo, e conselheiro teológico do Papa João Paulo II, seu companheiro nas viagens, era, o então, cardeal Joseph Alois Ratzinger. Coube a ele a condução da Igreja Católica após a morte de João Paulo II. Foi eleito Papa em 19 de abril de 2005 e, para espanto do mundo e principalmente da própria Igreja, renunciou a esta função no dia 28 de fevereiro de 2013.

Uma jornalista da agência italiana Ansa que na data da renúncia assistiu ao discurso do Papa diante do Consistório – ou Colégio de Cardeais - entendeu, quando Bento XVI disse que estava cansado, que a pressão estava forte demais e que ele iria parar. Ela entendeu o gesto como uma renúncia, mas era tão pouco provável que isso acontecesse, que a Ansa só deu a notícia depois de confirmar com o porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi. A Ansa divulgou a notícia às 11h46 – horário local. Em Brasília eram 08h46 da manhã.

O anúncio da renúncia que se realizaria no dia 28 foi feito no dia 11 de fevereiro de 2013, numa segunda-feira de carnaval, praticamente feriado no Brasil. Diante da atitude do líder da Igreja Católica Apostólica Romana surgiram as perguntas: “O Papa pode renunciar?”, “Esse cargo não é vitalício?”, “Como vai se eleger um novo Papa com o anterior ainda vivo?”, “Outros papas já renunciaram?”

A história mostra que outros Papas renunciaram: São Ponciano (230-235), Bento IX (1047-1048), São Celestino V (1209 ou 1215-1296) e Gregório XII (1406-1415). Desse modo, Bento XVI foi o quinto Papa a abdicar da liderança da Igreja Católica Apostólica Romana.

Mais uma vez, a cobertura midiática transformou um fato da Igreja, no caso a renúncia do Papa, num grande evento histórico. O ineditismo da atitude de Bento XVI foi tão surpreendente que o diretor do jornal italiano *La Repubblica* escreveu:

Veremos uma sucessão de ineditismos. Não há história, literatura, doutrina, sequer uma prática estabelecida à qual se referir. O conclave não ocorrerá depois das exéquias, mas com um papa vivo. Esse conclave deverá se confrontar não somente com a memória do Papa, mas com a força de seu pensamento - neste caso um papa teólogo, intelectual. (VEJA, 2013).

As especulações foram inevitáveis: o Papa estaria mesmo muito doente? Que doença seria essa? Seriam os escândalos envolvendo a Igreja em casos de pedofilia, corrupção, lavagem de dinheiro no Banco do Vaticano que pressionaram Bento XVI? Para muitos, a renúncia do Papa foi o ápice de uma sucessão de crises dentro da Igreja. Esses escândalos levaram Bento XVI a admitir que, apesar de ser considerado o maior teólogo da Igreja, não tinha mais energia para enfrentar a tempestade que se formava no horizonte. No Brasil, havia ainda outra expectativa: Bento XVI era aguardado para dali a cinco meses, no Rio de Janeiro para a 28ª Jornada Mundial da Juventude.

Um dos motivos alegados pelo Santo Padre para abdicar da liderança Católica Apostólica Romana foi sua saúde frágil. Mas no dia seguinte à renúncia, Bento XVI tinha o semblante sereno e caminhava sem bengala. Na atitude de Bento XVI nada ficou claro. Ele alegou problemas de saúde, mas o silêncio foi enorme. O Papa não deu nenhuma explicação racional, como sempre o fez em toda a vida.

A mídia de todo o mundo questionava a renúncia o tempo todo. O Papa Bento XVI limitou-se a anunciar como e quando seria o novo Conclave, demonstrando que o gesto da renúncia não era um rompante. O Papa Bento XVI estava preparando a sua renúncia havia muito tempo.

E a surpreendente renúncia dividiu as atenções da mídia e da opinião pública. Enquanto se descobre que há rombo no Banco do Vaticano, que escândalos sexuais rondam os muros da sede da Igreja Católica, vaticanistas e teólogos debruçam-se sobre o texto da renúncia para tentar entender os motivos da atitude inesperada de Bento XVI.

As palavras do papa:

Após ter examinado perante Deus reiteradamente minha consciência, cheguei à certeza de que, pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério petrino. Sou muito consciente de que este ministério, por sua natureza espiritual, deve ser realizado não unicamente com obras e palavras, mas também e em não menor grau sofrendo e rezando. No entanto, no mundo de hoje, sujeito a rápidas transformações e sacudido por questões de grande relevo para a vida da fé, para conduzir a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito, vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que eis de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado. Por isso, sendo muito consciente da seriedade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao Ministério de Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, que me foi confiado por meio dos Cardeais em 19 de abril de 2005, de modo que, desde 28 de fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro ficará vaga e deverá

ser convocado, por meio de quem tem competências, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice. (Site do Vaticano).

As palavras do Papa Bento XVI não convenciam e o silêncio do Papa incomodava. E até hoje ele não rompeu o silêncio e apenas deu algumas pistas.

Bento XVI anunciou dias depois que criou uma comissão de cardeais que deveriam apurar o que estava acontecendo com setores da Cúria Romana. O documento final já estava pronto e tinha cerca de 300 páginas, mas só o próximo Papa saberia o conteúdo de tais documentos. Novamente, o fato despertou a curiosidade dos fiéis e ocupou várias páginas e minutos da mídia. Os jornais italianos fizeram todo tipo de especulação.

Renunciar ao cargo de bispo de Roma, deixar de livre e espontânea vontade, de ser o Papa já é uma atitude surpreendente e aparentemente um gesto de humildade. É possível tentar entender o porquê desse espanto conhecendo um pouco da vida e das ideias de Joseph Ratzinger, atual Papa Emérito Bento XVI.

O cardeal Ratzinger adotou o nome Bento XVI em homenagem a Bento XV, o italiano Giacomodella Chiesa (1914 - 1922). Ele ficou conhecido como o Papa da paz porque tentou - embora, sem sucesso - negociar a paz durante a Primeira Guerra Mundial. Além disso, Bento XVI sempre foi muito ligado espiritualmente ao Mosteiro Beneditino de Schotten, perto de Ratisbona, na Baviera.

Joseph Ratzinger, nasceu em 1927, em Marktl am Inn, na Baviera, Sul da Alemanha. Filho de um policial e de uma cozinheira, tem dois irmãos: Maria e Georg. É padre desde 1951. Foi nomeado cardeal por Paulo VI em 1977. Em novembro de 1981, foi nomeado prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. O objetivo dessa Congregação é descrito no site do Vaticano: “Se põe a serviço da Igreja universal para a salvaguarda e a promoção de fé em vista do bem das almas”. Algumas de suas atribuições: analisar todas as questões a respeito da doutrina da fé e da vida moral; examinar os delitos contra a fé, a moral e a celebração dos sacramentos; julgar quanto concerne ao *privilegium fidei*.

Como prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé reduziu o espaço da ala progressista e liberal e puniu teólogos como o brasileiro Leonardo Boff, o suíço e

seu maior opositor, Hans Küng, e Euger Drewermann. Em 1984, condenou totalmente a Teologia da Libertação. Depois da visita ao Brasil, em maio de 2007, Leonardo Boff, chegou à seguinte conclusão:

Se a visita papal não fez um bem manifesto à Igreja Católica brasileira, deve ter feito muito bem ao Papa. Ouvi de um bispo que esteve com o Papa após sua visita dizendo que lhe causou impacto e admiração o entusiasmo dos católicos e reconheceu o valor da presença da CNBB - nas questões da justiça e dos direitos humanos. Estimo até que a partir dessa constatação se deu conta das boas razões da Teologia da Libertação e da injustiça que fez em condená-la no Brasil e na América Latina. (Boff em entrevista à Autora. Anexo 5).

Ratzinger participou como assessor teológico do Concílio Vaticano II (1962-1965). Antes de ser eleito papa recebeu sete títulos e doutoramentos “*honoris causa*” de universidades católicas de renome internacional. O fato de ser homenageado com tais títulos mostra a competência intelectual do cardeal Ratzinger, mas demonstra, também, o grau de poder e influência exercidos por ele. “Joseph Ratzinger é considerado um homem culto, que sabe muito bem o que é o poder. É um dos poucos a refletir sobre o que é ser histórico”, disse o repórter e âncora da TV Globo William Waack. Desde o ano 2000 membro honorário da Academia Pontifícia das Ciências, Ratzinger é considerado um dos maiores teólogos da Igreja Católica. Conhece a burocracia, a política e principalmente a disciplina do Vaticano e da Igreja Católica Apostólica Romana em todos os seus detalhes.

O repórter William Waack, foi até a cidade natal de Joseph Ratzinger para fazer uma reportagem sobre Bento XVI por ocasião da vinda dele ao Brasil em 2007. Waack morou na Alemanha como correspondente internacional durante 15 anos, mas não conhecia a Baviera, um triângulo junto ao rio Inn entre a Áustria e a Alemanha, onde Ratzinger nasceu, cresceu, tornou-se padre e ainda tem uma residência. Waack ficou impressionado com a harmonia, a beleza, a força e as cores da natureza “que sempre parece estar em ordem”. A descrição de Waack nos faz pensar que Ratzinger sempre conviveu com tudo no lugar. Até a natureza parece muito organizada e disciplina é a palavra de ordem. Parece que todos já sabem o que fazer. Bento XVI foi um Papa conservador e polêmico para alguns, mas para Waack, tirou da vida conclusões que “não são apenas suas, mas orientam boa parte de sua conduta enquanto dirigente político de uma instituição vital na formação dos valores e consciências que permitem que sociedades (e os Estados) funcionem”.

Ratzinger teve uma formação rígida. Na juventude viveu a guerra e viu a política e a atuação do ditador Adolf Hitler. Waack justifica a atitude e os gestos do Bento XVI: “Ratzinger, assim como o povo alemão, soube reencontrar a democracia jurando jamais crer no demagogo. Um político alemão que apele à emoção é visto com desconfiança”. E isso também explica porque não adotou o estilo de João Paulo II, com quem conviveu durante todo o papado. Ratzinger influenciou nas decisões de João Paulo II, mas parece não ter aprendido com o polonês a arte da comunicação gestual com as multidões. Ou decidiu não seguir o estilo performático do antecessor até porque é um intelectual e tem certeza que há uma relação entre fé e razão. Enquanto João Paulo provavelmente privilegiava os gestos que despertavam emoção nos interlocutores.



FOTO - 18 Papa Bento XVI na missa de canonização de Frei Galvão.  
Fonte: AFP Photo /Osservatore Romano, maio de 2007.

Bento XVI esteve no Brasil em maio de 2007, em sua sexta viagem oficial como Papa. Veio para a sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe na cidade de Aparecida, no Estado de São Paulo, e para canonizar o Beato Frei Galvão, primeiro santo brasileiro. Visitou as cidades de: São Paulo, Aparecida e Guaratinguetá, onde se encontrou, na Fazenda Esperança, com dependentes químicos, em recuperação.

O contexto nacional era bem diferente do período no qual seu antecessor visitou o país. Bento XVI viu um Brasil mais livre. Foi recebido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente que conseguiu os maiores índices de aprovação até os dias de hoje. Desde 2003, o país experimentava um crescimento econômico. Segundo os dados do IBGE houve incremento na geração de empregos, a taxa de desemprego caiu e o número de pessoas contratadas com carteira assinada cresceu mais de 985 mil,

enquanto o total de empregos sem carteira assinada diminuiu 3,1%. Já o total de pessoas ocupadas cresceu 8,6% no período de 2003 a 2006.

A vinda de Bento XVI ocorreu em um cenário cuja estatística oficial apontava que o número de católicos diminuía e o de outras religiões, principalmente, os evangélicos aumentava. O número dos sem religião crescia gerando uma expectativa muito grande tanto entre os católicos como na cúpula da Igreja Católica do Brasil. E mais o Papa canonizaria o Beato Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro. Por isso os gestos públicos de Bento XVI diante da mídia eletrônica foram tão importantes quanto suas palavras. A comparação com o antecessor João Paulo II é inevitável, “o contraste entre Bento XVI e João Paulo II é sem dúvida o trabalho pastoral”, diz Waack em entrevista à autora. (Anexo 12).

Por isso, causou estranheza uma atitude de Bento XVI no Brasil. Quando chegou ao Mosteiro de São Bento, na capital paulista, o Papa ajoelhou-se para fazer uma oração solitária e depois, novamente na Catedral da Sé, quando foi ao encontro dos 400 bispos. Mas não repetiu o gesto no Vale do Paraíba. Ele foi ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, inaugurado por João Paulo II em 1980, para coordenar a recitação do terço. Ficou no altar, que estava repleto de peças de madeira feitas especialmente para sua visita. Em carta à autora (Anexo 2), o Papa, agora Emérito Bento XVI, cita entre os pontos de maior destaque na sua visita ao Brasil “a festiva oração coletiva na grande Basílica de Aparecida”. A recitação do terço foi de fato festiva, como descreve o Papa. Em cada mistério um jovem fazia uma espécie de encenação para anunciar o próximo mistério, acompanhado pelo coral.

A ONG Marcenaria da Fazenda preparou o trono, sete genuflexórios e seis cadeiras para os cardeais. Todas as peças foram feitas de peroba, com detalhes do encosto e dos braços confeccionados com as madeiras óleo de bálsamo, pinho de riga, pereira e jacarandá. A madeira foi comprada em demolições de fazendas e casas no Estado de São Paulo. O *design* das peças foi de Cláudia Moreira Salles. Bento XVI não se ajoelhou diante da imagem da padroeira do país; como o Papa não se ajoelhou ninguém utilizou nenhum dos genuflexórios. O gesto foi considerado uma indelicadeza para com os artesãos que trabalharam as peças, mas, depois da carta (Anexo 2) penso que Bento XVI provavelmente não se deu conta de que não tenha ficado de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Quando falou aos jovens no Estádio do Pacaembu, em São Paulo dois dias antes de ir a Aparecida, Bento XVI salientou a importância da figura de Nossa Senhora:

Desejei ardentemente encontrar-me convosco nesta minha primeira viagem à América Latina. Vim para abrir a V Conferência do Episcopado Latino-americano que, por meu desejo, vai realizar-se em Aparecida, aqui no Brasil, no Santuário de Nossa Senhora. Ela nos coloca aos pés de Jesus para aprendermos suas lições sobre o Reino e impulsionar-nos a ser seus missionários, para que os povos deste "Continente da Esperança" tenham, n'Ele, vida plena. (Anexo 13).

Se por um lado, Bento XVI surpreendeu pela formalidade excessiva durante a recitação do terço, também surpreendeu na manhã do mesmo sábado, dia 12 de maio, ao visitar a Fazenda Esperança, em Guaratinguetá. A Fazenda desenvolve um trabalho de recuperação de dependentes químicos. Tudo é coordenado pelo, também alemão, Frei Hans Stapel. Ele é fundador e presidente da Associação Internacional de Fiéis Família da Esperança, no Brasil, desde 1992. O frade nasceu no fim da segunda guerra mundial, cresceu junto com a reconstrução da Alemanha e é amigo de Joseph Ratzinger. Foi pela influência de Frei Hans que o Papa Bento XVI visitou a Fazenda Esperança em Guaratinguetá. É o próprio Hans quem define o amigo:

Ele é de natureza tímida, mas sempre aberto. Sempre respondeu diretamente as perguntas. Nunca se nega a atender alguém quando procurado. Ele é meigo e simples. Muito simples. É tímido. (Entrevista à Autora. Anexo 4).

Foi na Fazenda Esperança que Bento XVI se sentiu mais à vontade. Frei Hans conta que ele ignorou os apelos dos seguranças e fez questão de ficar perto dos jovens.

O papa Bento não se importou com a segurança. Abraçou os jovens, desceu do palco e foi para o meio dos jovens. Ele foi abraçar um por um. Foi o gesto mais bonito de toda a visita dele no Brasil. E os jovens queriam tocar o Papa. Esse gesto foi muito importante para os jovens em recuperação. (Entrevista à Autora. Anexo 4).



FOTO - 19 Papa Bento XVI abraça crianças.

Fonte: Adriana Martins/Fazenda Esperança/Divulgação. 12/5/2007.

Analisando as imagens de toda a visita de Bento XVI, pode-se verificar que foi com os jovens desse lugar, que ele se despiu da imagem de grande teólogo para ser um pastor.



FOTO - 20 Papa Bento XVI coloca um boné na cabeça.

Fonte: Adriana Martins/Fazenda Esperança/Divulgação. 12/5/2007.





FOTO - 21 Papa Bento XVI tenta abraçar um jovem.

Fonte: Adriana Martins/Fazenda Esperança/Divulgação.

O Papa andou entre os jovens, cumprimentou cada um, deu a mão, tocou em cada interno. Permitiu que os jovens vivenciassem a mídia primária, o contato que jovens desejavam – tocar em uma personalidade como o Papa. Em carta à autora, ele cita que o encontro com os jovens na Fazenda “em retrospectiva, sinto como ponto alto o encontro na Fazenda”. A forma como os jovens tentavam tocar no Papa, apertar a mão, entregar uma lembrança, mostra a intenção, o desejo de estabelecer o vínculo, criar um elo. Imagine o significado para um dependente químico em recuperação, que luta todos os dias, para vencer o vício, criar um elo com o Papa. E quem era o Papa naquele momento? Era a pessoa que falou para o mundo inteiro que os dependentes químicos em tratamento “são embaixadores da esperança”, e advertiu os traficantes:

Digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e de adultos de todos os segmentos da sociedade. Deus vai-lhes exigir satisfações. (Anexo 11).

Apesar do aparato de seguranças, Bento XVI provavelmente não agiu apenas com a cabeça, não foi racional como sempre demonstrou; agiu com o coração, por isso permitiu que fosse tocado. Ele entendeu o apelo que os jovens faziam com as mãos.

As imagens da visita de Bento XVI à Fazenda mostram a alegria, a ansiedade e a emoção dos jovens por estarem tão próximos do Papa. É o corpo a corpo. São as mediações primárias dizendo: “Somos de lugares e histórias completamente diferentes, mas estamos nos comunicando, nos entendendo apenas com o olhar, com o aperto de mão”.

“A mão é o meio de comunicação – mídia viva e em constante movimento” (ROMERO, p. 172). Muitas pessoas comunicam-se apenas pelos gestos.

A primeira mídia, a rigor, é o corpo – e por isso chamamos o corpo, portanto, de mídia primária. Quando duas pessoas se encontram existe uma intensa troca de informações, e, portanto, um intenso processo de comunicação por meio de inúmeros vínculos, inúmeros canais, inúmeras relações, conexões e linguagens. (BAITELLO, 2005, p. 31-32)

Baitello ajuda a compreender este contexto quanto enfatiza:

O nosso corpo é de uma riqueza incalculável. A quantidade de músculos e de possibilidades de movimento de cada músculo pode gerar uma “palavra” de linguagem corporal. Os vincos, a presença do tempo, a pele, os cabelos, os movimentos de cada músculo da face ou dos membros visíveis, há uma infinidade de frases possíveis de linguagem. (BAITELLO, 2005, p. 32)

E é nessa linguagem que cada um demonstra, exhibe a própria história, sua maneira de pensar e vivenciar o mundo. As imagens descrevem Jesus fazendo milagres com as mãos. Quando um católico ouve a voz do Papa, ou de um padre dizendo: Eu te abençoo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ele sabe que o Papa está fazendo um gesto com as mãos, um sinal da cruz. Para os jovens que naquele momento tinham a possibilidade de tocar o Papa, a oportunidade era estender a mão e tentar. “A mão é mídia, e nela encontram-se a mão natureza, a mão memória e a mão transcendência” (ROMERO, 2012. p.265). O dependente químico em recuperação utilizou as mãos para enrolar a droga e quem sabe para enxugar as lágrimas quando se viu sem esperança. Essa mesma mão, que, naquele momento, tinha um significado totalmente diferente: de esperança de uma vida melhor, uma vida equilibrada sem choro, sem desespero implorava pela oportunidade de tocar no sucessor de Pedro. Bento XVI entende a mensagem e tenta retribuir o amor que está recebendo no momento.



FOTO - 22 Papa Bento XVI cumprimentando os jovens.

Fonte: - Adriana Martins/Fazenda Esperança/Divulgação.

Pode-se dizer que na foto 22 o Papa Bento XVI tem uma luz em seus olhos, um olhar de encantamento nesse ambiente, diferente do olhar de outras fotos. Quando ele também estende as mãos para os jovens que gritam, chamam por seu nome, Bento XVI atende ao chamado porque entende o que é ser tocado pelo Papa.

Calcule-se o significado do gesto de um estadista, de um político, de uma personalidade internacional. Calculem-se as consequências do gesto do maior representante da Igreja Católica mostrado para o mundo pela mídia eletrônica. Quando era cardeal, Ratzinger esteve no Brasil três vezes: duas com João Paulo II e uma no Rio de Janeiro em 1990 para discutir a Teologia da Libertação. Mas foi como Papa que seus gestos foram acompanhados com uma lupa e um interesse crescente.

Logo que desceu do avião, em Guarulhos, seu primeiro gesto foi olhar para o chão. Em nenhum momento olhou para o céu. Desceu rapidamente a escada da aeronave e cumprimentou o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e a primeira-dama, Marisa Letícia, e passou a andar rápido. Foi o Presidente Lula quem tomou a liberdade de colocar a mão no braço do Papa para solicitar que ele andasse mais devagar. Uma liberdade, aliás, bem brasileira. Bento XVI não está acostumado a um gesto desses, mas aceitou a sugestão e diminuiu o ritmo. “Quando a resposta do outro é positiva, criam-se os vínculos da comunicação sadia”, segundo Romero (p. 57). Esse simples gesto de Lula revelou ao Papa que ele estava no Brasil e que aqui a população não vê problemas em tocar no corpo do outro. Bem diferente de sua Baviera, terra disciplinada de gestos contidos e tímidos.

Quando chegou ao Mosteiro de São Bento, onde ficou hospedado na cidade São Paulo, uma multidão já esperava por ele. Ao som de “Bento, Bento”, o Papa foi até uma janela blindada para cumprimentar as pessoas. O protocolo previa que ele iria à janela uma vez por dia, mas Bento gostou tanto da recepção calorosa que foi dez vezes nos três dias em que ficou na cidade (9, 10 e 11 de maio de 2007). As informações são de Dom João Evangelista, monge do Mosteiro de São Bento e um dos coordenadores dos preparativos da hospedagem do Papa.



FOTO – 23. Papa Bento XVI cumprimenta os fiéis.  
Fonte: Osservatore Romano/AFP. Mosteiro de São Bento /SP 10/5/2007.

Bento XVI ganhou de alguns jornalistas o apelido maroto de “Papa Cuco”, uma referência aos relógios de modelo cuco, em que um passarinho aparece na janelinha a cada hora cheia. Se para alguns esse gesto demonstrou uma integração com o povo, para Leonardo Boff, a comunicação do Papa no Brasil “foi singela”.

Boff é um velho conhecido do Cardeal Ratzinger. Em 1982 ele escreveu *Igreja: carisma e poder*. No livro, Boff denunciou a opressão da mulher dentro da Igreja, o atropelo dos direitos humanos, a concentração de poder nas mãos do clero e o controle severo das doutrinas. Boff sofreu então um processo presidido pelo cardeal Ratzinger. Em 1984, foi interrogado por Ratzinger durante três horas. A punição, chamada de silêncio obsequioso, foi uma espécie de silêncio penitencial. Boff foi deposto da cátedra de teologia sistemática e ecumênica e proibido de escrever e publicar. Mas 11 meses depois foi liberado, voltou ao trabalho de professor e retomou as atividades de assessor de comunidades eclesiais de base e movimentos sociais. O controle de Roma, no entanto, continuou, pois cada escrito dele devia ser censurado por duas instâncias diferentes, uma da Ordem Franciscana à qual pertencia e outra do bispo. Durante o evento Eco-92, no Rio de Janeiro, quando se reuniram os chefes de estado do mundo

todo para discutir a relação entre desenvolvimento e meio ambiente, veio o cardeal Sebastião Baggio e disse ao frade que deveria de novo entrar em silêncio obsequioso, que deveria agora sair da América Latina e do Brasil e que deveria escolher algum convento nas Filipinas ou na Coreia, mas sem falar nem escrever. Como a posição de Roma era irredutível, Frei Leonardo Boff decidiu deixar o sacerdócio e a Ordem dos Franciscanos.

É Leonardo Boff quem analisa os gestos de Bento XVI:

O que me impressionou foi o fato de que, diante dos cânticos do povo em frente donde estava hospedado, aparecia, vez por outra, à janela. Fazia os gestos rituais que sempre faz. Esboçava leve sorriso. Suponho que deve sofrer muito com o múnus de Papa, como figura pública. Se pudesse estaria sempre escondido em alguma biblioteca. (Boff em entrevista à Autora. Anexo 5).

No primeiro compromisso oficial, Bento XVI foi até o Palácio dos Bandeirantes para se encontrar com o presidente Lula e com o então governador José Serra. Como faz em todas as visitas oficiais distribuiu terços e medalhas. Aqui, um de seus gestos surpreendentes: quando entregou a medalha ao neto de Serra, o menino abriu a embalagem e deixou cair a medalha. Imediatamente, o Papa de 80 anos abaixou-se, pegou a medalha no chão e a devolveu para o menino. Nesse episódio, mais uma vez Bento XVI, mostrou que se adaptou à cultura brasileira, de gestos informais e espontâneos.

Na tarde do mesmo dia, encontrou-se com líderes religiosos do Brasil. O representante da Comunidade Islâmica de São Paulo, Sheik Armando Hussein Saleh, surpreendeu. Durante uma conversa com Bento XVI, tirou a própria túnica, sem nenhuma cerimônia, que estava sobre o terno, e a entregou ao Papa dizendo que o acessório tinha dado a ele muita sorte em uma negociação de paz, por isso a repassava para o Papa. Um assessor recebeu o presente sob o olhar espantado de Bento XVI para o Sheik. O Papa mexeu as sobrancelhas. Uma análise de Baitello pode ajudar na compreensão do gesto:

Os estudiosos do comportamento descobriram que existe um microgesto da sobrancelha que possibilita o nascimento de um vínculo comunicativo entre duas pessoas. E esse microgesto dura um sexto de segundo e se chama “eyebrow flash”, que em português foi traduzido por deflagrar do supercílio. Trata-se de uma brevíssima elevação da sobrancelha com a qual sinalizamos favoravelmente a uma aproximação quando encontramos uma pessoa desconhecida. (BAITELLO, 2005, p. 32).

Quando Bento XVI aceitou a vestimenta e mexeu levemente a sobancelha, o Papa sinalizou que entendeu a intenção e o gesto generoso e espontâneo do Sheik em doar a própria túnica. Quando se analisam as imagens desse encontro do Papa com os representantes religiosos, também se encontra na tese de Romero (p.61) uma feliz interpretação:

Um gesto representa alguma coisa, é carregado de movimento simbólico, é comunicação, diz Flusser. Logo, se é carregado de movimento simbólico, um gesto também é o outro lado da moeda – um gesto cultural. A história que o corpo carrega é um conjunto de gestos e o conceito de gesto contém o biológico, o social, e o cultural, sendo este último dominante – o homem é um ser de cultura. Talvez agora a frase do teólogo Yves Leloup (2002, p. 79) faça mais sentido: Quando você tocar alguém, não toque nunca um corpo. Não se esqueça de que você toca uma alma, com toda a sua história.

As redes de televisão da cidade de São Paulo uniram-se para fazer a cobertura da visita do Papa ao Brasil. Bento XVI chegou no dia 9 de maio de 2007 e voltou para Roma no dia 13 de maio de 2007. Mas, em algumas emissoras a preparação começou oficialmente no mês de fevereiro. A TV Globo, que coordenou o *pool* de emissoras e distribuiu as imagens para o mundo, criou um grupo especial para a cobertura. Uma equipe de jornalistas recebeu a função de levantar todos os dados para o evento e abastecer os telejornais com matérias especiais para a cobertura da visita.

Foram feitas reuniões com os representantes da Igreja Católica e os representantes das TVs, na sede da TV Globo/SP. Repórteres, produtores, editores e apresentadores tiveram palestras e aulas com teólogos, padres, bispos, filósofos que abordaram a história do Cristianismo, da Igreja, a cisão entre católicos e ortodoxos, o significado dos símbolos usados na missa, a importância do Papa, a vida do cardeal Ratzinger e toda a agenda que seria cumprida no Brasil. Todos os passos que Bento XVI daria no Brasil foram cuidadosamente estudados – das vestimentas aos gestos.

A ideia do Agenda-Setting “definição da agenda”, diz que os meios de comunicação determinam os assuntos discutidos pelas pessoas. O conceito de “agenda” refere-se a um grupo definido de temas discutidos, lugar e tempo específicos. Assim, a “agenda da mídia” são os temas presentes nos meios de comunicação; “agenda pública” são temas e assuntos presentes nas conversas entre as pessoas. O modelo de “Agenda-Setting” prevê que os temas da agenda da mídia definem a agenda pública, isto é, passarão a ser discutidos pelas pessoas uma vez pautados pela mídia. Dessa maneira, se a mídia falar dos temas A, B e C, há uma tendência do público a tratar igualmente desses temas em suas conversas. (MARTINO, 2010, p. 203).

E foi o que aconteceu: quanto mais reportagens eram publicadas em jornais e revistas ou eram exibidas pela televisão mais se falava sobre a visita de Bento XVI ao Brasil. Os representantes de todas as emissoras de televisão, inclusive, da TV Record, de propriedade de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, receberam explicações dos bispos e padres da comissão da visita do Papa sobre a cobertura do trajeto, e tiveram orientações sobre o que seria importante gravar e como as imagens do *pool* chegariam ao mesmo tempo para todas as emissoras.

Foi explicado que a imprensa não tem acesso às reuniões reservadas do Papa. Nesse caso, só é permitida a entrada do cinegrafista oficial do Vaticano. Ele grava as imagens e repassa à emissora responsável pela cobertura. No caso do Brasil, as imagens foram cedidas para a TV Globo que as repassou para as emissoras.

Cada TV podia ter equipes fora do *pool* para fazer imagens e reportagens exclusivas para seus telejornais. Cerca de 800 profissionais da TV Globo participaram do evento. A cobertura foi considerada impecável. Os índices de audiência subiram. A chegada do Papa elevou a audiência da TV Globo em 75%. Entre 16h18 e 17h24 do dia 9 de maio, 52% dos aparelhos de TV ligados no Brasil sintonizavam a TV Globo – os dados do Ibope registraram 28 pontos, quando a média do horário é de 16. As outras emissoras não registraram mudanças significativas em suas audiências. A TV Record limitou-se a inserir *flashes* em sua programação.

A TV Globo produziu matérias especiais sobre a Igreja Católica, os locais por onde Bento XVI passaria mostrando, por exemplo, a importância histórica da Catedral da Sé, a história de Frei Galvão e exibiu essas reportagens em todos os telejornais da rede (*Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo*) durante o mês que antecedeu a visita e com vinhetas “*Eu vou ver o Papa*” e “*Eu vi o Papa*”. Pode-se afirmar que as TVs comerciais, com destaque, para a TV Globo, garantiram o sucesso de público nos eventos de Bento XVI. As emissoras católicas não teriam conseguido sozinhas A cobertura da visita do Papa é sempre um fato internacional. Jornalistas do mundo inteiro acompanham a comitiva. O Brasil é considerado um dos países com o maior número de católicos, do mundo, portanto, o interesse da imprensa é enorme e qualquer gesto ou a fala do Papa tem repercussão internacional não só para os fiéis da Igreja Católica, mas também para os líderes de outras religiões.

Quanto mais as pessoas assistem televisão, maior sua tendência em achar que o mundo real é parecido com o que passa na tela. Essa afirmação, crua, é uma primeira síntese da Teoria da Cultivação. A proposta, criada pelo pesquisador norte-americano George Gerbner no início dos anos 1970, parte do princípio de que as pessoas vivem uma realidade regida por “indicadores culturais” a partir dos quais regulam sua percepção da realidade e, por conseguinte, sua ação diante dessa realidade. (MARTINO, 2010, p.194).

A audiência foi comemorada pelas emissoras de TV porque a internet já fazia parte do cotidiano das pessoas, as imagens circulavam nas redes sociais e mesmo assim a audiência foi considerada muito boa. Será que a audiência foi muito boa porque os telejornais da TV Globo anunciaram a chegada do Papa durante trinta dias? Se foi a TV que anunciou é a TV que mostrará. Ou ainda para grandes eventos a mídia é a TV?



FOTO - 24 Bento XVI circula de papamóvel em Aparecida.  
Fonte: Canção Nova.

A imprensa do mundo acompanhou todas as viagens do Papa. No Brasil não foi diferente. Todos os jornais do mundo destacaram a visita de Bento XVI ao Brasil. O site do jornal *Folha de S.Paulo* destacou a repercussão internacional, por meio de um *link* especial.

O americano *New York Times* afirmou que Bento XVI veio ao Brasil para fazer um "apelo direto para que a juventude brasileira siga a doutrina moral da Igreja Católica". O *Washington Post* afirmou que Bento XVI pretendeu reforçar os valores familiares ensinados pela Igreja e tentar conter a migração de fiéis católicos para as igrejas evangélicas, fenômeno cada vez mais comum na América Latina, onde vive cerca da metade dos católicos do mundo.



O britânico *The Guardian* também destacou a diminuição dos fiéis católicos no Brasil. A ênfase do argentino *Clarín* foi a reunião de Bento XVI com o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, dizendo que ambos conversaram sobre a "a paz mundial e os valores da família", mas evitaram tratar do polêmico tema do aborto.

O espanhol *El País* também destacou a reunião entre Lula e o Papa, citando outros assuntos tratados no encontro, como a produção de biocombustíveis na África para impulsionar a economia do continente, a juventude, a educação e os programas sociais. E o site da rede de TV americana CNN deu uma ideia do que Bento XVI encontrou por aqui: "Centenas de fiéis esperaram debaixo de uma fria chuva para ver Bento XVI, cuja viagem visa confrontar os maiores desafios do Vaticano, como o declínio da influência da igreja no Brasil, o crescimento das igrejas evangélicas e a polêmica em torno da lei que descriminaliza o aborto no México".

Resumindo a cobertura internacional pode-se dizer que enquanto Bento XVI exerceu o corpo a corpo com os jovens na Fazenda Esperança, abraçou crianças e entrou de alguma forma em contato com o povo, a imprensa internacional destacou apenas os temas polêmicos da Igreja na América Latina.

No encontro com os bispos brasileiros, na Catedral da Sé, o Papa criticou as correntes que defendem um maior engajamento da Igreja Católica nos movimentos sociais e partidos políticos, uma evidente alusão à Teologia da Libertação: "No seio da igreja, quando o valor do compromisso sacerdotal é questionado como entrega total a Deus através do celibato apostólico e como disponibilidade total para servir às almas, dando-se preferência às questões ideológicas e políticas, inclusive partidárias, a estrutura da consagração total a Deus começa a perder o seu significado mais profundo", declarou. No mesmo encontro, condenou o aborto e disse que o divórcio é uma ferida que se alastra: "Justificam-se alguns crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade individual; atenta-se contra a dignidade do ser humano; alastra-se a ferida do divórcio e das uniões livres".

Durante a missa de canonização do Beato Frei Galvão, Bento XVI criticou a mídia e defendeu a virgindade e o casamento. "É preciso dizer não àqueles meios de comunicação social que ridicularizam a santidade do matrimônio e a virgindade antes do casamento", disse ele.



FOTO - 25 Papa beija uma criança no papamóvel.  
Fonte: Max Rossi/Reuters. Maio de 2007.

Na abertura dos trabalhos da quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), em Aparecida, o Papa voltou a defender o distanciamento da Igreja Católica das questões políticas, dizendo em seu discurso: "Se a igreja começar a transformar-se em sujeito político, não faria mais pelos pobres e pela justiça. Sinto que faria menos porque perderia sua independência e sua autoridade moral identificando-se com uma única via política e com posições parciais".

Nos sete anos de pontificado, o Papa manteve-se fiel ao antigo cargo de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé: condenou o casamento homossexual e o aborto e exigiu que as pesquisas genéticas respeitem a vida. Num documento de 140 páginas intitulado *Sacramentum Caritatis*, o Papa recomendou que os fiéis sejam moderados no abraço da paz, criticou as missas com gêneros musicais diferentes dos tradicionais: "É necessário que se valorize adequadamente o canto gregoriano como próprio da liturgia romana. É necessário evitar a improvisação genérica ou a introdução de gêneros musicais que não respeitem o sentido da liturgia", diz o documento.

Uma das medidas tomada por Bento XVI foi a permissão, para quem desejasse, da celebração da missa em latim, com base no rito tridentino - em que o sacerdote fica de costas para os fiéis. Assim, Bento XVI acabou criando mais um pequeno grupo entre os católicos - os saudosistas, os tradicionalistas que participam da missa em latim, pregam uma disciplina à antiga e são, também, rigorosos quanto o assunto é celibato, divórcio e homossexualidade.

Oportunamente, um artigo de um padre canadense faz uma reflexão sobre as lideranças da Igreja e a postura conservadora adotada por Bento XVI. Raymond Gravel, padre da arquidiocese de Quebec, Canadá, comenta:

Dois mil anos após o evento da Páscoa, onde estamos hoje na nossa Igreja quando vemos os cristãos que deixam a barca (a Igreja), porque eles não se reconhecem mais nessa Igreja? Se Cristo nos reúne e nos reconcilia entre nós, com Deus, como diz São Paulo, como pode acontecer que a Igreja julgue, rejeite, exclua, condene mulheres e homens pelo que eles são e pelo que eles vivem? Será que a Igreja virou elitista? O dogmatismo e o legalismo fizeram-na perder o sentido da sua missa, que consiste em reunir e reconciliar. (*Site Culture et Foi*, 22 de julho de 2012. Tradução de José F. Lara.)

Para Leonardo Boff a vinda de Bento XVI não alterou os rumos da Igreja.

Não creio que sua visita ajudou a agregar católicos. Confirmou os fiéis que são féis incontestes do Papado, pouco importa quem ocupa o cargo. A linha atual do sistema eclesiástico do Vaticano se caracteriza por ser profundamente conservadora e repressiva de todo tipo de opinião que se afasta deste sistema. Os escândalos com os pedófilos e negociatas com o Banco Vaticano têm desmoralizado muito a instituição Igreja. Isso gera ceticismo e se perde o sentimento de pertença a um lar espiritual. Os efeitos posteriores à visita são praticamente nulos. Isso quer dizer que a visita não teve relevância e não moveu o mundo católico. (Boff em entrevista à Autora. Anexo 5).

O jornalista Willian Waack e Frei Leonardo Boff, conheceram o Papa de perto e enxergam um Bento XVI de maneira totalmente diferente:

Na crítica à modernidade há uma notável convergência de pontos de vista, ou, melhor, de convicções entre o Papa, entre filósofos como Jürgen Habermas (com quem ele travou um já épico diálogo, em 2005) e alguns dos críticos mais conhecidos de Ratzinger, como o teólogo suíço Hans Küng (que foi seu mentor e professor) e o brasileiro Leonardo Boff. Onde as divergências, ao que tudo indica, são irreconciliáveis. (Waack em entrevista à Autora. Anexo 12).

Leonardo Boff assim se refere ao então cardeal Ratzinger:

Ratzinger me fez sentar na cadeira onde sentou Galileo Galilei, no famoso edifício, ao lado do Vaticano, do Santo Ofício e da antiga Santa Inquisição. Foi meu ‘inquisidor’, interrogando-me por mais de três horas sobre o livro “Igreja: Carisma e Poder”, que me custou o “silêncio obsequioso”, a deposição de cátedra e a proibição de publicar qualquer coisa. Mas devo dizer que é uma pessoa finíssima, extremamente elegante na relação, mas determinado em suas opiniões. E muito, mas muito, tímido. (BOFF. Entrevista a *IstoÉ*).

A mídia está sempre à espera de uma surpresa do Vaticano e às vezes parece ainda não estar preparada para “encarar” a nova informação, a novidade. João Paulo II beijava o chão, abraçava crianças e fiéis de maneira espontânea. Seu sucessor,

Bento XVI era contido, não tinha a espontaneidade de João Paulo II. Bem que procurou seguir seus gestos – no Brasil apareceu várias vezes para acenar para a multidão que se aglomerava na garoa do Largo São Bento para ver o sucessor de Pedro. Ele acenou, beijou crianças, abraçou fiéis. Mas não tinha o mesmo carisma de João Paulo II. Mesmo assim, Bento XVI soube tratar a mídia. Usou seu lado culto e intelectual para deixar claro o conhecimento que tinha de sua Igreja.

O arcebispo de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno defende a atitude de Bento XVI. Para ele, o Papa emérito é o maior teólogo do século XXI. Um intelectual que escreveu uma obra imensa, profundo e claro. Um homem tímido, reservado que teve um gesto de humildade quando renunciou:

Um gesto de pura humildade. A Igreja tem muitos desafios. Um gesto midiático, mas um gesto admirável pela grandeza. Escolheu a vida no silêncio. Ele não tinha o carisma de João Paulo, mas os textos sempre profundos e claros. Soube, também, usar a mídia. Um comunicador a seu modo: humilde e simples. (Entrevista à Autora. Anexo 7).

Com alguns integrantes da direção da Igreja Católica, isto é, da chamada Cúria Romana, envolvidos em questões administrativas, a escolha do sucessor de Pedro traz novas surpresas. Depois das denúncias feitas pela imprensa, um cardeal eleitor confessa publicamente suas omissões diante de acusações de pedofilia e não participa da eleição.

Segundo Leonardo Boff, a mídia colabora com a Igreja nesses momentos:

A mídia de modo geral ajuda nas ações do Vaticano. Num duplo sentido, pondo à luz do dia os conflitos de poder dentro dos organismos centrais do Vaticano, pois sempre que há alta concentração de poder ocorrem disputas; isso mostra o lado humano e até demasiadamente humano da Igreja. Em segundo lugar quando se trata do Papa há sempre uma ampla cobertura. Papa existe um só no mundo. Cada palavra ou gesto seu repercute, pois é chefe de 1,2 bilhões de pessoas. E como Papa constitui uma instância moral e de autoridade de significação mundial. (Boff em entrevista à Autora. Anexo 6).

A mídia cobre as viagens dos Papas, está sempre atenta aos fatos do Vaticano e pronta para repercutir as falas e os gestos do Papa. Mesmo Bento XVI que não tinha o carisma do seu antecessor João Paulo II sempre teve espaço garantido. Entre todas as mídias a terciária foi a mais utilizada por ele. A marca do seu papado foi a renúncia, um gesto que surpreendeu ao mesmo tempo a Igreja e o mundo. O anúncio da decisão foi feito pela mídia e a consequência desse gesto foi repercutida por outras mídias eletrônicas.

### **3º Capítulo – Os gestos do Papa Francisco**

A Igreja Católica, ainda, estava digerindo a renúncia de Bento XVI quando foi, mais uma vez, surpreendida. O Papa escolhido pelo conclave era um cardeal jesuíta latino-americano, que cozinhava a própria comida, usava o transporte público e celebrava missa na periferia de Buenos Aires. Assim que chegou para ser apresentado ao povo que o aguardava na Praça de São Pedro para o, “*habemus papam*”, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, o papa argentino, que a partir de 13 de março de 2013, se tornou o Papa Francisco, agradeceu a confiança, disse que vinha do fim do mundo e antes de dar a bênção surpreendeu mais uma vez:

Peço-vos um favor: antes de o bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a bênção para o seu bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim. (Anexo 14).



FOTO – 26. Papa Francisco é apresentado aos fiéis e pede orações.  
Fonte: AFP Photo / Osservatore Romano. 13/3/2013.

O primeiro gesto do Papa Francisco foi inclinar a cabeça para receber as orações solicitadas. Ele parou para “ouvir”. O silêncio foi música nos ouvidos do recém-escolhido Papa. O Papa Francisco, que para muitos, demonstrou apenas humildade com essa atitude, estabeleceu, como diria Vilém Flusser, um “enlace” com os católicos do mundo que estavam ali representados pela multidão que ocupava a praça. O Papa Francisco, com o gesto do ouvir, mostrou o que seria uma das marcas de seu pontificado. Ele ouve para depois tomar uma atitude. Apenas para citar um exemplo.

Ele convocou os bispos para a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos que será realizada em outubro de 2014, tendo como tema: “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização” e toda a preparação foi feita com base em um questionário enviado aos bispos e às paróquias do mundo inteiro.

O jesuíta italiano Antonio Spadaro, que fez a segunda entrevista exclusiva com o Papa Francisco, confirma que o Pontífice, de fato, ouve as pessoas para depois decidir. Em conversa com o repórter Gerson Camarotti, que fez a primeira entrevista exclusiva com o Papa contou:

Muitos estão convencidos que o Papa tenha ideias claras e um projeto preciso, mas ao tomar suas decisões, consulta outros, reza sobre a decisão e depois a toma. Em consequência, não é um Papa que age tendo todas as ideias já muito claras. É um Papa que vive um caminho que se abre à medida que caminha. Isto é discernimento. (Anexo 16).

O cardeal Bergoglio sempre teve uma vida simples e, eleito para ser o representante do sucessor de Pedro, quer continuar levando uma vida modesta. A mudança dentro dos hábitos do Vaticano é enorme. Por quase 27 anos a vida do Papa polonês João Paulo II, foi voltada para grandes eventos, ele atraía multidões, usava suas habilidades de ator, e suas homilias duravam em média de 30 minutos. Embora popular, evitava abrir espaços para questionamentos. O alemão Bento XVI, durante os sete anos à frente da Igreja, era totalmente disciplinado, rígido no cumprimento das regras internas, radical quanto aos princípios e dogmas da Igreja. Não houve espaço para nenhum tipo de questionamento, suas homilias eram em média de 20 minutos. O Papa argentino Francisco, decide pagar pessoalmente a conta do hotel em que tinha se hospedado durante o conclave que o escolheu, dispensa um carro de luxo, agradece, mas se recusa a morar nos aposentos papais. Considera o local muito grande. Ele quer ficar perto das pessoas, ouvir o que elas têm a dizer. Quando viaja, carrega a própria mala de mão. A homilia em grandes eventos é de no máximo 15 minutos e nas missas diárias não passam de cinco minutos. Utiliza uma linguagem clara e objetiva. Ele conhece a velocidade do mundo. Francisco viveu sempre exercendo a mídia primária, esteve no corpo a corpo com os fiéis, conversava com as pessoas nas ruas, no transporte público. Uma de suas marcas é o bom humor. Na visita ao Brasil, em julho de 2013, sabendo da “rivalidade Brasil e Argentina no futebol”, disse: “O papa é argentino, mas Deus é brasileiro”. Pronto, com essa fala conquistou a simpatia de muitos brasileiros, independentemente da religião. Os gestos desse Papa sempre surpreendem. Ele pede,

por exemplo, para parar o carro e abençoa pessoas deficientes que estavam a sua espera na tentativa de estabelecer com ele um vínculo e em poucos minutos as imagens desse gesto já estão correndo o mundo pela internet.

É a primeira vez, na história do Vaticano, que o conteúdo da homilia diária é publicado. A missa na Casa de Santa Marta é o que a Igreja denomina "missa íntima". Poucos têm acesso, mas Francisco convida os funcionários da Casa, do Vaticano, para participarem da missa e sempre dá seu recado. A Igreja aproveita a procura de notícias sobre Francisco e publica-as no *site* do Vaticano:

São tantos os cristãos que não conhecem a alegria. E até quando estão na Igreja a louvar a Deus, parece que seguem um cortejo fúnebre e não uma celebração jubilosa. Ao contrário, se aprendessem a sair de si mesmos e a dar graças a Deus, a perder tempo louvando a Deus, compreenderiam realmente o que é a alegria que os liberta. (Casa Santa Marta. Homilia da missa de 31 de maio de 2013).

Esse tipo de mensagem rapidamente chega às redes sociais e, principalmente, os jovens compartilham, e replicam na velocidade da web.

Em uma dessas manhãs, Francisco decidiu enviar um recado claro para os padres. Poderia ter feito por um comunicado interno, mas decidiu tornar público e com a certeza da repercussão nas mídias sociais. Na homilia do dia 25 de maio de 2013, salientou a importância de aprender uma das lições de Jesus. Contou que os discípulos disseram às pessoas e as crianças que o procuravam que o Mestre estava cansado e por isso não poderia atendê-las. Jesus repreendeu os discípulos e disse: “Deixai vir a mim os pequeninos; não os impeçam, pois a eles pertencem o Reino de Deus”. Francisco cita casos concretos da vida da Igreja:

Dois noivos foram à igreja para marcar o casamento e o sacerdote lhes perguntou se haviam preparado os documentos. E eles disseram que sim. A seguir, antes de marcar o dia do casamento, disse aos noivos, mas não se esqueçam de pagar os enfeites da igreja, as flores, os cantos etc etc. (FRANCISCO, 2014).

O papa disse que os jovens queriam unir-se perante Deus, mas encontraram as portas da Igreja fechadas. Contou outro fato: uma mãe solteira foi batizar o filho na Igreja e o padre recusou porque ela não era casada. Para ele, muitas são as portas fechadas para os cristãos que querem aproximar-se de Jesus. Concluiu dizendo que foi acrescentado aos sete Sacramentos da Igreja o oitavo: “O sacramento da alfândega pastoral”. Alguns *sites* traduziam a palavra *alfândega* por *pedágio* e a repercussão nas



redes sociais foi tamanha que a imprensa também divulgou “o puxão de orelha” que o Papa deu no clero.

Os fiéis, muitas vezes, replicam a mensagem do *site* ou do *twitter*, mas sempre colocam em poucas palavras a sua opinião: “Assim seja!” ou “Assim espero!” “Amém!” ou reforçam a mensagem: “Vejam o que disse Francisco” ou “Concordo com o Papa”.

O Papa Francisco enfatiza a força da multiplicação das mensagens, convoca a Igreja para utilizar a Internet e define o papel das redes sociais: “a Igreja deve estar presente na Internet, sobretudo para a população jovem, uma vez que este espaço é uma espécie de ambiente de vida para eles”. A informação foi publicada pela *Associated Press* e replicada pela Agência Estado. O Papa Francisco falou a respeito da importância da Internet na homilia do dia 7 de dezembro de 2013, durante a missa celebrada na Casa de Santa Marta:

O Papa Francisco afirma “ser indispensável” que a Igreja Católica faça uso da Internet para difundir o Evangelho. (...) Aqueles que trabalham para a fé podem usar a internet para encontrar “homens e mulheres reais, que muitas vezes estão feridos ou se sentindo perdidos” e oferecer-lhes “verdadeiras razões para a esperança”.

Assim, enquanto enfatiza a importância do uso da Internet não deixa de frisar a necessidade e a relevância dos encontros pessoais com “homens e mulheres reais”. Neste contexto, retoma uma preocupação já apontada pelo comunicólogo Vicente Romano, autor do livro *Ecología de la Comunicación* (2004), que observa que o uso exagerado de aparelhos eletrônicos pode gerar “consequências ecológicas” na dinâmica dos diálogos do ser humano. Romano aponta para uma “ecologia da comunicação com o objetivo de se adaptar as tecnologias da informação já disponíveis às condições e possibilidades da comunicação primária do contato humano elementar e direto” (Menezes, 2013, p. 157).

O Papa Francisco também chama a atenção para a necessidade do diálogo, de estar presente fisicamente, pede aos padres que abram os templos para receber os fiéis, diz que não quer bispos e padres em aeroportos, mas cuidando da vida da paróquia junto dos e com os fiéis. Francisco sabe da importância de estar presente fisicamente na vida da comunidade. Ao mesmo tempo fala das ‘maravilhas’ da internet na mensagem que envia para a Jornada das Comunicações Sociais: “Não tenham medo de ser cidadãos do

mundo digital. A internet pode oferecer mais possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isso é algo bom, é um dom de Deus”. Ele ressalta a qualidade da Internet e adverte que a facilidade da tecnologia não pode impedir “a possibilidade do encontro”. Faz um alerta para a qualidade do conteúdo: “A velocidade com que chegam as informações, supera nossa capacidade de reflexão e de julgamento, e não permite uma expressão comedida e correta”. Francisco faz um apelo para que o católico seja tolerante com as diferentes opiniões nas redes sociais:

A variedade de opiniões sendo transmitidas pode ser vista como boa, mas também pode levar as pessoas a se entrencharem atrás de suas fontes de informação, que vão apenas confirmar seus desejos e ideias, ou interesses políticos e econômicos.

O Papa publica, praticamente, todos os dias, uma mensagem no *twitter*. “Se vivemos a fé na vida diária, o próprio trabalho torna-se uma oportunidade para transmitir a alegria de sermos cristãos”, postou no dia 21 de janeiro de 2014. A mensagem é clara, direta e equivale a um conselho para o católico.

Francisco, também, aproveita o *twitter* e envia recados para os políticos em Davos. “Não se pode tolerar que milhares de pessoas morram de fome todos os dias”. Um lembrete para os poderosos do planeta sobre a posição da Igreja diante da pobreza e da fome no mundo. Os católicos rapidamente replicam essas mensagens em seus dispositivos móveis e a mensagem chega até para um fiel mais desavisado que não tinha conhecimento do encontro em Davos.

Ou, ainda, um pensamento bem-humorado: “O Senhor bate à porta do nosso coração. Será que temos nela afixado um cartãozinho com a escrita: Não perturbe?” (Papa Francisco *Twitter* – 14 de janeiro de 2014).

O Papa Francisco, parece estar no caminho moderno da comunicação com seus fiéis: a Internet. Só no *twitter*, o Papa tem 11 milhões de seguidores. O volume de mensagens desperta interesse da rede mundial católica, Aleteia, que encomendou uma pesquisa à 3rdPlace. O título do estudo é “A Internet ama o Papa Francisco”. Publicado em janeiro de 2014, o estudo mostra que, globalmente, o Papa Francisco foi o personagem que gerou o maior volume de buscas mensais no Google (1.737.300) e o mais mencionado na rede (mais de 49 milhões de vezes) em comparação com alguns dos líderes mundiais mais influentes e populares em 2013, como Barack Obama, Vladimir Putin e Angela Merkel. As menções ao Papa têm uma distribuição geográfica

mais global e homogênea, sem apresentar uma concentração particular em determinada região, ao contrário de figuras públicas como Obama, que concentra 52% das referências nos EUA. (...) Em uma análise do número de menções globais, Francisco aparece em terceiro lugar geral, depois da banda OneDirection (78 milhões) e do cantor Justin Bieber (53 milhões). Na Itália, o Papa domina a lista com folga: são 750.833 menções. O segundo lugar é da mesma OneDirection, que tem 596.464 referências.

É o padre Spadaro que diz ao repórter Gerson Camorotti, da Globo News quem é o comunicador Francisco:

O Papa é perfeito como comunicador. O que é estranho, porque o Papa é uma pessoa que tem 76 anos, portanto, aparentemente fora das dinâmicas da comunicação ordinária. Francisco é um homem da Pastoral, que sempre esteve em meio às pessoas, sabe como se comunicar. Não como estratégia, ele não é um estrategista. Mas é uma pessoa humana que sabe como dividir a sua vida com os outros. O que me chama atenção é a sua capacidade de comunicar-se, de transmitir a mensagem do púlpito, sua capacidade de mover as pessoas. Vimos isso aqui no Rio de Janeiro. Às vezes as suas orações são diálogos, pede às pessoas que repitam, pergunta às pessoas quais são as escolhas, portanto as pessoas interagem. Para ele, comunicar-se significa partilhar, criar relações, não transmitir uma mensagem, de cima para baixo. (Anexo 16).

Na definição de Spadaro o Papa Francisco utiliza a tecnologia, a memória cultural de sua vivência e experiência como: padre, bispo, cardeal, professor. Francisco sabe qual era o preço do pão, do transporte coletivo em Buenos Aires, pelo menos, até março de 2013, quando ainda morava na capital da Argentina. E é com essa memória, ouvindo as pessoas que tenta encontrar os caminhos da Igreja.



FOTO – 27. Papa Francisco beija criança em Aparecida.  
Fonte: Stefano Rellandini/Reuters. 24/7/2013.

O Papa gosta de futebol e sabe que no país com o maior número de católicos no mundo, o Brasil, o esporte é uma paixão nacional. Na véspera da abertura da Copa do Mundo de 2014 grava uma mensagem em vídeo e distribui para a imprensa. Em um trecho diz:

Ninguém vence sozinho, nem no campo, nem na vida! Que ninguém se isole e se sinta excluído! Atenção! Não à segregação, não ao racismo! E, se é verdade que, ao término deste Mundial, somente uma seleção nacional poderá levantar a taça como vencedora, aprendendo as lições que o esporte nos ensina, todos vão sair vencedores, fortalecendo os laços que nos unem. (Anexo 15).

Quem é esse Papa que saiu do “fim do mundo”, como ele mesmo disse, e hoje se reúne com chefes de estado em favor da paz universal?

Jorge Mario Bergoglio nasceu em Buenos Aires em 17 de dezembro de 1936, filho de imigrantes italianos. Seu pai, Mario, era ferroviário e sua mãe, Regina Sivori, dona de casa. O casal teve cinco filhos. Bergoglio formou-se técnico químico e, em seguida, decidiu seguir o caminho do sacerdócio. Em 1958, entrou para o noviciado da Companhia de Jesus. Completou os estudos de humanidades no Chile e voltou para Buenos Aires em 1963 para dar aulas, em colégios católicos, de: filosofia, literatura e psicologia. Foi ordenado padre em 1969 e em 1973 fez sua profissão perpétua com os jesuítas. Em 1986, concluiu a tese de doutorado na Alemanha. Em 1992, foi nomeado bispo-auxiliar de Buenos Aires, pelo papa João Paulo II. Em 1998 foi nomeado Arcebispo e Primaz da Argentina. Em 2001, João Paulo II deu a ele o título de cardeal.

"O meu povo é pobre e eu sou um deles", disse mais de uma vez, explicando sua decisão de viver em um apartamento e cozinhar a própria refeição. Ele sempre aconselhou seus sacerdotes a mostrarem misericórdia e coragem apostólica, para manter suas portas abertas para todos. Seu projeto é simples: se você seguir a Cristo, você entende que "tripudiar sobre a dignidade de uma pessoa é um pecado grave".

Foi o relator do V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, em maio de 2007. O Papa Bento XVI veio ao Brasil para a abertura do evento. O cardeal Bergoglio permaneceu em Aparecida por 15 dias.

Como Arcebispo de Buenos Aires liderou uma diocese com mais de três milhões de habitantes - concebeu um projeto missionário baseado na comunhão e na

evangelização. Ele tinha quatro objetivos principais: comunidades abertas e fraternas, um leigo informado desempenhando papel de liderança, esforços de evangelização dirigidos a todos os habitantes da cidade, e assistência aos pobres e doentes. Ele pretendia reevangelizar Buenos Aires, "tendo em conta aqueles que vivem lá, sua estrutura e sua história".

A primeira viagem internacional do Papa Francisco é para participar da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) na cidade do Rio de Janeiro, em julho de 2013. A surpresa, para muitos fiéis, começou quando o Papa subiu e desceu as escadas da aeronave carregando a própria mala de mão.



FOTOS - 28 e 29. Papa Francisco carrega a própria mala de mão.  
Fonte: Osservatore Romano. Julho de 2013.

No voo, conversou por mais de uma hora com os jornalistas. Veio para um compromisso oficial, mas antes foi até Aparecida, a convite do cardeal Dom Raymundo Damasceno. No dia em que foi eleito o Papa Francisco decidiu voltar para a Casa de Santa Marta no ônibus junto com os bispos. Ele sentou-se ao lado de Dom Damasceno, que aproveitou a oportunidade e fez-lhe o convite para celebrar uma missa no Santuário de Aparecida.



FOTO - 30 Papa Francisco e Dom Damasceno no ônibus.  
Fonte: Frederico Henrique Oliveira. Publicado no site G1 em 13/03/2013.

O Papa aceitou o convite e no dia 24 de julho celebrou uma missa em Aparecida. Circulou de papamóvel no meio da multidão que o esperava mesmo debaixo de chuva para chegar até a Basílica. Francisco solicitou ao segurança que levasse uma criança até ele para ser abençoada. Bastou uma nos braços do Papa, para todos os pais desejarem o mesmo para seus filhos. A surpresa, que sempre ronda Francisco, foi de uma menina que beijou o rosto do Papa.



FOTO - 31 Papa Francisco recebe beijo de uma criança em Aparecida.  
Foto - Victor R. Caivano/AP. 24/7/2013.

Esse beijo que o Papa permite receber delicadamente, e a criança o faz espontaneamente, tem muitos significados embutidos no código do gesto: a pureza da criança, a emoção e a alegria dos pais, a delicadeza na forma de receber o beijo por parte do Papa. Aparentemente se trata de apenas um código: um simples beijo. Analisando a imagem e verificando o contexto desse gesto percebe-se que esse tipo de beijo tem muitos significados e ressignifica-se: o pessoal, para a criança e sua família e, ao mesmo tempo um desejo coletivo. A criança representa todas as outras que não puderam naquele momento estar junto do Papa, todas as famílias que querem seus filhos abençoados pessoalmente. Assistir a esse tipo de gesto tem o gosto de sentir-se representado, de alguma forma, por essa criança. Possivelmente essas imagens dos gestos carinhosos do Papa levam multidões para as ruas à espera do papamóvel, na esperança de estabelecer um vínculo.



FOTO -32 Papa Francisco nas ruas do Rio de Janeiro. Fonte: G1. Julho/2013.

Na chegada do Papa ao Rio de Janeiro, o motorista entrou em rua que não estava prevista no percurso e o carro do Papa foi cercado pelas pessoas que queriam vê-lo. Francisco, quando percebeu o que estava acontecendo, não teve dúvida, desceu o vidro da janela e começou a cumprimentar as pessoas que queriam tocá-lo. O gesto do Pontífice encantou a todos porque ele foi solícito e não se preocupou com a segurança pessoal; ao contrário, mostrou que gosta de estar com as pessoas.

Francisco foi um sucesso de público e de mídia no Brasil. Era comum ouvir as pessoas dizerem ‘onde será que está o Papa agora?’ A audiência dos canais de televisão

subiu na transmissão das atividades do Papa. A cidade do Rio de Janeiro recebeu mais de três milhões e 500 mil jovens para as atividades da Jornada Mundial da Juventude. A missa de encerramento foi na praia de Copacabana.



FOTO -33 Panorâmica de Copacabana no encerramento da JMJ.  
Fonte: Agência Brasil – Tânia Régio.



FOTO - 34 Papa Francisco na missa de encerramento da JMJ.  
Fonte: Agência Brasil – Tânia Régio.



O gesto do Papa no encontro com os católicos, seja qual for, é sempre divulgado velozmente pelos sistemas eletrônicos de comunicação. A foto do Papa Francisco comemorando um ano de papado na Praça São Pedro um gesto marcado pela alegria e foi imediatamente compartilhada pelas redes sociais digitais.



FOTO – 35. Papa Francisco comemora um ano de Papado na Praça São Pedro.  
Fonte: AFP Photo/ Osservatore Romano.

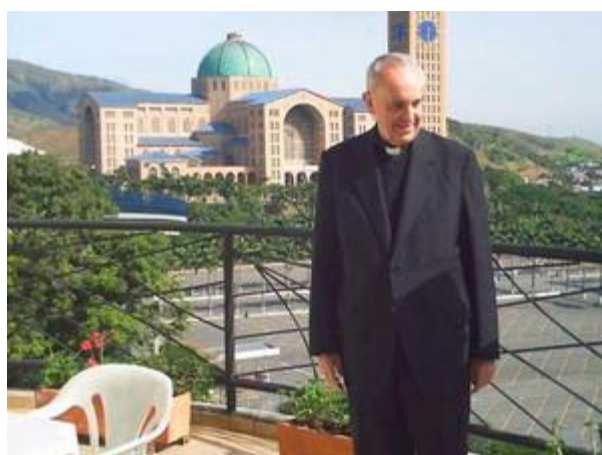


FOTO -36 Cardeal Bergoglio em Aparecida.  
Fonte: Reprodução Margel Hotel no site G1. Maio/2007.

Quando, no mês de maio de 2007, o Papa Bento XVI veio ao Brasil para a abertura do V Celam, o cardeal Jorge Mario Bergoglio foi o relator da Carta de Aparecida e ficou no Santuário 15 dias. Celebrou uma missa com poucas pessoas. Ele era apenas o cardeal argentino. Dessa época, há dois registros: uma foto do hotel onde se hospedou e a gravação da missa feita pela TV Aparecida.

Em julho de 2013, o mesmo cardeal, com os seus princípios e modéstia volta a Aparecida, agora como Papa Francisco. A Basílica foi pequena para abrigar tanta gente. Foi necessário credenciamento para ver ou tentar ver de perto, no corpo a corpo, o Papa. Do lado de fora mais de 150 mil pessoas, sob muita chuva, participaram da

missa pelo telão. Apesar de todas quererem um contato com o Papa, participaram da missa celebrada pelo Papa através da mídia terciária, um telão.

Após a missa o Papa caminhou pelo corredor principal da Basílica em direção à Tribuna para dar a bênção para o povo que esperava. Na ocasião muitas pessoas que poderiam ter tocado no Papa preferiram fotografar, registrar o momento. O mesmo aconteceu na Catedral do Rio de Janeiro. É interessante esse comportamento. Para ter acesso a Basílica ou a Catedral as pessoas precisaram cadastrar-se, muitas ficaram em fila de espera e, quando chegaram muito perto do Papa, preferiram tirar uma foto a cumprimentar pessoalmente o Papa. Esse é um dos alertas de Vicente Romano no já citado livro *Ecología de la Comunicación*. Parece que para estar em um local que se deseja muito não basta estar fisicamente e usufruir, é necessário tirar uma foto ou mais e postar nas redes sociais o quanto antes. Não basta estar com o Papa, é necessário contar que esteve lá e o mais rápido possível.



FOTOS - 37 e 38 – Papa Francisco em Aparecida e na Catedral do Rio.  
Fonte: Agência Reuters – publicado site G1 em julho/2013.

O Papa que veio do “fim do mundo” é simples, tem uma linguagem fácil e sabe utilizar a tecnologia para comunicar-se sem que isso afete os contatos na mídia primária. Em 27 de novembro de 2013, o Vaticano, pelo Osservatore Romano, divulgou a foto do Papa Francisco fazendo *selfie* com os jovens em Roma. Depois que essa foto correu o mundo pela Internet quem vai à Praça São Pedro tenta disputar um local por onde o papamóvel passará para também fazer um *selfie* com o Papa Francisco.



FOTO -39. Papa faz *selfie* com jovens no Vaticano.  
Fonte: Osservatore Romano/Reuters.

O Papa Francisco mostra que tem consciência da necessidade do contato com os fiéis e da importância da repercussão desse contato nos ambientes digitais. Pode-se dizer, na terminologia comunicacional de Vicente Romano, que ele incentiva o uso dos meios eletrônicos para divulgar a mensagem, mas sempre lembra que a mídia terciária não dispensa a importância e a necessidade de “praticar” a mídia primária.

## **Considerações finais**

No desenvolvimento da pesquisa que gerou esta dissertação observou-se que os gestos dos papas mostram que o corpo pode ser considerado como uma primeira mídia ou, para usarmos a concepção de Harry Pross, como mídia primária. Os gestos, como expressões de ternura e afeto, geram ambientes de vinculação, são percebidos não só presencialmente como também invadem os espaços da comunicação eletrônica (ou mídia terciária) e novamente são recriados ou ressignificados na relação com todos os que estão sintonizados tecnicamente e/ou vinculados simbólica e afetuosamente quando utilizam a comunicação midiaticizada. A relação sistêmica que permeia a comunicação presencial e a comunicação midiaticizada, o fato de os gestos dos papas ocuparem as capilaridades da comunicação presencial e as capilaridades da comunicação eletrônica, a observação de que existe uma recursividade entre as diversas expressões comunicativas, nos levam a perceber os gestos no contexto de uma ecologia da comunicação.

Mesmo considerando que é próprio dos meios eletrônicos enfatizarem ou editarem os gestos dos papas para ampliar a audiência, observa-se uma interação entre os gestos concretos e os gestos percebidos e recriados nos ambientes nos quais as pessoas tomam contato com os meios eletrônicos e vivenciam de forma simbólica e afetiva a relação com os gestos midiaticizados.

A pesquisa bibliográfica para compreensão dos gestos e da cobertura midiática dos mesmos gerou algumas outras constatações que poderão ser objetos de futuras pesquisas.

A Igreja Católica Apostólica Romana precisa dos meios e processos de comunicação para atingir cerca de 1 bilhão e 200 milhões de católicos no mundo, atrair novos fiéis e transmitir a sua mensagem. O público católico também é interessante para a mídia pelo fato que durante o desenrolar dos principais acontecimentos, como a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), por exemplo, cresce a audiência das emissoras de rádio e televisão, aumenta a venda de exemplares de jornais e revistas, bem como multiplica o acesso aos sites de notícias na Internet. Para todas essas empresas de comunicação há um aumento da venda do espaço publicitário. A Igreja também utiliza as redes sociais (*Twitter, Facebook, Instagram* e outras) para replicar ainda mais os *links* das manchetes, das reportagens televisivas, das análises dos especialistas, bem como das dioceses, paróquias, dos grupos religiosos e de sacerdotes.

A imprensa cobre o chamado factual. A visita do Papa é um factual agendado; os profissionais precisam ser credenciados previamente e a agenda da visita, o trajeto, os eventos são divulgados com antecedência para, inclusive, avisar, chamar o público e despertar o interesse, assim como acontece com eventos como Copa do Mundo, Fórmula 1, campeonatos esportivos, independentemente do local do evento. A cobertura de uma visita do Papa é maior no país que o recebe, mas a mídia internacional repercute a visita.

No Brasil, país com o maior número de católicos, o interesse é maior ainda. Os gestos públicos dos papas, assim como as falas (discursos, homílias) são importantes para mostrar para os católicos do Brasil e do mundo quem é o representante da Igreja, um senhor, quase avô, alegre, sorridente que beija as crianças carinhosamente, mostrando ao mundo a importância de cuidar do futuro da humanidade.

Gestos expressos em ambientes carregados de símbolos expressam dinâmicas que tocam afetuosamente as pessoas envolvidas presencialmente ou reunidas simbolicamente ao redor dos meios eletrônicos, como aconteceu durante o discurso de Bento XVI aos jovens dependentes químicos. Olhando para os jovens ele os chamou de “embaixadores da esperança” e disse que os traficantes terão de acertar as contas com Deus. Em outras palavras, no contexto de uma cultura marcada pela oposição entre céu e inferno, praticamente disse que os traficantes estão simbolicamente condenados.

O Papa Francisco, que fez a primeira viagem internacional para o Brasil e não para Argentina, experimentou uma empatia com o povo brasileiro e com os jovens do mundo inteiro reunidos na Jornada Mundial da Juventude (JMJ). O papa, que, como já observado, carregou simbólica e concretamente a própria mala na chegada e na partida, reuniu três milhões e 500 mil pessoas para o encerramento da JMJ quando celebrou uma missa na praia de Copacabana. E deixou a frase: “O Papa é argentino, e Deus é brasileiro”.

O Papa João Paulo II, que esteve aqui três vezes em fases diferentes da vida brasileira, é lembrado pelos católicos pela canção “A bênção João de Deus”. Uma das frases da canção explicitava justamente que “nosso povo te abraça”; o canto expressava, e ainda expressa, uma relação vivida tanto presencialmente, para quem estava nos locais visitados, como por quem assistiu ao evento pelos meios eletrônicos.

O Papa que beijava o chão, na primeira visita teve um encontro com os operários, na maior cidade do país, e os conquistou com uma expressão: “São Paulo, são vocês”. A frase repercutiu com vigor, embora os trabalhadores esperassem que ele condenasse, literalmente, a ditadura militar imposta por um golpe aos brasileiros. O sucesso de mídia de João Paulo II na visita de 1980 foi medido pelo Ibope: 90% de audiência. Quando voltou em 1991 e em 1997, a mídia já o esperava mais organizada e preparada para a cobertura. As imagens dos gestos de João Paulo II colocando os diversos tipos de chapéus brasileiros, visitando barracos, beijando crianças, visitando Irmã Dulce no hospital em Salvador, o rosto suado sob o sol brasileiro e muitas outras ficaram na memória dos católicos não só pelos gestos, mas por sua divulgação, pela repetição das imagens na mídia. Se as visitas de João Paulo II foram divulgadas pelos meios de comunicação de massa, as de Bento XVI e de Francisco foram repercutidas também pelas redes sociais digitais.

Na fase final desta pesquisa observou-se que o papa Francisco incentiva o uso dos diversos ambientes de comunicação. Da mesma forma que convida os católicos a vivenciarem uma cultura do encontro com os outros ao redor de suas comunidades concretas, também incentiva o uso das redes sociais digitais para o desenvolvimento do que denomina “cultura do encontro” nos ambientes da *Web*. Enfatiza que o católico não deve ter medo da Internet, pois ela é um instrumento poderoso para divulgar a mensagem da Igreja, mas é necessário cautela para checar as informações já que nem tudo que circula é verdadeiro. Não basta curtir ou compartilhar nas redes sociais, é necessário discutir e trocar ideias, respeitar o pensamento do outro e não descuidar do contato físico com as pessoas, do cultivo da chamada mídia primária. Não basta estar só com quem se tem afinidade; é necessário cuidar dos pobres, dos doentes, dos idosos, das pessoas das mais diversas nacionalidades, enfim, de uma “cultura do encontro” com os outros.

João Paulo II pode ser considerado um papa midiático pelo fato de que gostava da mídia e de que a mídia gostava dele. Um homem carismático, falava 16 idiomas, gostava da multidão e a multidão dele. O gesto de beijar o chão por onde passava foi a sua marca, o seu gesto mais conhecido. Era conservador dentro da Igreja, mas adaptava-se à linguagem midiaticizada e utilizava suas habilidades de ator para interagir com as multidões. Muitas vezes agia com o coração. Sabia como olhar para as pessoas.

Embora tenha convivido 27 anos com João Paulo II, o papa Bento XVI não “herdou” do antecessor nem o carisma, nem a leveza diante de fotógrafos e cinegrafistas, mas garantiu um espaço enorme na mídia com o gesto da renúncia, que chocou a Igreja e mobilizou a própria estrutura da Cúria Romana. Ciente da repercussão do seu gesto, Bento XVI anunciou a sua renúncia e logo em seguida como seria o Conclave para a escolha do próximo Papa.

Por fim, o Papa Francisco sempre surpreende. Um homem simples, de hábitos modestos tem 11 milhões de seguidores só no *Twitter*, posta mensagens quase todos os dias. Fala com simplicidade e consegue atingir católicos de todas as classes sociais. Não dita regras para a vida das pessoas, apenas diz como seria melhor: amar o próximo, pensar no próximo. Quando quer dar um recado para os padres, por exemplo, aproveita as redes sociais e divulga a mensagem da mesma forma com que se dirige ao conjunto dos católicos.

Os gestos expressos em ambientes carregados de símbolos indicam dinâmicas que tocam afetuosamente as pessoas envolvidas presencialmente ou reunidas também simbolicamente ao redor dos sistemas eletrônicos. Aos pesquisadores que continuarem investigando a dinâmica dos gestos que permeiam os ambientes comunicacionais, presenciais ou midiáticos, fica o desafio de pensar também os gestos do contexto religioso como gestos densos de possibilidades de vinculação, como possivelmente envolvidos por uma ecologia da comunicação. Aos estudiosos da comunicação das igrejas e das diversas expressões religiosas fica a responsabilidade da contínua avaliação da perspectiva comunicacional.



## **REFERÊNCIAS**

AGENCIA ECCLESIA. Notícias de 30/09/2013. Disponível em: <<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&id=97146>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

ALETEIA. **A Internet ama o Papa Francisco.** Disponível em: <http://www.aleteia.org/pt/sociedade/artigo/a-internet-ama-opapa-francisco-5888438347759616>. Acesso em: 30 jan. 2014.

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconografia.** Ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BAITELLO JR., Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes e vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus Editorial, 2008.

BAITELLO JR., Norval. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO JR., N. **A serpente, a maçã e o holograma.** Esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BBC. SITE DA BBC. **Repórter BBC.** Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BOFF, Leonardo. **O Papa deveria renunciar. Revista IstoÉ.** Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/76149\\_O+PAPA+DEVERIA+RENUNCIAR+?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/76149_O+PAPA+DEVERIA+RENUNCIAR+?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)>. Acesso em: 10 jan. 2012.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático.** Aparecida: Ideias & Letras, 2011

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação. Do grito ao satélite.** Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2001.

ESTADÃO. **Internet é vital para missão da Igreja.** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,papa-diz-que-internet-e-vital-para-amissao-da-igreja,1105580,0.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ESTADÃO. **Papa pede calma e ternura no mundo digital.** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,papa-pede-mais-calma-e-ternura-no-mundodigital,1121902,0.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

FOLHA DE S.PAULO. **João Paulo II pede desculpas pela Inquisição.** 15/06/2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u73742.shtml>>. Acesso em: 9 jul. 2012.

FLUSSER, Vilém. **Los Gestos.** Fenomenología y Comunicación. Barcelona: Herder, 1994.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Mediatização da religião.** Processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

KLEIN, Alberto. O sagrado em videotape: deslocamentos televisivos do espaço e do tempo na religião. In: BAITELLO JR., Norval *et al.* (Orgs.). **Os símbolos vivem mais que os homens.** Ensaios de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006.

LECOMTE, Bernard. **João Paulo II.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. Ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá, A religião midiaticizada nas fronteiras entre público e privado: uma abordagem teórico-crítica. In: CAZELOTO, Edilson *et al.* (Orgs.). **Comunicação, Tecnologia e Cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: <[www.casperlibero.edu.br/mestrado](http://www.casperlibero.edu.br/mestrado)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e Cidade. Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. Vínculos sonoros e ecologia da comunicação. In: BOURNHAUSEN, D.; MIKLOS, J.; SILVA, M.R. da. (Orgs.). **CISC - 20 anos. Comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto: Bluecom, 2012, p. 455-478. Disponível em: <[www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MENEZES, José Eugenio de O. Ecologia da comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo. In: CAZELOTO, Edilson *et al.* (Orgs.). **Comunicação, tecnologia e cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: <[www.casperlibero.edu.br/mestrado](http://www.casperlibero.edu.br/mestrado)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PUNTEL, Joana T. **Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2010.

RÁDIO VATICANO. **Chi siamo. Quem somos**. Disponível em: <<http://pt.radiovaticana.va/bra/chisiamo.asp>>. Acesso em: 10 set. 2013.

RÁDIO VATICANO. **A nossa História**. Disponível em: <<http://pt.radiovaticana.va/bra/chisiamo.asp>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

RÁDIO VATICANO. **Papa fala de um oitavo sacramento**. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/25/papa\\_fala\\_de\\_um\\_oitavo\\_sacramento](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/25/papa_fala_de_um_oitavo_sacramento)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

REVISTA ÉPOCA. Edição de 15 de jun. 2004. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

ROMERO, Elisabeth L. Gandini. **O gesto como imagem e a imagem como gesto**. A gestualidade das mãos na comunicação. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

ROMERO, Elisabeth L. Gandini. Nenhum gesto sem passado, nenhuma imagem sem um gesto. In: BORNHAUSEN, Diogo A; MIKLOS, Jorge; SILVA, Maurício Ribeiro da. (Orgs.). **CISC 20 anos. Comunicação, Cultura e Mídia**, São José do Rio Preto: BLUECOM, 2012. Disponível em: <[www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1988.

UOL. **Renúncia de Bento XVI**. Disponível em: <[http://img.uol.com.br/materia-modulos/abre\\_aspas.gif](http://img.uol.com.br/materia-modulos/abre_aspas.gif)>. Acesso em: 29 jul. 2013.

VATICANO. **Congregação para Doutrina da Fé.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_2000307\\_memory-reconc-itc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_2000307_memory-reconc-itc_po.html)>. Acesso em: 27 jan.2013.

VATICANO. **Meditação do Papa Francisco.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/cotidie/2013/po/papafrancesco\\_20130602\\_meditazioni-9\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/cotidie/2013/po/papafrancesco_20130602_meditazioni-9_po.html)>. Acesso em: 27 jan. 2013.

VATICANO. **Congregação para a Doutrina da Fé.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_pro\\_14071997\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html)>. Acesso em: 30 ago 2013.

VATICANO. **Congregação para a Doutrina da Fé.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_2000307\\_memory-reconc-itc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_2000307_memory-reconc-itc_po.html)>. Acesso em: 30 ago. 2013

VATICANO. **Congregação para a Doutrina da Fé.** Documento 07/12/1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_pro\\_14071997\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html). Acesso em: 2 jul. 2014.

VEJA ONLINE. **50 anos depois do Concílio Vaticano II.** (22 nov. 2012). Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/vasto-mundo/50-anos-depois-o-concilio-vaticano-ii-nao-conseguiu-seu-principal-objetivo-atrair-mais-fieis-para-a-igreja-catolica/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

WORLD SOCIALIST WEB SITE. Publicado em 13/05/2005. Disponível em: <<http://www.wsws.org/pt/2005/may2005/port-m13.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

**ANEXOS**

**ANEXO 1:**

***E-mail do assessor de Frei Hans comunicando o teor da carta de Bento XVI.***

**De:** Nelson Nelson [<mailto:nelson@fazenda.org.br>]

**Enviada em:** quarta-feira, 19 de março de 2014 09:53

**Para:** Cris Angelini

**Assunto:** Carta Bento XVI

Cris,

O papa emérito Bento XVI respondeu a carta do Frei e sua.

Não foi como gostaríamos, mas nos alegramos ao menos com esta resposta.

Pedi para o Klaus traduzir resumidamente e ao mesmo tempo scanear a carta original para você!

Pena que ele achou que era muito tarde para responder a todas suas perguntas.

Um grande abraço

Nelson

## ANEXO 2: CARTA do Papa Emérito Bento XVI

*Benedictus XVI*  
*Papa emeritus*

Vatikanstadt  
27. 2. 2014

Hochwürden Herrn Frei Hans STAPEL, OFM  
*Fazenda da Esperança* - Administração  
R. Tupinambás 520

**12515-190 Guaratinguetá/SP - BRASILE**

Lieber Frei Hans!

Ihr freundlicher Brief vom 7. November 2013 ist leider sehr lange liegengeblieben. Zunächst waren alte Briefschulden abzutragen, und dann kam die Lawine der Weihnachtspost, aus der ich sehr langsam erst Anfang Februar herausgekommen bin. So werden Sie mir verzeihen, daß ich erst heute antworte.

Inzwischen ist gewiß das große Fest zum 30-jährigen Bestehen der *Fazenda* vorübergegangen und hat hoffentlich vielen jungen Menschen neue Freude am Menschsein und am Christsein gegeben. Es hat hoffentlich auch Ihre Arbeit gegenüber der säkularistischen Kritik gestärkt.

Es hätte wohl wenig Sinn, jetzt noch auf die Fragen von Cris Angelini zu antworten. Nur zu den Fragen 3 und 4 möchte ich kurz sagen, daß ich mit großer Dankbarkeit und Freude an meinem Besuch in Brasilien zurückdenke, auch wenn ich in meinem Alter mir neue Reisen nicht mehr wünschen kann. Als Höhepunkte empfinde ich in der Rückschau den Abend mit der katholischen Jugend in São Paulo, das festliche gemeinsame Beten in der großen Wallfahrtskirche zu Aparecida, die Begegnung mit Ihrer *Fazenda* und schließlich das Zusammensein mit den Bischöfen aus ganz Lateinamerika.

Für all Ihre Arbeit gilt Ihnen mein väterlicher Segen

im Herrn Ihr

*Benedictus XVI.*

### **ANEXO 3: Tradução da Carta do Papa Emérito Bento XVI**

Bento XVI

Papa Emérito

Cidade do Vaticano

Vossa Reverendíssima

Sr. Frei Hans Stapel

Caro Frei Hans,

Infelizmente, a sua gentil carta do dia 7 de novembro de 2013 ficou muito tempo parada.

Inicialmente eu tinha compromisso com cartas antigas, em seguida veio a avalanche de correspondência natalina, que só consegui terminar, vagarosamente, no início de fevereiro

Então peço desculpas por somente responder hoje.

Neste ínterim certamente já passou a grande festa de aniversário da existência da Fazenda e espero que tenha dado a muitos jovens novamente a alegria em sermos humanos e cristãos.

Espero também que tenha fortalecido o seu trabalho de crítica em relação à igreja secular.

Faria pouco sentido ainda responder às perguntas da Cris Angelini.

Somente em relação às perguntas 3 e 4 eu gostaria de dizer brevemente, que recorro com grande gratidão e alegria a minha visita ao Brasil, mesmo que com a minha idade não posso mais desejar novas viagens.

Em retrospectiva, sinto como ponto alto à noite com a juventude católica em São Paulo, a festiva oração coletiva na grande basílica de Aparecida, o encontro com sua Fazenda e, finalmente, a convivência com os bispos de toda América Latina.

Por todo o trabalho de vocês, envio-lhes a minha bênção.

No Senhor, vosso (assinatura).



#### **ANEXO 4: Entrevista com Frei Hans Stapel (janeiro de 2014).**

Frei Hans Stapel, é fundador e presidente da Associação Internacional dos Fiéis Família da Esperança, no Brasil, desde 1992. Nasceu no fim da segunda guerra mundial, cresceu junto da reconstrução da Alemanha. É amigo pessoal de Joseph Ratzinger, papa emérito Bento XVI. O frade foi nomeado pelo Papa Francisco consultor do Conselho Pontifício para os Leigos em fevereiro de 2014. Foi pela influência de Frei Hans que o Papa Bento XVI visitou a Fazenda Esperança em Guaratinguetá. E foi por intercessão de Frei Hans que o Papa Emérito recebeu o e-mail da autora e responde duas questões:

##### **- Como é o Papa Emérito Bento XVI?**

Ele é de natureza tímida, mas sempre aberto. Sempre respondeu diretamente as perguntas. Nunca se nega a atender alguém quando procurado. Ele é meigo e simples. Muito simples. É tímido. Em janeiro agora (2014) fiquei 36 minutos sozinho com o Papa Bento. A conversa foi muito agradável. Ele sempre quer saber sobre a Fazenda e pergunta muito sobre os jovens.

##### **- A timidez o afasta da mídia?**

Penso que não.

##### **- Por que ele se sentiu tão à vontade com os jovens na Fazenda Esperança?**

Ele não se preocupou nem um pouco com a segurança. Quando os agentes olhavam o Papa dizia: “Os jovens estão perguntando”. E eu dizia “Papa, os jovens querem o senhor”. E os seguranças sempre exageram, mas o papa Bento não se importou com a segurança abraçou os jovens, desceu do palco e foi para o meio dos jovens. Ele foi abraçar um por um. Foi o gesto mais bonito de toda a visita dele no Brasil. E os jovens queriam tocar o Papa. Esse gesto foi muito importante para os jovens em recuperação.

##### **- O que mudou nos jovens depois da visita do Papa?**

Os jovens têm o momento do abraço na memória como um incentivo – Eu sou gente. E isso para um adolescente em recuperação é muito importante. Eles diziam “O Papa foi para a galera”. Eles passaram a entender melhor os objetivos da Fazenda: valores, respeito, auto estima, solidariedade.

### **- Como foi a repercussão na mídia da visita do Papa à Fazenda?**

A Fazenda ficou conhecida no mundo inteiro e ganhou mais respeito. Deu uma viravolta . Recebemos muitas ofertas de espaço para montar um local de recuperação. Antes da visita eram 42 fazendas (locais de recuperação), depois da visita passamos para 95 unidades no Brasil. Mais de 50 unidades foram doadas. (A Fazenda tem unidades também fora do Brasil: Alemanha, Argentina, Colômbia, Filipinas, Guatemala, México, Moçambique, Paraguai, Rússia e Uruguai).

### **- O que o senhor achou da renúncia do Papa Bento XVI?**

A renúncia mexeu com o mundo. E com tanta inteligência, com tanta sabedoria, com toda humildade o Papa Bento me disse: “Frei como eu poderia continuar? O médico proibiu de viajar. O mundo muda a toda hora e é preciso estar com toda força para acompanhar.” E a renúncia foi também uma surpresa para todos. A mídia valorizou a renúncia do Papa Bento, no Brasil, o carnaval ficou em segundo lugar. Parece que o Papa Bento ganhou mais respeito da mídia depois da renúncia. Quando ele renuncia ele diz; “Eu sou humilde”. Ele preparou o caminho para o próximo. Teve uma atitude franciscana e a mídia viu autenticidade no Papa Bento.

### **- O que o senhor acha do Papa Francisco?**

Cada Papa no seu tempo faz o necessário – a graça de dar à Igreja o que ela precisa. E a Igreja precisa ser simples, solidária, e fraterna. Há muitas pessoas na miséria. O Papa, a Igreja precisa ficar ao lado dos pobres. O Papa Francisco tem atitudes que mostram que ele está do lado dos pobres. Dispensar um carro luxuoso, por exemplo. O Evangelho tem um apelo concreto – Viver o amor. E o Papa Francisco caminha no amor.

## **ANEXO 5: Entrevista com o teólogo Leonardo Boff (08/12/2012)**

**From:** tvglobocris Angelini <[cris.angelini@tvglobo.com.br](mailto:cris.angelini@tvglobo.com.br)>

**Date:** Fri, 8 Jun 2012 16:23:32 -0300

**To:** Leonardo Boff <[lboff@leonardoboff.com](mailto:lboff@leonardoboff.com)>

**Subject:** É possível?

O tema é: Os gestos do papa Bento XVI na visita que fez ao Brasil, em 2007.

A pergunta é: O papa Bento XVI, através dos gestos, se comunicou com os fiéis católicos brasileiros?

R/O Papa Ratzinger decididamente não possui um carisma de comunicação. Nunca teve, mesmo quando era professor na Alemanha. Pelo que o conheço pessoalmente é extremamente tímido e reservado. Sua comunicação no Brasil foi singela. O que me impressionou foi o fato de que, diante dos cânticos do povo em frente onde estava hospedado, aparecia, vez por outra, à janela. Fazia os gestos rituais que sempre faz. Esboçava leve sorriso. Suponho que deve sofrer muito com o múnus de Papa, como figura pública. Se pudesse estaria sempre escondido em alguma biblioteca.

O senhor acha que a visita contribui para agregar os católicos?

R/ Não creio que sua visita ajudou a agregar católicos. Confirmou os fiéis que são féis incontestes do Papado, pouco importa quem ocupa o cargo. A linha atual do sistema eclesiástico do Vaticano se caracteriza por ser profundamente conservadora e repressiva de todo tipo de opinião que se afasta deste sistema. Os escândalos com os pedófilos e negociatas com o Banco Vaticano têm desmoralizado muito a instituição Igreja. Isso gera ceticismo e se perde o sentimento de pertença a um lar espiritual. Os efeitos posteriores à visita são praticamente nulos. Isso quer dizer que a visita não teve relevância e não moveu o mundo católico.

O senhor considera que a presença do Bento XVI despertou algo novo na Igreja?

R/ A visita do Papa não despertou nada de novo. Fundamentalmente é possível que os bispos mais esclarecidos e lúcidos nem desejassem a visita por saberem da dificuldade de comunicação do Papa e das críticas que circulam na sociedade e entre os católicos

sobre a direção conservadora do Vaticano. Este se tornou um bastião de conservadorismo, de autoritarismo e de machismo. O Papa pessoalmente cometeu vários erros de governo com referência aos judeus, aos muçulmanos, às mulheres, aos anglicanos e às igrejas evangélicas, negando-lhes o caráter de Igreja. O que tem escandalizado muitos católicos. Estes, a não ser os grupos conservadores, base social do atual tipo de Igreja, aceitam a mensagem de Jesus mas mais e mais se distanciam da Igreja institucional. Esta sangria interna da Igreja não foi detida pela presença do Papa. As estatísticas do IBGE mostram o crescente descenso do número de católicos.

Enfim, como o senhor, que conhece Ratzinger viu a visita dele como Papa ao Brasil?

R/ Se a visita papal, na minha leitura, não fez um bem manifesto à Igreja Católica brasileira deve ter feito muito bem ao Papa. Ouvi de um bispo que esteve com o Papa após sua visita dizendo que lhe causou impacto e admiração o entusiasmo dos católicos e reconheceu o valor da presença da CNBB nas questões da justiça e dos direitos humanos. Estimo até que a partir desta constatação se deu conta das boas razões da Teologia da Libertação e da injustiça que fez em condená-la no Brasil e na América Latina.

## **ANEXO 6: Entrevista com o teólogo Leonardo Boff (22/12/2013)**

**De:** leonardo Boff [mailto:lboff@leonardoboff.com]

**Enviada em:** domingo, 22 de dezembro de 2013 10:01

**Para:** Cris Angelini

**Assunto:** lboff/ respostas Cris

### **- A mídia ajuda ou atrapalha as ações do Vaticano, as ações do Papa?**

R/ A mídia de modo geral ajuda nas ações do Vaticano. Num duplo sentido, pondo à luz do dia os conflitos de poder dentro dos organismos centrais do Vaticano, pois sempre que há alta concentração de poder ocorrem disputas; isso mostra o lado humano e até demasiadamente humano da Igreja. Em segundo lugar quando se trata do Papa há sempre uma ampla cobertura. Papa existe um só no mundo. Cada palavra ou gesto seu repercute pois é chefe de 1,2 bilhões de pessoas, de uma China inteira. E como Papa constitui uma instância moral e de autoridade de significação mundial.

### **A cobertura que a mídia brasileira fez nas visitas dos três papas ao país ajuda a Igreja?**

R/ A presença do Papa sempre ajuda a instituição eclesial, pois se trata de uma pessoa singular que se supõe portador de uma mensagem espiritual com incidência na vida social e exemplo pessoal de virtudes que prega. Mas há papas e Papas. O Papa João Paulo II era profundamente midiático e teatral e por isso chamava sempre a atenção. Bento XVI mais recolhido e tímido e sem a irradiação de um carisma de comunicação oferecia poucos elementos midiáticos. De todos destaca-se o Papa Francisco por sua desenvoltura, por romper paradigmas, por falar a linguagem não oficial, por ser simples, pobre e despojado de todos os títulos de poder e por ser surpreendente. Assim é sempre matéria significativa para os meios de comunicação.

### **- O papa em uma visita (como essas feitas ao Brasil) consegue utilizar a mídia para transmitir a mensagem?**

R/ O Papa Francisco não tem a postura de alguém que é proselitista. Disse-o muitas vezes. A mensagem cristã vale pela capacidade de atração e por comparar como uma fonte de otimismo, de alegria, de abertura ao mundo, superando visões do passado que

entendiam a Igreja como uma fortaleza fechada, enquanto que agora o Papa Francisco apresenta uma Igreja como casa de todos e para todos, que cultiva a "revolução da ternura" que mostra misericórdia e não prejudica ninguém, antes acolhe com misericórdia. Logicamente a mídia transmite esta mensagem. Mas não há uma estratégia papal para utilizar a mídia para anunciar sua mensagem. Ele diz o que pensa, pouco importa o meio que transmite seu pensamento. Ele é um livre e libertado dos artificialismos do discurso eclesiástico.

**Ou é a mídia que aproveita da presença do Papa para ter mais audiência, vender mais jornal etc?**

R/ Os dois polos se completam. A mídia naturalmente cumpre sua missão divulgando de forma mais interessante e inventiva a mensagem dos papas. E estes aproveitam a mídia para até dar lições a políticos corruptos e a grupos conservadores que têm cara de defunto e vivem uma quaresma sem ressurreição. Ele pleiteia um cristianismo da alegria e da beleza e não da doutrina que poucos entendem.

**Na sua opinião, por que o Papa Bento XVI renunciou?**

R/ Eu tenho uma opinião singular sobre o motivo último de sua renúncia. À primeira vista renunciou porque face às 300 páginas do relatório sobre os escândalos do Banco Vaticano e dos *lobbies* de homossexuais que havia dentro da Cúria sentia-se fraco, impotente, física, psíquica e espiritualmente para enfrentar tão grave problema. Mas eu penso que ele se deu conta de que o seu modelo de igreja fracassou totalmente. Já como professor meu na Alemanha e sempre em suas intervenções doutrinárias sustentava a tese que ele derivou de Santo Agostinho, da Igreja como um "pequeno rebanho" santo, ortodoxo, virtuoso que representa a totalidade dos demais cristãos. O importante não era o número de católicos, mas sim a qualidade no modo de ser Igreja que busca permanentemente a santidade e a perfeição para irradiar sobre os demais e para o restante da humanidade. De repente se deu conta que essa Igreja "pequeno rebanho" de perfeitos e santos também convive com pedófilos e alguns ministros metidos em graves crimes financeiros e com relações escusas com grupos da máfia que usam o pretenso bom nome da Igreja para fazer lavagem de dinheiro. Coerentemente se deu conta que este tipo de Igreja não existe. É platônica. A Igreja é todo o povo de Deus com seu corpo de direção, mas marcada pela condição humana de não poder saber tudo nem de

se apresentar com uma tal santidade que é antes o carisma de alguns do que característica da maioria. Na minha opinião ele se deu conta de seu equívoco teórico e não tinha mais base espiritual e teológica para levar avante a Igreja com apenas esses recursos que se mostraram insuficientes. E sabiamente renunciou.

**A renúncia é um gesto de humildade, cansaço ou fraqueza diante da responsabilidade?**

R/Já respondi anteriormente.

**O Papa Francisco usa a mídia a favor da Igreja?**

R/ Curiosamente o Papa Francisco não coloca a Igreja no centro, mas o ser humano concreto que busca, que sofre e que tem sede de algo mais do que aquilo que a cultura do consumo oferece. Entende a Igreja como um hospital de campanha feito para atender feridos, acompanhá-los, mantê-los vivos e comunicar-lhes a esperança. Logicamente usa a mídia para proclamar este tipo de humanismo. Mas não a procura. Vive de suas convicções, pouco lhe importando o que dizem dele.

**Qual o papa que mais soube utilizar a mídia?**

R/João Paulo II foi o que melhor soube usar a mídia e a buscou. Ele foi ator quando jovem e nunca deixou de ser. Era um comunicador carismático e sempre teatral. Representou sempre até a própria morte.

## **ANEXO 7: Entrevista com Dom Raymundo Damasceno Assis, presidente da CNBB**

Dom Raymundo Damasceno Assis, cardeal, arcebispo de Aparecida, presidente da CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2011-2015).

Entrevista a autora em janeiro de 2014.

### **Quantos Papas o senhor conheceu?**

Cinco Papas. Quando era estudante em Roma eu vi de perto várias vezes o papa João XXIII. Também cumprimentei o Papa Paulo VI em 1964, em Roma.

Pessoalmente várias vezes com João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Estive com João Paulo II em 1980, em Brasília, quando eu era sacerdote, depois em 1991 na Esplanada dos Ministérios, também em Brasília. E em 1992 em Santo Domingo.

Particpei de vários encontros com o papa Bento XVI. Como secretário da CNBB (1995-2003) estive direto com o então cardeal Ratzinger em um seminário. Em 2007, ele veio para o Brasil e ficou em Aparecida, ficou hospedado no Seminário Bom Jesus. Em outubro de 2013 estive com o Papa Emérito Bento XVI.

O cardeal Jorge Bergoglio , antes de ser eleito papa, esteve em Aparecida e foi o redator da carta de Aparecida. Depois no Vaticano como presidente da CNBB e em 2013 novamente no Santuário Nacional de Aparecida quando voltou como Papa Francisco. E ele prometeu publicamente que voltará para Aparecida em 2017, para celebrar os 300 anos do encontro da Imagem de Aparecida. Aliás, em 2017 serão celebrados também os 100 anos da aparição de Nossa Senhora de Fátima às crianças.

### **Como era João Paulo II?**

Um homem que conseguia reter uma multidão de pessoas em silêncio total, como eu vi em Havana. Um poder de atrair a massa. Na sua interação com a massa adaptava o discurso. Devido a sua personalidade, foi ator, escreveu poesias, era uma figura imponente, tinha um olhar extraordinário. As suas encíclicas eram em um estilo mais difícil, circulava as ideias, girava em torno dos temas. Mas pessoalmente o carisma era



incrível. João Paulo se sentia bem com a multidão, com a massa. Uma forma de sair das audiências. Um grande missionário, um evangelizador do século XXI. Ouvido por muita gente. Ele se sentia bem na multidão. A mídia o procurava sempre porque sabia que ele era notícia. Quando viajava o mundo acompanhava suas visitas e tudo o que fazia tinha algo surpreendente.

### **A Igreja precisa da mídia?**

Se a Igreja não usar a mídia será um pecado. Se a Igreja não usar os meios de comunicação pode se sentir culpada diante de Deus. Antes era o púlpito. Hoje a Igreja precisa dos meios de comunicação. Não pode deixar, também, de usar os meios próprios da Igreja, como as TVs, rádios e jornais católicos, mas precisa dos outros meios de comunicação para divulgar o evangelho.

### **E o Papa Bento XVI?**

Bento XVI tem a característica própria do alemão. É o maior teólogo do século XXI, professor de Universidade, foi Prefeito para a Doutrina da Fé e é muito afável, educado, acessível, tímido, um acolhedor de pessoas, disciplinado. Comunicava-se muito bem como Papa. Escreveu uma obra imensa, obras completas de 20 volumes que são e serão úteis para muitas teses de mestrado, de doutorado. Ele é profundo e claro. Na visita ao Brasil em 2007 impressionou pelas atitudes, pelos gestos. Bento XVI tocou nos jovens carentes, dependentes químicos, demonstrou, a seu modo, ser um grande comunicador.

### **E a renúncia?**

Um gesto de pura humildade. A Igreja tem muitos desafios. Um gesto midiático, mas um gesto admirável pela grandeza. Escolheu a vida no silêncio. Ele não tinha o carisma de João Paulo, mas seus textos sempre foram profundos e claros. Soube, também, usar a mídia. Um comunicador a seu modo: humilde e simples.

### **E o Papa Francisco?**

Diferente de João Paulo II e de Bento XVI. Um grande comunicador a sua maneira, uma linguagem pastoral própria, propositiva, afirmativa, direta com o povo. No Brasil, então, se comunicou de uma maneira extraordinária na Jornada Mundial da Juventude.

Simpático. Os discursos não são doutrinários nem condenatórios, ao contrário são atraentes também para fora da Igreja. A população queria tocar no Papa, apalpar. Todos entenderam o sorriso e a bondade do Papa Francisco. Os pais de Bergoglio eram italianos e ele foi criado na Argentina. Ele vive a alegria do Evangelho. É um pastor. Reside na casa de Santa Marta, onde faz as refeições junto com todos. No Rio de Janeiro abraçava as crianças, andou de carro aberto. Ele tem um estilo próprio e diferente de se comunicar, são marcas diferentes. O Papa não pode fugir da mídia e o Papa não usa e não deseja a mídia, mas ele não pode ignorar. Ele usa e muito bem a mídia. As homilias diárias das missas da Casa de Santa Marta são publicadas no site do Vaticano. O Papa faz uma homilia curta de quatro a cinco minutos, fala pouco. Tem o estilo jesuíta sempre em três pontos: preso ao texto bíblico, meditação e reflexão. É uma maneira pedagógica para quem está participando da missa. Francisco fortalece o discurso com a coerência com o que fala e faz, portanto o Papa é notícia, o Vaticano é notícia.

## **ANEXO 8. Entrevista com Waldemar Rossi, coordenador da Pastoral Operária**

### **- Como foi o encontro dos trabalhadores com o papa João Paulo II?**

O papa João Paulo II se encontrou com os operários no dia 3 de julho de 1980, no estádio do Morumbi, evento organizado em comum acordo com o então cardeal D. Paulo Evaristo Arns. O resultado foi extraordinário, com a presença de 130 mil trabalhadores e mais 30 mil que não puderam entrar no estádio, segundo a própria polícia.

### **- Como foi a escolha dos trabalhadores que foram convidados a participar do encontro? Quais os critérios?**

A responsabilidade da escolha dos participantes foi entregue às várias dioceses do Estado de São Paulo, com cotas estabelecidas para cada uma, segundo sua importância no universo operário. Logicamente a capital e a Grande São Paulo foram privilegiadas. Os convites foram enviados às dioceses que se incumbiram da seleção, priorizando trabalhadores das indústrias, mas não apenas, de tal forma que o público presente ao estádio foi constituído de trabalhadores dos vários ramos de atividade.

Entretanto, o país vivia momentos difíceis com o regime militar, e a Igreja em São Paulo batia de frente contra os crimes da ditadura. O cardeal D. Paulo Evaristo Arns havia formado a Comissão de Justiça e Paz (CJP) que com ele colaborava no levantamento e denúncia dos casos de presos, torturados e desaparecidos políticos, além de oferecer proteção às suas respectivas famílias. Por sua coragem e ousadia, D. Paulo era ameaçado constantemente pelas forças da repressão, com fortes ataques pessoais feitos por alguns “profissionais” da imprensa a serviço da repressão. Em 1975 D. Paulo organiza e preside o Ato Ecumênico/Inter-religioso, na Catedral, pelo assassinato de Vladimir Herzog. No dia 29 de outubro de 1979 enfrenta e acusa os homens da ditadura militar no IML para reconhecimento do corpo de Santo Dias da Silva, assassinado pelo cabo Leonel Herculano, em frente à fábrica Silvana, durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo, naquele ano.

E em tais circunstâncias, os preparativos para a chegada do Papa em São Paulo colocava frente a frente o cardeal e as forças de segurança do Estado brasileiro, na pessoa do seu General, comandante do 2º Exército. Na véspera da visita, dia 2 de julho, o presidente

da CJP, Dalmo de Abreu Dallari, foi sequestrado, ferido gravemente e jogado num terreno baldio. A denúncia desse crime foi feita durante a celebração da missa no Campo de Marte, quando Dalmo chega ao local em ambulância e, da maca, faz a leitura do texto bíblico.

Na noite do dia 2, fui à sede da Cúria arquidiocesana para fazer a reprodução da saudação que faria ao Papa no Morumbi. Fui, então, informado de que D. Paulo queria que eu dormisse nas dependências da Cúria. Me recusei dizendo que se quisessem me matar que matassem, mas não abria mão do direito de dormir na minha casa, com minha família. Fui conduzido para casa num carro oficial do capelão da Aeronáutica, com a seguinte instrução: para entrar no gramado do Morumbi, onde se faria a animação (show) até a chegada do papa e os bispos, a partir das 15 horas. Era necessário uma credencial do General Comandante do 2º Exército que todos os membros do show tinham recebido, porém, minha credencial fora negada sob a acusação de eu ser um “comunista contumaz!”. Dessa forma, eu mesmo deveria cavar minha entrada munido de uma credencial do Cardeal. Já na área de entrada para o estádio, o coordenador da segurança tentou me impedir, tive que enfrentá-lo argumentando firmemente que aquela era área de responsabilidade do Cardeal e que sua credencial me bastava. Não foi fácil, mas entrei junto com a primeira turma.

Outra grande e desagradável surpresa foi o pedido do secretário do Papa feito a D. Paulo para que eu reduzisse a minha saudação, sob o argumento de que chovia, havia atraso de mais de uma hora, que ainda naquela noite o Papa teria outros encontros e que era importante garantir sua saúde. D. Paulo anunciou esta redução, pelos microfones, avisando que a íntegra do documento seria publicada pela imprensa. Fiquei num beco sem saída, mas, apesar de contrariado, atendi ao seu pedido. Dias depois fomos informados que, contrariando as orientações do Cardeal, o responsável pela comunicação da arquidiocese colocou as cópias do discurso na sala da imprensa do estádio às 15 horas e não a partir do momento em que estivesse fazendo a saudação. Uma séria hipótese levantada e aceita por muitos é que a equipe que acompanhava o papa teve acesso ao documento e constatou que o discurso preparado para a fala do Papa não atentava para as denúncias da saudação (compare com os originais).

D. Paulo retratou esse acontecimento no livro das suas memórias, escrito depois de sua “aposentadoria” do cargo de arcebispo.

**- O que eles acharam do discurso do Papa? Eles esperavam mais? Os trabalhadores gostaram do encontro?**

O papa era a grande novidade da Igreja Católica no Brasil e, em especial, entre os operários que jamais poderiam esperar um encontro dessa natureza. As palavras de João Paulo II foram aplaudidas com muito entusiasmo, em vários momentos do seu discurso de quase duas horas. Sua fala foi em tom coloquial, ressaltando que *“São Paulo são vocês!”*, enfatizando assim que o trabalhador é mais importante que sua obra: a cidade e suas riquezas. De certa forma, essa expressão retoma a ideia chave da *“primazia do trabalho sobre o capital”* constante da encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, publicada em 15 de maio de 1891. Ao escolher São Paulo para o encontro com os trabalhadores, João Paulo II quis deixar bem claro que a organização e as lutas dos trabalhadores, em busca da justiça, tem e devem ter sempre o apoio explícito da Igreja e de todos de boa vontade, conceito que viria retomar, de maneira bem mais clara, em sua encíclica *“Sobre o Trabalho Humano”* (*Laborem Exerces*), de 14 de setembro de 1981, pelos noventa anos da *Rerum Novarum*. Pelo que se pode sentir, o encontro e o conteúdo do discurso agradaram plenamente aos presentes, assim como a imensidão dos que acompanharam o encontro pela TV. A repercussão desse evento teve alcance internacional e a imprensa nacional não economizou destaques, com frases e fotos em boa quantidade.

**- E o senhor que representava a Pastoral Operária esperava mais?**

De minha parte e da Pastoral Operária, posso dizer que o encontro preencheu as expectativas. Seria muito difícil se esperar muito mais. Porém, devido aos acontecimentos daqueles últimos meses, em que as greves pipocavam, e que a repressão foi dura contra a classe operária, com prisões e cassações de direções sindicais (metalúrgicos do ABC, bancários de São Paulo e Porto Alegre, petroleiros), fatos que poderiam fazer parte de sua abordagem, ainda que levemente, o que não aconteceu. Mas esse era um problema relacionado com sua assessoria em Roma, que não queria se indispor com o capital nem com os militares, mas que se opunha à linha pastoral com base na Teologia da Libertação (TL), vigente na América Latina. De qualquer forma, sua fala foi um novo estímulo à recente retomada das manifestações da classe trabalhadora no país.

### **- A presença da mídia no evento ajudou ou atrapalhou?**

O evento foi transmitido pela TV, pelas emissoras de rádio e muito bem acompanhada pela imprensa escrita. E isto foi de grande importância porque não aconteceram manipulações costumeiras, nem muitas censuras. Nos dias seguintes ao dia 3, o fato era assunto obrigatório em todos os cantos e por todo o país. Com essa cobertura midiática a maioria do povo brasileiro pôde acompanhar os fatos e se inteirar dos seus desdobramentos.

### **- A divulgação da fala de João Paulo atrapalhou “os planos de reivindicações trabalhistas” da pastoral ?**

A Pastoral Operária sempre teve certa autonomia em relação às instâncias da Igreja. A ação dos seus e suas militantes se dão pelo fato das experiências pessoais e coletivas e engajamentos em vários campos da atividade que envolve a vida do trabalhador. Tem dinâmica própria e reflete seu compromisso de classe com base nos ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo, porém, sempre em consonância com os documentos oficiais da Igreja. A presença do Papa ajudou muito até o momento em que, do Vaticano, se desenvolveu enorme pressão sobre a Teologia da Libertação, se impôs “silêncio obsequioso” a vários expoentes dessa Teologia e se promoveu gradativa substituição de bispos por outros sem os mesmos compromissos com as lutas do povo brasileiro, sem as experiências pastorais no meio popular, como têm o atual papa Francisco. Tais fatos, ao mesmo tempo em que se dá a renovação tecnológica nas indústrias, eliminando postos de trabalho, contribuíram muito para o enfraquecimento das lutas operárias e da ação da própria Pastoral. Pode ser que, com as orientações atuais do papa Francisco, muita coisa mude na Igreja no mundo todo, se retome a linha do Concílio Vaticano II e se avance em termos do compromisso com a justiça social e solidariedade.

## **ANEXO 9: Saudação do operário ao Papa João Paulo II (03/07/1980 – Waldemar Rossi - Morumbi)**

Caríssimo Papa João Paulo II,

É com imensa alegria que os trabalhadores brasileiros vêm a este encontro para recebê-lo de braços e corações abertos. Sabemos que estamos junto ao Papa que foi operário e dedicou grande parte de sua ação pastoral aos trabalhadores de sua terra. Por isso, temos certeza que o senhor entende nossa linguagem simples e estamos à vontade para chamá-lo “companheiro” e para falar das coisas que sentimos e vivemos.

Queremos, caro companheiro, a exemplo dos primeiros cristãos, que partilhavam seus bens com a comunidade, que o senhor também partilhe conosco das coisas que produzimos, embora saibamos que sobre elas não temos nenhum poder de decisão.

Gostaríamos de comunicar-lhe que somos um povo no qual mais de 10 milhões são migrantes, gente que, na sua totalidade, rompemos com nossos laços de origem, expulso que fomos de nossas terras, seja pela força do dinheiro e da grilagem, seja pela violência das armas. Asseguramos-lhe que milhares de trabalhadores camponeses foram e são mortos nesse processo. Grandes empresas capitalistas implantam-se na terra, em prejuízo do trabalhador do campo. Esses nossos irmãos continuam vagando em busca de um lugar onde viver, transformados em verdadeiro exército de mão de obra de reserva e de baixos salários. São milhões de “boias-frias” por este Brasil afora, são mais de 5 milhões de seres humanos: crianças, jovens, adultos e idosos que habitam as tristes favelas brasileiras.

Todo esse contingente de trabalhadores disponíveis sente grandes dificuldades em conseguir emprego, o que os obriga a trabalhar sujeitos às mais precárias condições de trabalho em troca de salários miseráveis. Esses salários se refletem nas condições de moradia precária. Veja o exemplo de S. Bernardo do Campo, a capital da indústria automobilística da América Latina: Em 1964 havia 4 favelas, hoje são 54, o que equivale dizer que, em cada quatro habitantes de S. Bernardo, um é favelado. Nas cidades do ABC, entre 200 mil favelados, 50 mil chefes de família trabalham, principalmente, na Volkswagen, na Brastemp, na Scania Vabis, na Mercedes Benz e outras empresas. São nossos irmãos que habitam em barracos paupérrimos.

Milhares e milhares de companheiros enfrentam uma jornada de trabalho entre 12, 14 horas e até 16 horas diárias sem descanso. Condições desumanas de ritmo de trabalho obrigam cada operário a gestos mecânicos sempre mais velozes e, sob forte pressão patronal, levam ao esgotamento físico, muitas vezes irreparável, e até à loucura. O trabalho sob constantes riscos de graves acidentes tem ceifado vidas de milhares de nossos companheiros, ou provocando sua mutilação. Caríssimo Papa, somos também campeões mundiais em acidentes de trabalho. Para a mulher a situação é ainda mais grave porque dela se exige maior produção com salários ainda menores. As condições de trabalho violentam a dignidade da mulher: quantos abortos se dão nos recintos de trabalho! Some-se a isso a repressão nas empresas: controle de tempo até para ir ao sanitário; constante ameaça de desemprego sob qualquer pretexto; perseguição a companheiros que se destacam pela liderança e, por isso, são demitidos; “listas negras” dos indesejáveis; serviços de segurança particular que prendem e maltratam trabalhadores, como no caso as Fiat, de Minas Gerais. O empresário é favorecido também, pela rotatividade da mão de obra: em cada 10 operários, pelo menos 4 perdem seu emprego ou mais vezes por ano, desajustando seu orçamento familiar. A cada novo emprego seu reajuste salarial é neutralizado; a cada novo emprego ocorre um novo rebaixamento do seu salário.

Toda essa repressão é reforçada pela estrutura sindical brasileira, inspirada no modelo corporativo vertical e fascista de Mussolini. Estrutura sindical que impede e reprime a organização independente do trabalhador, especialmente dentro das empresas; que se constitui oficialmente em órgão de colaboração com o governo e, praticamente, está a serviço dos patrões; que é controlada à mão de ferro pelo Ministério do Trabalho; que alimenta a carreira do peleguismo, impedindo que o trabalhador controle o seu sindicato. No Brasil, a luta operária é considerada caso de polícia ou de segurança nacional. Os trabalhadores, quando lutam por melhores salários e condições de trabalho são reprimidos, presos ou até assassinados, como foi o caso dos nossos companheiros Santo Dias da Silva, líder operário e Raimundo Ferreira Lima, o Gringo, líder camponês, ambos militantes da pastoral. As direções sindicais mais combativas são presas e cassadas, a exemplo dos bancários de Porto Alegre e São Paulo e dos metalúrgicos de Santo André e São Bernardo. Enquanto isso, os boicotes patronais ao leite, à carne e aos remédios são beneficiados com gordos reajustes em seus preços. A



legislação trabalhista e a Justiça do Trabalho estão voltadas para os interesses patronais, em prejuízo do direito do trabalhador explorado.

Entendemos, caro companheiro, que a causa fundamental da situação desesperadora em que vive a classe operária é o sistema econômico e político implantado em nosso país para produzir riquezas, não importa quais e nem a que preço. Para atingir seu objetivo único – o lucro exorbitante – o capitalismo impõe condições violentas de trabalho, suborna e corrompe, determina suas próprias leis. É o capitalismo selvagem das multinacionais.

Diante de tudo isso, o Evangelho nos exige “fome e sede de justiça”, nos lembra que somos “o sal da terra” e aumenta em nós o compromisso com a transformação da sociedade. Entre aquilo que nos prometem e nos permitem, nós trabalhadores vamos tomando consciência de nossa condição de explorados, organizando grupos nas empresas e nos bairros, ocupando nossos sindicatos, entre derrotas e vitórias. Em nossas lutas acumulamos experiências, renovamos nossas forças, encontramos nossa união. Situando-nos na História, vamos conquistando nossa liberdade.

Lutamos hoje, no Brasil, por salários menos injustos e por melhores condições de trabalho. Mas lutamos também para conquistar um sindicato livre e independente. Queremos a liberdade de organização e de expressão. Queremos o fim das medidas e instrumentos de repressão. Queremos ainda, companheiro, ter direito à nossa organização e representação sindical a partir das empresas. Reivindicamos menor jornada de trabalho. Lutamos para termos a garantia de trabalho: *somos seres humanos, filhos de Deus, e não peças de reposição da indústria capitalista*. Queremos sentir a alegria de viver com segurança.

Caríssimo pai: os trabalhadores cristãos estão fortemente engajados nas lutas do movimento operário brasileiro. A Igreja no Brasil e, particularmente em São Paulo, através de suas prioridades pastorais e, em especial a Pastoral Operária, vem desenvolvendo intenso trabalho junto aos operários, abrindo espaços para que eles descubram amplamente sua realidade de vida. Queremos que os trabalhadores, dotados de aguda consciência crítica, estejam capacitados a assumir as responsabilidades que o momento histórico exige. Queremos que o trabalhador rompa com a barreira imposta pelo sistema político que nos governa e, saindo da passividade, se torne agente das

transformações sociais. Buscamos uma nova ordem, onde o trabalhador usufrua o produto do seu trabalho e, mais que isso, decida sobre os seus destinos.

Como cristãos, procuramos descobrir, sempre mais, a vontade do Pai, em nosso empenho de construir o Reino de Deus a partir da vida terrena e que alcança sua plenitude na vida eterna. Queremos, na grande batalha do dia a dia, ser testemunhas vivas do Evangelho.

Aguardando ansiosos sua orientação e sua bênção. Esperamos também que seu esforço pastoral seja no sentido de que a Igreja Universal se irmane e se comprometa cada vez mais nesta caminhada do Povo de Deus em direção ao Reino. O Espírito de Deus o ilumine sempre.

## **ANEXO 10: Discurso do Papa João Paulo II durante o encontro com os trabalhadores em São Paulo**

**São Paulo, 3 de julho de 1980**

*Caros irmãos e irmãs em Cristo*

1. Sinto-me muito feliz e honrado por me achar entre vocês hoje em São Paulo. Feliz por descobrir a cidade de vocês, esta imensa metrópole de incrível desenvolvimento industrial, na qual um incrível crescimento industrial caminha de mãos dadas com uma urbanização acelerada ao mesmo tempo fascinante e preocupante. Feliz principalmente porque descobro a cidade através das pessoas, através de vocês, homens e mulheres, que aqui trabalham, sofrem e esperam. Vocês chegaram aqui vindos de todos os cantos deste imenso país e do mundo inteiro. Vieram para ganhar a vida e para colaborar na grande obra comum, vital para toda a Nação: a construção de uma cidade digna do homem! Sim, porque São Paulo são vocês! São Paulo, não são antes de tudo estas realizações materiais, nem sempre orientadas por um sentido justo e pleno do homem e da sociedade e nem sempre capazes de organizar um ambiente onde se possa levar uma vida digna do homem. São Paulo são também os numerosíssimos marginalizados, os desempregados, os subempregados, os mal empregados, que não encontram onde empenhar os seus braços e onde desenvolver os generosos recursos de suas inteligências e de seus corações. São Paulo são vocês, aqui reunidos para celebrar sua dignidade de trabalhadores e manifestar a disposição de construir juntos uma cidade do tamanho de suas esperanças de homens. São Paulo, são vocês aqui reunidos para buscar no Evangelho de Jesus Cristo as luzes e as energias necessárias para realizar a tarefa que os espera: transformar São Paulo numa cidade plenamente inumana.

2. Sim, quem nos reúne aqui é Jesus Cristo, o Senhor do universo e da história. Em seu nome o Papa os visita hoje. Trabalhadores, meus irmãos e irmãs, dou graças a Deus por me ter concedido estar com vocês. E agradeço a vocês a alegria profunda que causa este encontro a este ministro de Jesus Cristo que nos anos da juventude, na sua Polônia natal, conheceu diretamente a condição de trabalhador manual com a grandeza e a dureza, as horas de alegria e os momentos de angústia, as realizações e as frustrações que essa condição comporta. Do fundo do coração lhes digo o que apóstolo São Paulo dizia aos Romanos: “Sinto um grande desejo de vê-los, para lhes comunicar algum dom

espiritual, para os confortar, ou antes, para ser confortado por vocês e junto de vocês pela fé que nos é comum, a mim e a vocês” (*Rm 1,11-12*). Por isso, eu os convido, trabalhadores cristãos, meus irmãos e irmãs, a começar por celebrar na alegria a amizade que Jesus nos oferece, a todos e a cada um: A Fé, a Esperança e a Caridade com que Jesus anima os nossos corações quando nos reunimos em seu nome, na sua Igreja que Ele instituiu para acolher os seus dons e os distribuir a todos. A festa cristã da alegria não é um luxo reservado aos ricos. Todo o mundo está convidado a tomar parte. No ano passado, os marginalizados de uma outra grande metrópole, Nova Iorque, cantaram comigo o “aleluia” da ressurreição. E ainda há pouco, a imensa África, a África da pobreza, deu ao Papa e ao mundo o espetáculo de uma festa inesquecível. E esta festa vem da convicção de que nós somos amados por Deus e de que Deus está conosco. Deus nos visita! O Reino de Deus está entre nós! Eis a fonte inesgotável da nossa alegria: saber que Deus nos ama e nos reconhece, saber que estamos livres do pecado, que fomos elevados à dignidade insuperável de filhos de Deus, ricos de Fé, de Esperança e de Amor que o Espírito Santo derrama nos nossos corações. Festejemos portanto nosso Deus e nosso Pai, Jesus Cristo nosso Senhor e nosso Irmão, o Espírito Santo que nos reúne! A opção pelos mais pobres, na qual a *Assembleia dos Bispos em Puebla* quis comprometer a Igreja na América Latina, é essencialmente essa: que os pobres sejam evangelizados, que a Igreja desdobre de novo todas as suas energias para que Jesus Cristo seja anunciado a todos, principalmente aos pobres, e que todos tenham acesso a esta fonte viva, à mesa da palavra e do pão, aos sacramentos, à comunidade dos batizados. Aí está o sentido desta nossa reunião de hoje, da nossa festa cristã. Sairemos daqui para a nossa tarefa de cidadãos e de trabalhadores com um novo entusiasmo; com uma consciência mais clara da nossa dignidade, dos nossos direitos, das nossas responsabilidades; com uma fé renovada nos recursos prodigiosos com que, criando-nos à sua imagem e semelhança, nos enriqueceu para podermos enfrentar os desafios do nosso tempo, os desafios desta metrópole que é São Paulo.

3. Falo-lhes em nome de Cristo, em nome da Igreja, da Igreja inteira. É Cristo que envia a sua Igreja a todos os homens e a todas as sociedades, com uma mensagem de salvação. Esta missão da Igreja realiza-se ao mesmo tempo em duas perspectivas: a perspectiva escatológica que considera o homem como um ser cuja destinação definitiva é Deus; e a perspectiva histórica que olha este mesmo homem em sua situação concreta, encarnado no mundo de hoje. Esta mensagem de salvação que a Igreja, em virtude de

sua missão, fez chegar a cada homem e igualmente à família, aos diferentes âmbitos sociais, às nações e à humanidade inteira, é mensagem de amor e de fraternidade, mensagem de justiça e de solidariedade, em primeiro lugar para os mais necessitados.

Numa palavra: é uma mensagem de paz e de justa ordem social. Quero repetir aqui, diante de vocês, o que disse aos trabalhadores em Saint-Denis, bairro operário de outra grande cidade, Paris: A partir das palavras tão profundas do “Magnificat”, eu quis considerar com eles que, “o mundo querido por Deus é um mundo de justiça; que a ordem que deve reger as relações entre os homens se alicerça na justiça; que esta ordem deve ser continuamente implantada no mundo, sempre de novo, à medida que aumentam e se desenvolvem as situações e os sistemas sociais, à medida que surgem novas condições e possibilidades económicas, novas possibilidades da técnica e da produção, e ao mesmo tempo novas possibilidades e necessidades de distribuição dos bens”(João Paulo II, *Homilia em “Saint-Denis”* 5, 31 de maio de 1980)

A Igreja, quando proclama o Evangelho, procura também obter, sem por isso abandonar o seu papel específico de evangelização, que todos os aspectos da vida social, onde se manifesta a injustiça, sofram uma transformação para a justiça. O bem comum da sociedade requer, como exigência fundamental, que a sociedade seja justa! A persistência da injustiça, a falsa de justiça, ameaça a existência da sociedade de dentro para fora, da mesma maneira que, tudo quanto atenta contra a sua soberania ou procura impor-lhe ideologias e modelos, toda chantagem económica e política, toda força das armas pode ameaçá-la de fora para dentro.

Esta ameaça a partir do interior existe realmente quando, no domínio da distribuição dos bens, se confia unicamente nas leis económicas do crescimento e do maior lucro; quando os resultados do progresso tocam apenas marginalmente, ou não tocam em absoluto, as vastas camadas da população; ela existe também, enquanto persiste um ateísmo profundo entre uma minoria muito grande de ricos de um lado, e a maioria dos que vivem na necessidade e na miséria, de outro lado.

4. O bem comum da sociedade, que será sempre o novo nome da justiça, não pode ser obtido pela violência, pois a violência destrói o que pretende criar, seja quando procura manter os privilégios de alguns, seja quando tenta impor as transformações necessárias. As modificações exigidas pela ordem social justa devem ser realizadas por uma ação

constante – muitas vezes gradual e progressiva, mas sempre eficaz – no caminho de reformas pacíficas.

É este o dever de todos. É este particularmente, o dever dos que detêm o poder na sociedade, quer se trate do poder económico quer se trate do poder político. Todo poder encontra a sua justificação unicamente no bem comum, na realização de uma ordem social justa. Por conseguinte, o poder não deverá nunca servir para proteger os interesses de um grupo em detrimento dos outros. A luta de classes, por sua vez, também não é caminho que leve à ordem social, porque ela traz em si o risco de inverter as situações dos contendentes, criando novas situações de injustiça.

Nada se constrói sobre uma base de desamor, e, menos ainda, de ódio que vise a destruição de outrem.

Repelir a luta de classes é também optar resolutamente por uma nobre luta a favor da justiça social. Os diversos centros do poder e os diferentes representantes da sociedade devem ser capazes de se unir, de coordenar os próprios esforços e de chegar a um acordo sobre programas claros e eficazes. Nisto consiste a fórmula cristã para criar uma sociedade justa! A sociedade inteira deve ser solidária com todos os homens e, em primeiro lugar, com o homem que tem mais necessidade de auxílio, o pobre. A opção pelos pobres é uma opção cristã; é também a opção da sociedade que se preocupa com o verdadeiro bem comum.

5. Escutemos o que o próprio Cristo nos diz a respeito disto, quando se dirige à multidão, vinda de toda a região e de além-fronteiras para vê-lo. Sentado no meio de seus discípulos, Jesus começou a sua instrução com estas palavras: “Bem-aventurados os que têm o espírito de pobre, porque deles é o reino dos céus” (*Mt 5,3*). Para além daqueles seus ouvintes, é também a nós, reunidos aqui em São Paulo, no Brasil, que Ele dirigia estas palavras. Vinte séculos não tiraram nada da importância premente, da gravidade e da esperança contidas nestas palavras do Senhor. “Bem-aventurados os que têm o espírito de pobre!”. Estas palavras são válidas para cada um de nós. Este convite grita dentro de cada um de nós. Adquirir o espírito de pobre: é isto o que Cristo pede a todos.

Aqueles que têm posses devem adquirir o espírito de pobre, devem abrir o próprio coração aos pobres, pois se não o fizerem as situações injustas não mudarão; poder-se-á mudar a estrutura política ou o sistema social, mas sem mudança no coração e na consciência, a ordem social justa e estável não será alcançada. Os que não têm posses, os que se encontram em necessidade devem também adquirir o “espírito de pobre”, não permitindo que a pobreza material lhes tire a própria dignidade inumana, porque esta dignidade é mais importante que todos os bens.

É neste contexto que a doutrina cristã sobre o homem, alimentada pelo Evangelho, pela Bíblia e por séculos de experiência, valoriza de modo singular o trabalho inumano. A dignidade do trabalho. A nobreza do trabalho. Vocês conhecem a dignidade e a nobreza do próprio trabalho, vocês que trabalham para viver, para viver melhor, para ganhar para suas famílias o pão de cada dia, vocês que se sentem feridos na sua afeição de pais e de mães ao verem filhos mal alimentados, vocês que ficam tão contentes e orgulhosos quando lhes podem oferecer uma mesa farta, quando podem vesti-los bem, dar-lhes um lar decente e aconchegante, dar-lhes escola e educação em vista de um futuro melhor. O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros. O trabalho é uma disciplina em que se fortalece a personalidade.

A primeira e fundamental aspiração de vocês é, portanto, trabalhar. Quantos sofrimentos, quantas angústias e misérias não causa o desemprego! Por isso, a primeira e fundamental preocupação de todos e de cada um, homens de governo, políticos, dirigentes de sindicatos e donos de empresas deve ser essa: dar trabalho a todos. Esperar a solução do problema crucial do emprego como um resultado mais ou menos automático de uma ordem e de um desenvolvimento econômico, quaisquer que sejam, nos quais o emprego aparece apenas como uma consequência secundária, não é realista, e portanto não é admissível. Teoria e prática econômicas devem ter a coragem de considerar o emprego e suas modernas possibilidades como um elemento central em seus objetivos.

6. É de justiça que as condições de trabalho sejam as mais dignas possíveis, que se aperfeiçoe a Previdência social de modo a permitir a todos, na base de uma crescente solidariedade, enfrentar os riscos, os apertos e os encargos sociais. Ajustar o salário, em suas modalidades diversas e complementares, até o ponto em que se possa dizer que o

trabalhador participa real e equitativamente da riqueza para cuja criação ele contribui solidariamente na empresa, na profissão e na economia nacional, é uma exigência legítima. Sobre todos estes pontos a Igreja, principalmente a partir da primeira grande Encíclica Social, a *Rerum Novarum*, não parou de desenvolver um ensinamento muito rico. Convido a todos, trabalhadores e responsáveis políticos, profissionais e sindicais, a prestar renovada atenção a este ensinamento. Ninguém vai encontrar aí soluções já prontas, mas poderá encontrar esclarecimentos e estímulos para a própria reflexão e prática. A tarefa é delicada e este conjunto complexo de problemas, em que todos os fatores – emprego, investimento, salário – reagem uns sobre os outros, não se há de regular nem pela demagogia, nem por sortilégios ideológicos, nem por um cientifismo frio e teórico que, ao contrário do verdadeiro espírito científico, deixasse para um futuro incerto a retificação de seus pressupostos. Torno a afirmar aqui o que declarei a propósito do emprego: esperar que a solução dos problemas do salário, da previdência social e das condições de trabalho, brote de uma espécie de extensão automática de uma ordem económica não é realista, e por isso não é admissível. A economia só será viável se for inumana, para o homem e pelo homem.

7. Por isso mesmo é mesmo importante que todos os protagonistas da vida económica tenham a possibilidade efetiva de participar livre e ativamente da elaboração e controle das decisões que lhes dizem respeito, em todos os níveis. Já o Papa Leão XIII, na *Rerum Novarum*, afirmou claramente o direito dos trabalhadores de se reunirem em associações livres, com a finalidade de fazerem ouvir a sua voz, de defenderem seus interesses e contribuírem de maneira responsável para o bem comum, cujas exigências e disciplina se impõem a todos no âmbito de leis e contratos sempre perfectíveis.

A Igreja proclama e sustenta estes diversos direitos dos trabalhadores, porque está em jogo o homem e sua dignidade. E o fez com profunda e ardente convicção tanto mais quanto, para ela, o homem que trabalha se fez cooperados de Deus. Feito à imagem de Deus, ele recebeu a missão de administrar o universo para desenvolver as suas riquezas e garantir-lhes uma destinação universal, para unir os homens no serviço mútuo e na criação comum de um sistema de vida digno e belo, para a glória do Criador.

Trabalhadores, não se esqueçam nunca da grande nobreza que, como homens e como cristãos, vocês devem imprimir ao seu trabalho, mesmo ao mais humilde e insignificante. Não se deixem, jamais, degradar pelo trabalho; antes procurem viver a



fundo a sua verdadeira dignidade que a Palavra de Deus e o ensinamento da Igreja colocam em evidência. O trabalho, com efeito, fez de vocês, antes de tudo, colaboradores de Deus no prosseguir a obra de sua criação. Levem a frente – com o suor da frente, sim, mas sobretudo com o justo orgulho de serem criados à imagem do mesmo Deus – o dinamismo contido na ordem dada ao primeiro homem de povoar a terra e de dominá-la (cf. *Gên 1,28*). O trabalho associa vocês mais estreitamente à Redenção que Cristo realizou pela Cruz, quando os leva a aceitar tudo o que há de penoso, de cansativo, de mortificante, de crucificante na monotonia quotidiana; quando os leva ainda a unir seus sofrimentos aos sofrimentos do Salvador, para completar “o que falta à Paixão de Cristo, em favor do seu Corpo que é a Igreja” (*Col 1,24*). Por isso, o trabalho os leva, enfim, a sentirem-se solidários com todos os seus irmãos – aqui no Brasil e em todo o mundo. Ele fez de vocês construtores da grande família inumana, mais ainda, de toda a Igreja, no vínculo da caridade, porque cada um é chamado a ajudar o outro (cf. *Gal 6,2*), na exigência sempre renovada de uma recíproca colaboração, e na ajuda interpessoal pela qual nós homens somos necessários uns aos outros, sem excluir ninguém.

É esta a concepção cristã do trabalho: parte da fé em Deus Criador e, mediante Cristo Redentor, chega à edificação da sociedade inumana, à solidariedade com o homem. Sem esta visão, qualquer esforço, mesmo o mais tenaz, é carente e caduco. Está fadado a desiludir, a falir. Construam sobre este fundamento. E se lhes disserem que, para defender as conquistas do trabalho, é preciso pôr de lado, talvez até cancelar esta visão cristã da existência, não acreditem. O homem, sem Deus e sem Cristo, constrói sobre areia. Trai a própria origem e nobreza. E, por fim, chega a prejudicar o homem, a ofender o irmão.

8. Vocês trabalham no ambiente de uma grande cidade, que continua crescendo rapidamente. Ela é um reflexo das incríveis possibilidades do gênero inumano, capaz de realizações admiráveis, mas capaz também, quando faltam a animação espiritual e a orientação moral, de triturar o homem.

Muitas vezes, uma lógica econômica exclusivista, mais depravada ainda por um materialismo crasso, invadiu todos os campos da existência, comprometendo o ambiente, ameaçando as famílias e destruindo todo o respeito pela pessoa inumana. As fábricas lançam seus detritos, deformam e poluem o ambiente, tornam o ar irrespirável.

Ondas de migrantes se amontoam em pardieiros indignos, onde muitos perdem a esperança e acabam na miséria. As crianças, os jovens, os adolescentes não encontram espaços vitais para desenvolver plenamente suas energias físicas e espirituais, muitas vezes limitados a ambientes malsãos ou espalhados pela rua, onde flui o trânsito entre os edifícios de cimento e o anonimato da multidão que se desgasta sem jamais se conhecer. Ao lado de bairros onde se vive com todos os confortos modernos, outros existem onde faltam as coisas mais elementares, e algumas periferias vão crescendo desordenadamente.

Muitas vezes o desenvolvimento se torna uma versão gigantesca da parábola do rico e do Lázaro.

A proximidade do luxo e da miséria acentua o sentimento de frustração dos desafortunados.

Impõe-se então uma pergunta fundamental: como transformar a cidade numa cidade verdadeiramente humana, no seu ambiente natural as suas construções e nas suas instituições?

Uma condição essencial é a de dar à economia um sentido e uma lógica humanas. Vale aqui o que eu disse a respeito do trabalho. É preciso libertar os diversos campos da existência do domínio de um economicismo avassalador. É preciso pôr as exigências econômicas no seu devido lugar e criar um tecido social multiforme, que impeça a massificação. Ninguém está dispensado de colaborar nessa tarefa. Todos podem fazer alguma coisa em si mesmos e ao redor de si. Não é verdade que os bairros mais desatendidos são muitas vezes o lugar onde a solidariedade suscita gestos de maior desprendimento e generosidade? Cristãos, em qualquer lugar onde estiverem, assumam a sua parte de responsabilidade neste imenso esforço pela reestruturação inumana da cidade. A fé fez disto um dever. Fé e experiência, juntas, darão a vocês luzes e energias para caminhar.

9. Os cristãos têm o direito e o dever de contribuir na medida de sua capacidade para a construção da sociedade. E o fazem através dos quadros associativos e institucionais que a sociedade livre elabora com a participação de todos. A Igreja como tal não pretende administrar a sociedade, nem ocupar o lugar dos legítimos órgãos de

deliberação e de ação. Pretende apenas servir a todos aqueles que, em qualquer nível, assumem as responsabilidades do bem comum. Seu serviço é essencialmente de ordem ética e religiosa. Mas para garantir este serviço, de acordo com a sua missão, a Igreja exige com todo o direito um espaço de liberdade indispensável e procura manter a sua especificidade religiosa.

E assim, todas as comunidades de cristãos, tanto as comunidades de base, como as paroquiais, as diocesanas ou toda a comunidade nacional da Igreja, devem dar a sua contribuição específica para a construção da sociedade justa. Todas as preocupações do homem devem ser tomadas em consideração, pois a evangelização, razão de ser de qualquer comunidade eclesial, não seria completa se não se levasse em conta as relações que existem entre a mensagem do evangelho e a vida pessoal e social do homem, entre o mandamento do amor ao próximo que sofre e passa necessidade e as situações concretas de injustiça a combater, e de justiça e de paz a instaurar.

Que deste nosso encontro de hoje, em torno de Jesus Cristo, vocês levem consigo a certeza de que a Igreja quer estar presente, com toda a sua mensagem evangélica, no coração da cidade, no coração das populações mais pobres da cidade, no coração de cada um de vocês. Vocês são amados por Deus, trabalhadores de São Paulo e do Brasil. E vocês devem amar a Deus. Este é o segredo da sua alegria, de uma alegria que, brotando dos seus corações, irradiará nos seus rostos e no rosto da cidade, como sinal de que é uma cidade humana.

Fonte:

VATICANO. **Discurso do Papa João Paulo II aos trabalhadores.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980/july/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19800703\\_operai-brasile\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800703_operai-brasile_po.html)>. Acesso em: 10 fev. 2014.

## **ANEXO 11: Discurso do Papa Bento XVI na Fazenda Esperança**

Fazenda da Esperança, Guaratinguetá

Sábado, 12 de maio de 2007

Queridos amigos e amigas,

Eis-me finalmente na Fazenda Esperança!

1. Com particular afeto, saúdo ao Frei Hans Stapel, Fundador da Obra Social Nossa Senhora da Glória, também conhecida como Fazenda da Esperança. Desejo desde já congratular-me com todos vocês, por terem acreditado num ideal de bem e de paz que este lugar significa.

A todos que se encontram em fase de recuperação, bem como aos reabilitados, voluntários, famílias, ex-internos e benfeitores de todas as fazendas representadas nesta ocasião para encontrar-se com o Papa, digo: *Paz e Bem!*

Sei que aqui se encontram reunidos os representantes de diversos países, onde a Fazenda da Esperança possui sedes. Viestes ver o Papa. Viestes para ouvir e assimilar o que ele vos queria dizer.

2. A Igreja de hoje deve reavivar em si mesma a consciência da tarefa de repropor ao mundo a voz d'Aquele que disse: «*Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida*» (Jo 8,12). Por sua vez, a tarefa do Papa é renovar nos corações essa luz que não ofusca, pois quer iluminar o íntimo das almas que buscam o verdadeiro bem e a paz, que o mundo não pode dar. Um fulgor como este, só necessita de um coração aberto aos anseios divinos. Deus não força, não oprime a liberdade individual; pede só abertura daquele sacrário da nossa consciência por donde passam todas as aspirações mais nobres, mas também afetos e paixões desordenadas que ofuscam a mensagem do Altíssimo.

3. «*Eis que estou à porta, e bato: Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo*» (Ap 3,20). São palavras divinas que tocam o fundo da alma e que removem até as suas raízes mais profundas.

A um certo momento da vida, Jesus vem e toca, com suaves batidas, no fundo dos corações bem dispostos. A vocês, Ele o fez através de uma pessoa amiga ou de um sacerdote ou, possivelmente, providenciou uma série de coincidências para dizer que sois objeto de predileção divina. Mediante a instituição que os abriga, o Senhor proporcionou esta

experiência de recuperação física e espiritual de vital importância para vocês e seus familiares. Além disso, a sociedade espera que saibam divulgar este bem precioso da saúde entre os amigos e membros de toda a comunidade.

Vocês devem ser os embaixadores da esperança! O Brasil possui uma estatística, das mais relevantes, no que diz respeito à dependência química de drogas e entorpecentes. E a América Latina não fica atrás. Por isso, digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e de adultos de todos os segmentos da sociedade: Deus vai-lhes exigir satisfações. A dignidade humana não pode ser espezinhada desta maneira. O mal provocado recebe a mesma reprovação dada por Jesus aos que escandalizavam os “pequeninos”, os preferidos de Deus (cf. *Mt* 18, 7-10).

4. Mediante uma terapia, que inclui a assistência médica, psicológica e pedagógica, mas também muita oração, trabalho manual e disciplina, já são numerosas as pessoas, sobretudo jovens, que conseguiram livrar-se da dependência química e do álcool e recuperar o sentido da vida.

Desejo manifestar o meu apreço por esta Obra, que tem como alicerce espiritual o carisma de São Francisco e a espiritualidade do Movimento dos Focolares.

A reinserção na sociedade constitui, sem dúvida, uma prova da eficácia da iniciativa de vocês. Mas o que mais chama atenção, e confirma a validade do trabalho, são as conversões, o reencontro com Deus e a participação ativa na vida da Igreja. Não basta curar o corpo, é preciso adornar a alma com os mais preciosos dons divinos conquistados através do Batismo.

Vamos agradecer a Deus por ter querido colocar tantas almas no caminho de uma esperança renovada, com o auxílio do Sacramento do perdão e da celebração da Eucaristia.

5. Queridos amigos, não poderia deixar passar esta oportunidade para agradecer também a todos os que colaboram material ou espiritualmente para dar continuidade à *Obra Social Nossa Senhora da Glória*. Que Deus abençoe Frei Hans Stapel e Nelson Giovanelli Ros por terem acolhido o convite d'Ele para dedicarem sua vida a vocês. Abençoe também todos os que trabalham nesta Obra: os consagrados e as consagradas; os voluntários e as voluntárias. Uma Bênção especial vai para todas as pessoas amigas que a sustentam: autoridades, grupos de apoio e todos que amam a Cristo presente nestes seus filhos prediletos.

Meu pensamento vai agora a muitas outras instituições do mundo inteiro que trabalham para

restituir a vida, e vida nova, a estes nossos irmãos presentes na nossa sociedade, e que Deus ama com um amor preferencial. Penso também nos muitos grupos de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos, e na Pastoral da Sobriedade que já trabalha em muitas comunidades, prestando seus generosos auxílios em favor da vida.

6. A proximidade do Santuário de Aparecida nos assegura que a Fazenda da Esperança nasceu sob as suas bênçãos e o seu olhar maternal. Há muito que venho pedindo à Mãe, Rainha e Padroeira do Brasil, que estenda seu manto protetor sobre os que participarão na V (Quinta) Conferencia Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. A presença de vocês aqui, supõe uma ajuda considerável para o sucesso desta grande assembleia; ponham suas orações, sacrifícios e renúncias no altar da Capela, certos de que, no Santo Sacrifício do Altar, estas ofertas subirão aos céus como um suave aroma na presença do Altíssimo. Conto com a ajuda de vocês. Que o Santo Frei Galvão e Santa Crescência amparem e protejam a cada um. A todos vocês abençoo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Fonte:

VATICANO. **Discurso do Papa na Fazenda Esperança**. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

## ANEXO 12

### **BLOG William Waack - Uma viagem ao coração do Papa Bento XVI**

Quinta-feira, 10 de maio de 2007.

Ficou marcada de maneira muito viva na minha memória a pergunta que nós nos fazíamos, os enviados especiais à terra natal do Papa eleito em outubro de 1978. Estávamos diante de uma casinha simples e mal cuidada, como quase tudo no tempo do comunismo, num lugarejo chamado Wadowice, próximo a Cracovia, no Sul da Polônia. O papa tinha vivido ali antes de se tornar bispo e, depois, arcebispo de Cracóvia -uma magnífica cidade com intacta arquitetura medieval. Como um lugar desses influencia a forma de pensar de quem nasceu, cresceu, viveu e se formou aqui?

É óbvio para qualquer um como a história daquele cantinho da Europa tinha formado uma parte importante do pensamento de Carol Wojtyla, recém eleito João Paulo II: seu país e sua terra foram divididos por dois totalitarismos, o nazista e o comunista. O primeiro foi eliminado em 1945. Quanto ao segundo, o Papa dedicou a maior parte da sua vida a derrotá-lo, e deve ter morrido com a sensação de missão cumprida. Igreja e fé católica, na concepção do Papa, eram ao mesmo tempo a terra e a nação polonesas, e a principal explicação para a vitória contra os totalitarismos.

Estive de novo diante do mesmo problema -quer dizer, com a mesma pergunta na cabeça- ao viajar pelo Jornal da Globo poucos dias atrás pela Baviera, com a missão de tentar explicar que mundo é esse do qual vem Bento XVI, e se esse mundo ajuda a entender a maneira dele pensar. Vivi 15 anos como correspondente na Alemanha, em duas etapas distintas, mas não havia estado no cantinho da Baviera “pelo qual meu coração bate”, como escreveu Joseph Ratzinger. É um triângulo junto ao rio Inn, uma região que trocou de dono entre a Áustria e a Alemanha várias vezes, onde ele nasceu, cresceu, tornou-se padre e até hoje tem uma casa.

O que impressionou ao repórter cinematográfico Hélio Alvarez, com seu olhar clínico para imagens, e a mim, foram, imediatamente, a harmonia, a beleza, a força e as cores de uma natureza que parece sempre em ordem. Talvez tivesse sido o magnífico sol de uma primavera que, este ano, chegou mais quente e mais cedo. Ou o fato de que, nas paisagens bávaras, sobre as aglomerações urbanas (não importa o tamanho), predominam torres de igrejas - arredondadas no topo, conforme dizem os guias de turismo, em lembrança a templos de

Jerusalém.

Ainda no campo subjetivo nos confrontamos com outro venerado monumento alemão - a autobahn, a magnífica autoestrada na qual os alemães aceleram sem limites com o mesmo fervor de uma prece, e a mesma noção inalienável de que andar a 240 km/h é quase um direito divino. Convivem lado a lado nesse cantinho tão caro ao coração de Ratzinger símbolos evidentes de modernidade, avanço tecnológico e liberdade individual (como a autobahn), e de respeito à doutrina católica, à hierarquia da Igreja e a valores cristãos.

A Helio e a mim surgiu depressa outro problema, ainda mais delicado, do ponto de vista da confecção de material jornalístico. A querida Baviera de Ratzinger não se distingue, do ponto de vista da paisagem, do mesmo cantinho da Áustria que ficou tão ligado a Wolfgang Amadeus Mozart. E é o mesmo cantinho de onde surgiu Adolf Hitler -que a venerava, estabeleceu ali seu refúgio predileto e dizia recolher das montanhas e das paisagens daquela região as “puras forças germânicas” com as quais pretendia ir aos mil anos de III Reich.

Há quilômetros de prateleiras de livros que se ocupam do papel das igrejas alemãs durante o período nacional-socialista (1933 a 1945). Há extraordinários heróis entre o clero alemão - um deles, o Padre Meyer, recentemente canonizado, e cujo busto de bronze é um local de peregrinação no centro da moderna, alegre, rica e sofisticada Munique, uma metrópole de quase 2 milhões de habitantes. E há personagens de comportamento para lá de duvidoso, especialmente na hierarquia das duas principais igrejas alemãs.

Ratzinger tirou de tudo isso conclusões que não são apenas suas, mas orientam boa parte de sua conduta enquanto dirigente político (se assim se quiser) de uma instituição vital na formação dos valores e consciências que permitem que sociedades (e o Estado) funcionem: o de que a Igreja perde sua orientação e fracassa em sua missão ao negociar seus princípios e se deixar levar por correntes seculares de pensamento. E o que mais o perturba é uma modernidade que dá ao indivíduo extraordinário padrão de vida material, ao mesmo tempo não é capaz de fornecer aquilo que todo ser humano mais necessita: amor.

Na crítica à modernidade há uma notável convergência de pontos de vista, ou, melhor, de convicções entre o Papa, entre filósofos como Jürgen Habermas (com quem ele travou um já épico diálogo, há dois anos) e alguns dos críticos mais conhecidos de Ratzinger, como o teólogo suíço Hans Küng (que foi seu mentor e professor) e o brasileiro Leonardo Boff. Onde as divergências, ao que tudo indica, são irreconciliáveis é no campo das propostas de



ação para a Igreja -exatamente o ponto que Bento XVI veio tratar com o Celam, na conferência que ele inaugura neste domingo (13) em Aparecida.

Boff e Küng costumam dizer que a visão de mundo do Papa jamais foi muito mais longe do que sua querida Baviera, apesar, como reitera Küng, da brilhante mente acadêmica, cultura e vasto conhecimento filosófico de Ratzinger, o teólogo. Há, de fato, questões morais levantadas pelo avanço científico e tecnológico (as ligadas às biociências são apenas algumas delas) com as quais ninguém supunha ter de lidar ainda há trinta anos. Mas, para o horizonte de tempo com o qual age a Igreja, são questões que ainda mal começaram a ser formuladas.

Confesso que voltei da viagem ao mundo do Papa com mais perguntas na cabeça do que respostas. Considero Ratzinger um intelectual por demais sofisticado, brilhante e articulado para ser engavetado como “conservador”, “dogmático” ou “burocrata da cúria”. Acho que sua Baviera não explica tudo, mas dá a nós uma ideia do que é uma parte do mundo do Papa. Não é possível a partir daquele lugar tentar esclarecer como o Papa vai agir, mas se ele mesmo diz que seu coração “bate bávaro” (“mein Herz schlägt bayrisch”), é sempre bom saber como anda seu pulso.

Com a câmera de Hélio Alvarez e a edição de imagens de Dario de Oliveira, o resultado da viagem ao mundo do Papa foi ao ar na noite de quarta feira (9) no Jornal da Globo, dentro de uma série especial de reportagens batizada de “católicos”.

Fonte:

WAACK, Willian. **Uma viagem ao coração do Papa Bento XVI**. Disponível em:

<[www.g1.com](http://www.g1.com)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

## **ANEXO 13: Discurso do Papa Bento XVI aos jovens em São Paulo.**

Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo

Quinta-feira, 10 maio de 2007

*Queridos jovens! Queridos amigos e amigas!*

«*Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres [...] Depois, vem e segue-me*» (Mt 19,21).

1. Desejei ardentemente encontrar-me convosco nesta minha primeira viagem à América Latina. Vim para abrir a V Conferência do Episcopado Latino-americano que, por meu desejo, vai realizar-se em Aparecida, aqui no Brasil, no Santuário de Nossa Senhora. Ela nos coloca aos pés de Jesus para aprendermos suas lições sobre o Reino e impulsionar-nos a ser seus missionários, para que os povos deste "Continente da Esperança" tenham, n'Ele, vida plena.

Os vossos Bispos do Brasil, na sua Assembleia Geral do ano passado, refletiram sobre o tema da evangelização da juventude e colocaram em vossas mãos um documento. Pediram que fosse acolhido e aperfeiçoado por vós durante todo o ano. Nesta última Assembleia retomaram o assunto, enriquecido com vossa colaboração, e desejam que as reflexões feitas e as orientações propostas sirvam como incentivo e farol para vossa caminhada. As palavras do Arcebispo de São Paulo e do encarregado da Pastoral da Juventude, as quais agradeço, bem atestam o espírito que move a todos vocês.

Ontem pela tarde, ao sobrevoar o território brasileiro, pensava já neste nosso encontro no Estádio do Pacaembu, com o desejo de dar um grande abraço bem brasileiro a todos vós, e manifestar os sentimentos que levo no íntimo do coração e que, bem a propósito, o Evangelho de hoje nos quis indicar.

Sempre experimentei uma alegria muito especial nestes encontros. Lembro-me particularmente da *Vigésima Jornada Mundial da Juventude*, que tive a ocasião de presidir há dois anos atrás na Alemanha. Alguns dos que estão aqui também lá estiveram! É uma lembrança comovedora, pelos abundantes frutos da graça enviados pelo Senhor. E não resta a menor dúvida que o primeiro fruto, dentre muitos, que pude

constatar foi o da fraternidade exemplar havida entre todos, como demonstração evidente da perene vitalidade da Igreja por todo o mundo.

2. Pois bem, caros amigos, estou certo de que hoje se renovam as mesmas impressões daquele meu encontro na Alemanha. Em 1991, o Servo de Deus o Papa João Paulo II, de venerada memória, dizia, na sua passagem pelo Mato Grosso, que os "jovens são os primeiros protagonistas do terceiro milênio [...] são vocês que vão traçar os rumos desta nova etapa da humanidade" (*Discurso* 16/10/1991). Hoje, sinto-me movido a fazer-lhes idêntica observação.

O Senhor aprecia, sem dúvida, vossa vivência cristã nas numerosas comunidades paroquiais e nas pequenas comunidades eclesiais, nas Universidades, Colégios e Escolas e, especialmente, nas ruas e nos ambientes de trabalho das cidades e dos campos. Trata-se, porém, de ir adiante. Nunca podemos dizer basta, pois a caridade de Deus é infinita e o Senhor nos pede, ou melhor, nos exige dilatar nossos corações para que neles caibam sempre mais amor, mais bondade, mais compreensão pelos nossos semelhantes e pelos problemas que envolvem não só a convivência humana, mas também a efetiva preservação e conservação da natureza, da qual todos fazem parte. "Nossos bosques têm mais vida": não deixeis que se apague esta chama de esperança que o vosso Hino Nacional põe em vossos lábios. A devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de suas populações requerem um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação que a sociedade vem solicitando.

3. Hoje quero convosco refletir sobre o texto de São Mateus (19, 16-22), que acabamos de ouvir. Fala de um jovem. Ele veio correndo ao encontro de Jesus. Merece destaque a sua ânsia. Neste jovem vejo a todos vós, jovens do Brasil e da América Latina. Viestes correndo de diversas regiões deste Continente para nosso encontro. Quereis ouvir, pela voz do Papa, as palavras do próprio Jesus.

Tendes uma pergunta crucial, referida no Evangelho, a Lhe fazer. É a mesma do jovem que veio correndo ao encontro com Jesus: *o que fazer para alcançar a vida eterna?* Gostaria de aprofundar convosco esta pergunta. Trata-se da vida. A vida que, em vós, é exuberante e bela. O que fazer dela? Como vivê-la plenamente?

Logo entendemos, na formulação da própria pergunta, que não basta o aqui e agora, ou seja, nós não conseguimos delimitar nossa vida ao espaço e ao tempo, por mais que pretendamos estender seus horizontes. A vida os transcende. Em outras palavras, queremos viver e não morrer. Sentimos que algo nos revela que a vida é eterna e que é necessário empenhar-se para que isto aconteça. Em outras palavras, ela está em nossas mãos e depende, de algum modo, da nossa decisão.

A pergunta do Evangelho não contempla apenas o futuro. Não trata apenas de uma questão sobre o que acontecerá após a morte. Há, ao contrário, um compromisso com o presente, aqui e agora, que deve garantir autenticidade e conseqüentemente o futuro. Numa palavra, a pergunta questiona o sentido da vida. Pode por isso ser formulada assim: que devo fazer para que minha vida tenha sentido? Ou seja: como devo viver para colher plenamente os frutos da vida? Ou ainda: que devo fazer para que minha vida não transcorra inutilmente?

Jesus é o único capaz de nos dar uma resposta, porque é o único que nos pode garantir vida eterna. Por isso também é o único que consegue mostrar o sentido da vida presente e dar-lhe um conteúdo de plenitude.

4. Antes, porém, de dar sua resposta, Jesus questiona a pergunta do jovem num aspecto muito importante: por que me chamas de bom? Nesta pergunta se encontra a chave da resposta. Aquele jovem percebeu que Jesus é bom e que é mestre. Um mestre que não engana. Nós estamos aqui porque temos esta mesma convicção: Jesus é bom. Podemos não saber dar toda a razão desta percepção, mas é certo que ela nos aproxima dele e nos abre ao seu ensinamento: um mestre bom. Quem reconhece o bem é sinal que ama. E quem ama, na feliz expressão de São João, conhece Deus (cf. *1Jo* 4,7). O jovem do Evangelho teve uma percepção de Deus em Jesus Cristo.

Jesus nos garante que só Deus é bom. Estar aberto à bondade significa acolher Deus. Assim Ele nos convida a ver Deus em todas as coisas e em todos os acontecimentos, mesmo lá onde a maioria só vê a ausência de Deus. Vendo a beleza das criaturas e constatando a bondade presente em todas elas, é impossível não crer em Deus e não fazer uma experiência de sua presença salvífica e consoladora. Se nós conseguíssemos ver todo o bem que existe no mundo e, ainda mais, experimentar o bem que provém do

próprio Deus, não cessaríamos jamais de nos aproximar dele, de O louvar e Lhe agradecer. Ele continuamente nos enche de alegria e de bens. Sua alegria é nossa força.

Mas nós não conhecemos senão de forma parcial. Para perceber o bem necessitamos de auxílios, que a Igreja nos proporciona em muitas oportunidades, principalmente pela catequese. Jesus mesmo explicita o que é bom para nós, dando-nos sua primeira catequese. «*Se queres entrar na vida, observa os mandamentos*» (Mt 19,17). Ele parte do conhecimento que o jovem já obteve certamente de sua família e da Sinagoga: de fato, ele conhece os mandamentos. Eles conduzem à vida, o que equivale a dizer que eles nos garantem autenticidade. São as grandes balizas a nos apontarem o caminho certo. Quem observa os mandamentos está no caminho de Deus.

Não basta conhecê-los. O testemunho vale mais que a ciência, ou seja, é a própria ciência aplicada. Não são impostos de fora, nem diminuem nossa liberdade. Pelo contrário: constituem impulsos internos vigorosos, que nos levam a agir nesta direção. Na sua base está a graça e a natureza, que não nos deixam parados. Precisamos caminhar. Somos impelidos a fazer algo para nos realizarmos a nós mesmos. Realizar-se, através da ação, na verdade, é tornar-se real. Nós somos, em grande parte, a partir de nossa juventude, o que nós queremos ser. Somos, por assim dizer, obra de nossas mãos.

5. Nesta altura volto-me, de novo, para vós, jovens, querendo ouvir também de vós a resposta do jovem do Evangelho: tudo isto tenho observado desde a minha juventude. O jovem do Evangelho era bom. Observava os mandamentos. Estava pois no caminho de Deus. Por isso Jesus fitou-o com amor. Ao reconhecer que Jesus era bom, testemunhou que também ele era bom. Tinha uma experiência da bondade e por isso, de Deus. E vós, jovens do Brasil e da América Latina? Já descobristes o que é bom? Seguis os mandamentos do Senhor? Descobristes que este é o verdadeiro e único caminho para a felicidade?

Os anos que vós estais vivendo são os anos que preparam o vosso futuro. O "amanhã" depende muito de como estais vivendo o "hoje" da juventude. Diante dos olhos, meus queridos jovens, tendes uma vida que desejamos seja longa; mas é uma só, é única: não a deixeis passar em vão, não a desperdiceis. Vivei com entusiasmo, com alegria, mas, sobretudo, com senso de responsabilidade.

Muitas vezes sentimos trepidar nossos corações de pastores, constatando a situação de nosso tempo. Ouvimos falar dos medos da juventude de hoje. Revelam-nos um enorme déficit de esperança: medo de morrer, num momento em que a vida está desabrochando e procura encontrar o próprio caminho da realização; medo de sobrar, por não descobrir o sentido da vida; e medo de ficar desconectado diante da estonteante rapidez dos acontecimentos e das comunicações. Registramos o alto índice de mortes entre os jovens, a ameaça da violência, a deplorável proliferação das drogas que sacode até a raiz mais profunda a juventude de hoje. Fala-se por isso, seguidamente, de uma juventude perdida.

Mas olhando para vós, jovens aqui presentes, que irradiais alegria e entusiasmo, assumo o olhar de Jesus: um olhar de amor e confiança, na certeza de que vós encontrastes o verdadeiro caminho. Sois jovens da Igreja. Por isso Eu vos envio para a grande missão de evangelizar os jovens e as jovens, que andam por este mundo errantes, como ovelhas sem pastor. *Sede os apóstolos dos jovens*. Convidai-os para que venham convosco, façam a mesma experiência de fé, de esperança e de amor; encontrem-se com Jesus, para se sentirem realmente amados, acolhidos, com plena possibilidade de realizar-se. Que também eles e elas descubram os caminhos seguros dos Mandamentos e por eles cheguem até Deus.

Podeis ser protagonistas de uma sociedade nova se procurais pôr em prática uma vivência real inspirada nos valores morais universais, mas também um empenho pessoal de formação humana e espiritual de vital importância. Um homem ou uma mulher despreparados para os desafios reais de uma correta interpretação da vida cristã do seu meio ambiente será presa fácil a todos os assaltos do materialismo e do laicismo, sempre mais atuantes em todos os níveis.

Sede homens e mulheres livres e responsáveis; fazei da família um foco irradiador de paz e de alegria; sede promotores da vida, do início ao seu natural declínio; amparai os anciãos, pois eles merecem respeito e admiração pelo bem que vos fizeram. O Papa também espera que os jovens procurem santificar seu trabalho, fazendo-o com competência técnica e com laboriosidade, para contribuir ao progresso de todos os seus irmãos e para iluminar com a luz do Verbo todas as atividades humanas (cf. *Lumen Gentium*, n. 36). Mas, sobretudo, o Papa espera que saibam ser protagonistas de uma sociedade mais justa e mais fraterna, cumprindo as obrigações frente ao Estado:

respeitando as suas leis; não se deixando levar pelo ódio e pela violência; sendo exemplo de conduta cristã no ambiente profissional e social, distinguindo-se pela honestidade nas relações sociais e profissionais. Tenham em conta que a ambição desmedida de riqueza e de poder leva à corrupção pessoal e alheia; não existem motivos para fazer prevalecer as próprias aspirações humanas, sejam elas econômicas ou políticas, com a fraude e o engano.

Definitivamente, existe um imenso panorama de ação no qual as questões de ordem social, econômica e política ganham um particular relevo, sempre que haurirem sua fonte de inspiração no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. A construção de uma sociedade mais justa e solidária, reconciliada e pacífica; a contenção da violência e as iniciativas que promovam a vida plena, a ordem democrática e o bem comum e, especialmente, aquelas que visem eliminar certas discriminações existentes nas sociedades latino-americanas e não são motivo de exclusão, mas de recíproco enriquecimento.

Tende, sobretudo, um grande respeito pela instituição do Sacramento do Matrimônio. Não poderá haver verdadeira felicidade nos lares se, ao mesmo tempo, não houver fidelidade entre os esposos. O matrimônio é uma instituição de direito natural, que foi elevado por Cristo à dignidade de Sacramento; é um grande dom que Deus fez à humanidade. Respeitai-o, venerai-o. Ao mesmo tempo, Deus vos chama a respeitar-vos também no namoro e no noivado, pois a vida conjugal que, por disposição divina, está destinada aos casados é somente fonte de felicidade e de paz na medida em que souberdes fazer da castidade, dentro e fora do matrimônio, um baluarte das vossas esperanças futuras. Repito aqui para todos vós que «o *eros* quer nos conduzir para além de nós próprios, para Deus, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos» (Carta encl. *Deus caritas est*, (25/12/2005), n. 5). Em poucas palavras, requer espírito de sacrifício e de renúncia por um bem maior, que é precisamente o amor de Deus sobre todas as coisas. Procurai resistir com fortaleza às insídias do mal existente em muitos ambientes, que vos leva a uma vida dissoluta, paradoxalmente vazia, ao fazer perder o bem precioso da vossa liberdade e da vossa verdadeira felicidade. O amor verdadeiro "procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará existir para o outro" (*Ib.* n. 7) e, por isso, será sempre mais fiel, indissolúvel e fecundo.

Para isso, contaís com a ajuda de Jesus Cristo que, com a sua graça, fará isto possível (cf. *Mt* 19,26). A vida de fé e de oração vos conduzirá pelos caminhos da intimidade com Deus, e de compreensão da grandeza dos planos que Ele tem para cada um. "Por amor do reino dos céus" (*ib.*, 12), alguns são chamados a uma entrega total e definitiva, para consagrar-se a Deus na vida religiosa, "*exímio dom da graça*", como foi definido pelo Concílio Vaticano II (Decr. *Perfectae caritatis*, n.12). Os consagrados que se entregam totalmente a Deus, sob a moção do Espírito Santo, participam na missão de Igreja, testemunhando a esperança no Reino celeste entre todos os homens. Por isso, abençoo e invoco a proteção divina a todos os religiosos que dentro da seara do Senhor se dedicam a Cristo e aos irmãos. As pessoas consagradas merecem, verdadeiramente, a gratidão da comunidade eclesial: monges e monjas, contemplativos e contemplativas, religiosos e religiosas dedicados às obras de apostolado, membros de institutos seculares e das sociedades de vida apostólica, eremitas e virgens consagradas. "A sua existência dá testemunho do amor a Cristo quando eles se encaminham pelo seu seguimento, tal como este se propõe no Evangelho e, com íntima alegria, assumem o mesmo estilo de vida que Ele escolheu para Si" (Congr. para os Inst. de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: Instr. *Partir de Cristo*, n. 5). Faço votos de que, neste momento de graça e de profunda comunhão em Cristo, o Espírito Santo desperte no coração de tantos jovens um amor apaixonado no seguimento e imitação de Jesus Cristo casto, pobre e obediente, voltado completamente à glória do Pai e ao amor dos irmãos e irmãs.

6. O Evangelho nos assegura que aquele jovem, que veio correndo ao encontro de Jesus, era muito rico. Entendemos esta riqueza não apenas no plano material. A própria juventude é uma riqueza singular. É preciso descobri-la e valorizá-la. Jesus lhe deu tal valor que convidou esse jovem para participar de sua missão de salvação. Tinha todas as condições para uma grande realização e uma grande obra.

Mas o Evangelho nos refere que esse jovem se entristeceu com o convite. Foi embora abatido e triste. Este episódio nos faz refletir mais uma vez sobre a riqueza da juventude. Não se trata, em primeiro lugar, de bens materiais, mas da própria vida, com os valores inerentes à juventude. Provém de uma dupla herança: a vida, transmitida de geração em geração, em cuja origem primeira está Deus, cheio de sabedoria e de amor; e a educação que nos insere na cultura, a tal ponto que, em certo sentido, podemos dizer



que somos mais filhos da cultura e por isso da fé, do que da natureza. Da vida brota a liberdade que, sobretudo nesta fase se manifesta como responsabilidade. E o grande momento da decisão, numa dupla opção: uma quanto ao estado de vida e outra quanto à profissão. Responde à questão: que fazer com a vida?

Em outras palavras, a juventude se afigura como uma riqueza porque leva à descoberta da vida como um dom e como uma tarefa. O jovem do Evangelho percebeu a riqueza de sua juventude. Foi até Jesus, o Bom Mestre, para buscar uma orientação. Mas na hora da grande opção não teve coragem de apostar tudo em Jesus Cristo. Conseqüentemente saiu dali triste e abatido. É o que acontece todas as vezes que nossas decisões fraquejam e se tornam mesquinhas e interesseiras. Sentiu que faltou generosidade, o que não lhe permitiu uma realização plena. Fechou-se sobre sua riqueza, tornando-a egoísta.

Jesus ressentiu-se com a tristeza e a mesquinhez do jovem que o viera procurar. Os Apóstolos, como todos e todas vós hoje, preenchem esta lacuna deixada por aquele jovem que se retirou triste e abatido. Eles e nós estamos alegres porque sabemos em quem acreditamos (2 *Tim* 1,12). Sabemos e testemunhamos com nossa própria vida que só Ele tem palavras de vida eterna (*Jo* 6,68). Por isso, com São Paulo, podemos exclamar: alegrai-vos sempre no Senhor (*Fil* 4,4).

7. Meu apelo de hoje, a vós jovens, que viestes a este encontro, é que *não desperdiceis vossa juventude*. Não tenteis fugir dela. Vivei-a intensamente. Consagrai-a aos elevados ideais da fé e da solidariedade humana.

Vós, jovens, não sois apenas o futuro da Igreja e da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vós sois o presente jovem da Igreja e da humanidade. Sois seu rosto jovem. A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada.

Queridos jóvenes, dentro de poco inauguraré la Quinta Conferencia del Episcopado Latinoamericano. Os pido que sigáis con atención sus trabajos; que participéis en sus debates; que recéis por sus frutos. Como ocurrió con las Conferencias anteriores, también ésta marcará de modo significativo los próximos diez años de Evangelización en América Latina y en el Caribe. Nadie debe quedar al margen o permanecer

indiferente ante este esfuerzo de la Iglesia, y mucho menos los jóvenes. Vosotros con todo derecho formáis parte de la Iglesia, la cual representa el rostro de Jesucristo para América Latina y el Caribe.

Je salue les francophones qui vivent sur le Continent latino-américain, les invitant à être des témoins de l'Évangile et des acteurs de la vie ecclésiale. Ma prière vous rejoint tout particulièrement, vous les jeunes, vous êtes appelés à construire votre vie sur le Christ et sur les valeurs humaines fondamentales. Que tous se sentent invités à collaborer pour édifier un monde de justice et de paix.

Dear young friends, like the young man in the Gospel, who asked Jesus "what must I do to have eternal life?", all of you are searching for ways of responding generously to God's call. I pray that you may hear his saving word and become his witnesses to the people of today. May God pour out upon all of you his blessings of peace and joy.

Queridos jovens, Cristo vos chama a serem santos. Ele mesmo vos convoca e quer andar convosco, para animar com Seu espírito os passos do Brasil neste início do terceiro milênio da era cristã. Peço à Senhora Aparecida que vos conduza, com seu auxílio materno e vos acompanhe ao longo da vida.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Fonte:

VATICANO. **Viagens de Bento XVI.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/travels/index\\_outside\\_italy\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/travels/index_outside_italy_po.htm)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

VATICANO. **Discursos de Bento XVI em 2007.** Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070510\\_youth-brazil\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

---

## **ANEXO 14: Primeira Bênção do Papa Francisco**

Bênção Apostólica "Urbi et Orbi". 13/03/2013

Irmãos e irmãs, boa-noite!

Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado! E, antes de mais nada, quero fazer uma oração pelo nosso Bispo emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.

[Recitação do Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai]

E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade. Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta cidade tão bela!

E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim.

[...] Agora dar-vos-ei a Bênção, a vós e a todo o mundo, a todos os homens e mulheres de boa vontade.

[Bênção]

Irmãos e irmãs, tenho de vos deixar. Muito obrigado pelo acolhimento! Rezai por mim e até breve! Ver-nos-emos em breve: amanhã quero ir rezar aos pés de Nossa Senhora, para que guarde Roma inteira. Boa noite e bom descanso!

Fonte: VATICANO. **Eleição do Papa Francisco**. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/elezione/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/elezione/index_po.htm). Acesso em 13 mar. 2013.

## **ANEXO 15: Mensagem na véspera do início da Copa do Mundo 2014.**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20140612\\_videomessaggio-mondiale-calcio-2014-brasile.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140612_videomessaggio-mondiale-calcio-2014-brasile.html)

Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião da Abertura da Copa do Mundo de Futebol 2014 no Brasil.

Queridos amigos,

É com grande alegria que me dirijo a vocês todos, amantes do futebol, por ocasião da abertura da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Quero enviar uma saudação calorosa aos organizadores e participantes; a cada atleta e torcedor, bem como a todos os espectadores que, no estádio ou pela televisão, rádio e internet, acompanham este evento que supera as fronteiras de língua, cultura e nação.

A minha esperança é que, além de festa do esporte, esta Copa do Mundo possa tornar-se a festa da solidariedade entre os povos. Isso supõe, porém, que as competições futebolísticas sejam consideradas por aquilo que no fundo são: um jogo e ao mesmo tempo uma ocasião de diálogo, de compreensão, de enriquecimento humano recíproco. O esporte não é somente uma forma de entretenimento, mas também - e eu diria sobretudo - um instrumento para comunicar valores que promovem o bem da pessoa humana e ajudam na construção de uma sociedade mais pacífica e fraterna. Pensemos na lealdade, na perseverança, na amizade, na partilha, na solidariedade. De fato, são muitos os valores e atitudes fomentados pelo futebol que se revelam importantes não só no campo, mas em todos os aspectos da existência, concretamente na construção da paz. O esporte é escola da paz, ensina-nos a construir a paz.

Nesse sentido, queria sublinhar três lições da prática esportiva, três atitudes essenciais para a causa da paz: a necessidade de “treinar”, o “fair play” e a honra entre os competidores. Em primeiro lugar, o esporte ensina-nos que, para vencer, é preciso treinar. Podemos ver, nesta prática esportiva, uma metáfora da nossa vida. Na vida, é preciso lutar, “treinar”, esforçar-se para obter resultados importantes. O espírito esportivo torna-se, assim, uma imagem dos sacrifícios necessários para crescer nas virtudes que constroem o carácter de uma pessoa. Se, para uma pessoa melhorar, é

preciso um “treino” grande e continuado, quanto mais esforço deverá ser investido para alcançar o encontro e a paz entre os indivíduos e entre os povos “melhorados”! É preciso “treinar” tanto...

O futebol pode e deve ser uma escola para a construção de uma “cultura do encontro”, que permita a paz e a harmonia entre os povos. E aqui vem em nossa ajuda uma segunda lição da prática esportiva: aprendamos o que o “*fair play*” do futebol tem a nos ensinar. Para jogar em equipe é necessário pensar, em primeiro lugar, no bem do grupo, não em si mesmo. Para vencer, é preciso superar o individualismo, o egoísmo, todas as formas de racismo, de intolerância e de instrumentalização da pessoa humana. Não é só no futebol que ser “fominha” constitui um obstáculo para o bom resultado do time; pois, quando somos “fominhas” na vida, ignorando as pessoas que nos rodeiam, toda a sociedade fica prejudicada.

A última lição do esporte proveitosa para a paz é a honra devida entre os competidores. O segredo da vitória, no campo, mas também na vida, está em saber respeitar o companheiro do meu time, mas também o meu adversário. Ninguém vence sozinho, nem no campo, nem na vida! Que ninguém se isole e se sinta excluído! Atenção! Não à segregação, não ao racismo! E, se é verdade que, ao término deste Mundial, somente uma seleção nacional poderá levantar a taça como vencedora, aprendendo as lições que o esporte nos ensina, todos vão sair vencedores, fortalecendo os laços que nos unem.

Queridos amigos, agradeço a oportunidade que me foi dada de lhes dirigir estas palavras neste momento – de modo particular à Excelentíssima Presidenta do Brasil, Senhora Dilma Rousseff, a quem saúdo – e prometo minhas orações para que não falem as bênçãos celestiais sobre todos. Possa esta Copa do Mundo transcorrer com toda a serenidade e tranquilidade, sempre no respeito mútuo, na solidariedade e na fraternidade entre homens e mulheres que se reconhecem membros de uma única família. Muito obrigado!

Fonte:

VATICANO. **Mensagem do Papa Francisco.** Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20140612\\_videomessaggio-mondiale-calcio-2014-brasile.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140612_videomessaggio-mondiale-calcio-2014-brasile.html)>. Acesso em: 12 jul. 2014.

## **ANEXO 16: Entrevista com Padre Antonio Spadaro.**

Entrevista concedida ao jornalista Gerson Camarotti em 1º de novembro de 2013.

**Gerson Camarotti:** Pe. Spadaro, qual a sua visão do Brasil? Quantas vezes o senhor já esteve no Brasil? Como o senhor vê a Igreja do Brasil?

**Padre Spadaro:** Vejo uma Igreja muito dinâmica, especialmente muito jovem. Quem vem da Europa está acostumado a uma Igreja mais velha, digamos um pouco cansada, enfrentando tantos desafios, mas, ao mesmo tempo, precisando de novas energias, como as que encontro aqui no Brasil. Tenho tido muitas experiências com jovens, especialmente aqueles que trabalham com comunicação na Igreja, aqui no Brasil. Tenho escutado experiências extraordinárias de energia, força e inteligência.

**G.C.:** Este seria o paralelo, talvez: o papa Francisco traria experiências novas para o seu pontificado?

**P.S.:** Certamente o Papa Francisco carrega consigo toda a sua experiência, espiritual e pastoral. Para compreender seu pontificado, penso que seja importante destacar duas raízes: sua espiritualidade inaciana, como jesuíta, na qual se formou por tantos anos e a grande experiência de vida pastoral, missionária, no ambiente latino americano. O Papa carrega (...) a qualidade dos relacionamentos, a importância do encontro interpessoal que se vive nesta terra. Logo, com certeza, o Papa Francisco tem nas suas “cordas mais profundas”, a relação e a experiência com a Igreja latino americana.

**G.C.:** Como o senhor vê a experiência do primeiro Papa Jesuíta? O que é que muda?

**P.S.:** Essa é uma bela pergunta, não é fácil responde-la. Certamente nós Jesuítas, fomos muito tocados pela sua eleição. Não tendo nunca imaginado um Papa Jesuíta. Os Jesuítas se imaginam a serviço do Papa, mas não “Papás”. O motivo pelo qual o jesuíta faz o voto de especial obediência ao Papa, como um quarto voto além da pobreza, da castidade e da obediência, é porque o Papa tem uma perspectiva universal da Igreja. Em consequência, se um de nós torna-se Papa, provavelmente poderá servir a Igreja em uma posição de universalidade. Fiz essa pergunta ao Papa Francisco – o que significa ser um Papa Jesuíta? – e ele me respondeu dizendo que a espiritualidade inaciana preenche completamente a sua pessoa e lhe dá, em particular, capacidade de discernimento. (...) Papa Francisco é uma pessoa que encarna o discernimento em todas as suas escolhas,

em toda a sua vida. Portanto, cada decisão, cada escolha, é amadurecida num processo de oração a partir dos sinais que ele vê da história. É uma pessoa contemplativa na ação, olha para aquilo que acontece, olha para a história, para os desafios e mergulha, então, na oração.

**G.C.:** Ele fala muito na sua entrevista sobre discernimento:

**P.S.:** Sim. Muitos estão convencidos que o Papa tenha ideias claras, um projeto preciso. Dei-me conta de que não é assim: o Papa tem muito claro o seu ponto de partida, tem consciência da dinâmica da história do presente e, assim, move-se na perspectiva de que o caminho se faz caminhando, como na música do cancionero latino-americano. Logo, ao tomar suas decisões, consulta outros, reza sobre a decisão e depois a toma. Em consequência, não é um Papa que age tendo todas as ideias já muito claras. É um Papa que vive um caminho que se abre na medida em que caminha. Isto é discernimento.

**G.C.:** Essas mudanças, o Papa é muito cauteloso...

**P.S.:** Depende. Tem várias percepções. O próprio Papa, na entrevista, disse que tem consciência de que alguns acham que as mudanças são muito lentas. Na realidade, para ele, não são lentas. É necessário, para mudar totalmente uma realidade, de um processo lento, feito sempre, como eu disse antes, em comunhão com os outros, no diálogo e na oração. Afirmo: a velocidade é aquela justa.

**P.S.:** As mudanças que ele está propondo, as quais são muito mais profundas do que se pensa, estão sendo acolhidas com grande entusiasmo por muitos e com qualquer preocupação por alguns. Não há unanimidade nisso. Porém, certamente podemos dizer que uma grande parte do povo de Deus tem plena consciência desse processo de mudança e as desejam.

**G.C.:** Qual é a reação da ala mais tradicionalista da igreja...

**P.S.:** Direi que o Papa quer uma Igreja com as portas abertas: quer uma Igreja Pastoral, uma igreja em missão, uma vez que esses são elementos fundamentais para o resgate da igreja de hoje. Alguns poucos estão preocupados, pois pensam que essa atenção à missionariedade pode levar ao risco de perder alguma coisa. Na verdade, não é assim. Quando o papa diz que a igreja deve estar de portas abertas, não diz apenas que as pessoas devem poder entrar, mas diz antes de tudo uma outra coisa, diz que dentro da

igreja está o grande tesouro do Evangelho: o Senhor, que deve sair pelas portas abertas da igreja. Assim, toda a preocupação de mantê-Lo prisioneiro, manter Jesus dentro da igreja, é uma preocupação que precisa ser abandonada e não é a preocupação do Papa, porque a sua preocupação é que o Evangelho chegue a todos.

**P.S.:** Eu penso que se usam categorias próprias dos vaticanistas, ser conservador, ser progressista, ser tradicionalista, ser aberto, ser liberal... Na realidade são todas categorias que com este papa são inúteis, não servem mais para entendê-lo. Podemos dizer que o Papa é conservador? Não. Podemos dizer que o papa é progressista? Não. É preciso considerar a sua originalidade deste pontificado. Eu direi que todas essas barreiras entre tradicionalistas e liberais são categorias que não servem mais para entender o que está acontecendo.

**P.S.:** Uma coisa me chamou atenção, durante a conversa com o Papa Francisco: o seu profundo sentimento Inaciano. Carisma dos Jesuítas vivido em primeira pessoa. Assim, se eu devesse dizer qual foi a parte mais importante da entrevista – talvez eu esteja exagerando – eu diria foi a primeira, na qual ele fala da sua experiência como jesuíta. Por um motivo muito simples: por que, falando dos jesuítas, ele fala de si mesmo? Porque há um entendimento maior do que se está falando. Falando dos jesuítas, diz que são verdadeiramente Jesuítas quando colocam Cristo no centro. Cristo é uma espécie de horizonte (das suas vidas), em direção ao qual os Jesuítas caminham. Assim, diz o Papa, o Jesuíta é um homem “incompleto”... um homem de pensamento incompleto, exatamente porque vive esta tensão dinâmica e é a mesma, seja em direção ao Senhor e na direção da Missão. E é a mesma dinâmica, a mesma tensão profunda que o Papa sente que a Igreja deveria viver. Em consequência, essa primeira parte da entrevista nos ajuda a entender melhor o retrato do Papa Francisco e a missão da Igreja.

**P.S.:** Certamente, certamente. Aquilo que está acontecendo hoje na Igreja começou com Bento XVI. Provavelmente o primeiro a entender que a Igreja estava vivendo um momento particular da sua história foi o Papa Bento XVI, que falou dos grandes desafios da Igreja. O Papa Francisco recolheu estes desafios e no fundo esse grande sucesso que o Papa Francisco está conquistando é, para ele mesmo, um mistério. Ele me disse na entrevista, mais de uma vez: “Mas não sou eu. É o Senhor”. Ele reconhece que a Igreja está vivendo um momento muito particular da sua história, no qual o espírito do



Senhor sopra. Direi... Esta atenção das pessoas à mensagem que ele proclama, e que é apenas o Evangelho, marca com força a sua opção de fundo.

**P.S.:** Um dos problemas fundamentais que o Papa encontrava na sua vida como Jesuíta, como ele diz na entrevista, é o fato de que ele consultava muito pouco. Não tinha grupos de consulta, tomava decisões imediatas, autônomas, muito pessoais. É um aspecto do Papa Francisco que nós não conhecíamos, muito diferente como ele tem se apresentado. Assim, o Papa, aprendeu, por experiência pessoal, a importância da troca de opiniões, ouvir os conselheiros, da discussão com os outros, do diálogo. E também da importância das Comissões de trabalho. O Papa convocou essa comissão de oito cardeais porque era o desejo expresso nas congregações que antecederam o Conclave, para ter essa forma mais ampla de consulta. Certamente esta convocação será um ponto importante da situação de governo. O fato de ter pessoas que com ele, juntos, compreendem aquilo que é importante para a Igreja hoje. Um outro ponto muito importante: a missão delegada as conferências Episcopais. O Papa acredita muito na sinodalidade, na colegialidade. Penso que se exprimiu mais de uma vez na entrevista contra o excessivo centralismo romano. Logo, o fato de que o Papa criou esta comissão lhe dará mais espaços episcopais, vai criar uma dinâmica de maior colegialidade.

**P.S.:** São realmente tantos os desafios. Eu penso que um dos desafios maiores seja a compreensão que o homem tem de si mesmo. Nos dias de hoje, o homem não se entende como antigamente, está exatamente mudando a maneira de ver a si mesmo, enquanto ser humano. Então o desafio é como proclamar o Evangelho vivendo essas grandes mudanças. Quando o Papa diz que não é preciso ser “fissurado” por alguns temas da moral, por exemplo, na pregação, no fundo ele quer dizer isso: nós podemos refletir sobre temas morais, mas o que está fugindo do nosso controle é o homem. O Evangelho não o atinge mais. Aqui há uma opção querigmática, do anúncio do Evangelho à todos, na maneira mais ampla e profunda possível. Todos os temas vão ser consequência. No fundo, o grande desafio é, hoje, como anunciar o Evangelho a todos.

**P.S.:** O Papa sente que não é mais suficiente apenas falar, porque as pessoas não entendem mais apenas palavras, é preciso unir palavras e gestos. E estes são para ele, absolutamente fundamentais. Nós vemos que as suas palavras são eficazes porque são acompanhadas com o seu testemunho pessoal, por exemplo, a sua simplicidade, a sua transparência. Quando fala dos povos, dos marginalizados, ele vai ao encontro deles.

Foi a Lampedusa, a Assis, falou com clareza. Assim quando fala de uma Igreja que abraça o homem, o Papa abraça concretamente as pessoas, sobretudo os mais fracos, as pessoas em dificuldade. Eu diria que o Papa vive uma comunicação profundamente integrada. Não faz sermões, mas age, e as suas ações falam. E neste sentido, é absolutamente eficaz.

**P.S.:** A Igreja não é um monolito, uma pedra única. Não existe um pensamento único. Na Igreja convivem posições diversas, se discute e se dialoga. Logo o Papa não pode pretender tornar a Igreja um bloco único de pensamento monolítico, convergente. O desafio consiste em criar comunhão, mostrar que as diferenças não são diferenças que criam distâncias, mas que podem viver bem juntas. Na verdade isso não toca apenas a Igreja, a Igreja Católica. A intenção do Papa é uma forma de ecumenismo profundo, o qual o diálogo se aprofunda e se vive o Evangelho juntos. Eu diria que o esforço do Papa é de derrubar barreiras, mas sem prejudicar a liberdade do diálogo. Uma coisa que me chamou atenção na entrevista é que o Papa é muito aberto à críticas. Ele me disse uma coisa antes de começar a entrevista: “Se eu digo alguma coisa que não te convença, que te pareça errado, chame a minha atenção e refletiremos, ora”. Que um Papa diga “se digo alguma coisa de errado tu, por favor, me avise”, isso me impressionou profundamente.

**P.S.:** Entre os dois Pontificados existem muitos elementos semelhantes e muitas diferenças. Cada Pontificado deve ser lido em si mesmo, na sua originalidade. No entanto, o Papa Francisco assumiu como tarefa do seu Pontificado as questões que levaram o Papa João XXIII a levar ao Concílio Vaticano II. Durante a minha entrevista, fiz uma pergunta ao Papa exatamente sobre o Concílio. Eu esperava uma resposta muito longa, mas a resposta foi breve, por um motivo muito simples: para o Papa, não há necessidade de falar ao mundo sobre o que é óbvio, no Vaticano II é um momento não eliminável do diálogo entre o Evangelho e a cultura contemporânea. Logo, não há necessidade de ficar falando disso. Porém continua que é preciso ir adiante, o Vaticano II não pode ser uma pedra final, mas, ao contrário, criou uma dinâmica que deve ser continuada. Neste caso, a coragem do Papa Francisco me parece ser muito semelhante à do Papa João XXIII.

**P.S.:** É uma tentativa. Mais que mudar a imagem da Igreja, é falar do homem de hoje. Para ele esses temas são importantes. Evidentemente, ele se declarou também filho da

Igreja, mas para ele estes assuntos podem se tornar um muro intransponível para as pessoas. Então, como o Papa quer realmente atingir o homem de hoje, levar o homem de hoje a mensagem do Evangelho, a primeira coisa a fazer é enunciar o Evangelho. Todo o resto é importante, mas é preciso um grande respeito para as situações individuais. Como na entrevista que fez no avião, voltando do Rio para Roma, disse: “Quem sou eu para julgar?”. O papa tem um comportamento de grande respeito pela liberdade na qual se constrói a relação entre Deus e o homem. O Papa tem um grande respeito pela relação profunda, pessoal, entre Deus e cada ser humano. Então, a primeira coisa para ele é proclamar o Evangelho. O resto vem em consequência.

**P.S.:** Com certeza. Chama a atenção uma coisa, pelo menos na Itália, há uma espécie de dialética entre continuidade e descontinuidade. O Papa vive a sua completa originalidade. Assim, ao mesmo tempo que dá continuação aos seus antecessores, ele traz elementos de descontinuidade. O pontificado de João Paulo II estava ligado a uma Igreja dos anos 80, de uma Igreja perseguida pelo comunismo, de uma Igreja diante das massas. Bento XVI, um Papa alemão, professor, profundo, de grande espiritualidade, portanto insistiu muito a interioridade. O Papa Francisco é a expressão da Igreja Latino-Americana, que sente a necessidade de um novo anúncio do Evangelho, de uma atitude mais pastoral e missionária. Nesse sentido, com certeza há uma mudança de tom.

**P.S.:** O tradicionalismo, do modo que nós o entendemos, é um modo de cristalizar, bloquear, parar, a mensagem do Evangelho em comportamentos e práticas que pretendem ser comportamentos e prática ideais. Na realidade, o Evangelho tem que ser anunciado ao homem de hoje. Assim, o uso do latim, por exemplo, é possível, mas não deve se tornar uma ideologia, porque o Evangelho deve ser transmitido na linguagem dos homens. É só um exemplo. É preciso ter muita atenção para não cristalizar o Evangelho em formas que depois o deixam inacessível aos homens.

**P.S.:** Nova, mas já escrita no Evangelho, na realidade. O Senhor amava as prostitutas e os publicanos. Sim, na realidade não tem nada de novo a única coisa nova, sempre nova, é o Evangelho. Certamente, este Papa é muito sensível às fronteiras. A primeira vez que eu pedi ao Papa para fazer a entrevista, foi em junho, antes da audiência que ele depois concedeu aos Jesuítas da Civiltà Cattolica. Naquela ocasião, ele nos disse: “Vocês devem viver nas fronteiras”. Mas me disse, em um diálogo interpessoal, que estávamos só nós dois, que falaria das fronteiras, mas me disse: “Atenção, quando falo das

fronteiras, não quero dizer que vocês devem andar as fronteiras para coloniza-las, mas quero dizer que vocês devem andar para viver ali”. Então, o Papa faz muito questão que o Evangelho se encarne fora dos confins, dos limites da Igreja. Por isso pede de modo particular a nós, Jesuítas, que temos no nosso DNA, no nosso código genético, a missão de irmos as fronteiras, de sermos completamente abertos, e anunciarmos o Evangelho mesmo em locais nos quais o Evangelho, aparentemente, nunca foi anunciado. O Papa tem muita confiança que Deus está trabalhando no mundo. Nesse sentido O Papa não é otimista, mas é profundamente aberto à esperança. Para o Papa, Deus age/opera nesse mundo como sempre.

**P.S.:** O Papa é perfeito nesse sentido, como comunicador. O que é estranho, porque o Papa é uma pessoa que tem 76 anos, portanto, aparentemente fora das dinâmicas da comunicação ordinária. Francisco é um homem da pastoral, que sempre esteve em meio as pessoas, sabe como se comunicar. Não como estratégia, ele não é um estrategista. Mas é uma pessoa humana que sabe como dividir a sua vida com os outros. O que me chama atenção, de maneira particular - poderíamos falar longamente sobre isso -, é a sua capacidade de comunicar-se, de transmitir a mensagem do púlpito, sua capacidade de mover as pessoas. Vimos isso aqui no Rio de Janeiro. Às vezes as suas orações são diálogos, pedem as pessoas que repitam, pergunta as pessoas quais são as escolhas, portanto as pessoas interagem. Para ele, comunicar-se significa partilhar, criar relações, não transmitir uma mensagem, de cima para baixo.

Fonte:

SPADARO, André. **Entrevista concedida a Gerson Camarotti** (Globo News, 01/11/2013). Disponível em: <[www.g1.com](http://www.g1.com)>. Acesso em: 10 nov. 2013.